

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

ELYNE GISELLE DE SANTANA LIMA AGUIAR VITÓRIO

**TER/HAVER EXISTENCIAIS NA FALA ALAGOANA: VARIAÇÃO ESTÁVEL OU  
MUDANÇA EM PROGRESSO?**

MACEIÓ-AL

2012

ELYNE GISELLE DE SANTANA LIMA AGUIAR VITÓRIO

**TER/HAVER EXISTENCIAIS NA FALA ALAGOANA: VARIAÇÃO ESTÁVEL OU  
MUDANÇA EM PROGRESSO?**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística, sob a orientação do Prof. Dr. Aldir Santos de Paula.

MACEIÓ/AL

2012

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos**

V845t Vitório, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar.  
Ter/haver existenciais na fala alagoana : variação estável ou mudança em progresso? / Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório. – 2012.  
149 f. : il.

Orientador: Aloir Santos de Paula.  
Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2012.

Bibliografia: f. 133-145.  
Anexos: f. 146-149.

1. Língua falada. 2. Variação linguística. 3. Mudança linguística. 4. Verbo ter existencial. 5. Verbo haver existencial. 6. Fala alagoana. I. Título.

CDU: 800.855



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA



PPGLL

## TERMO DE APROVAÇÃO

ELYNE GISELLE DE SANTANA LIMA AGUIAR VITÓRIO

Título do trabalho: "TER/HAVER EXISTENCIAIS NA FALA ALAGOANA: VARIACÃO ESTÁVEL OU MUDANÇA EM PROGRESSO"

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Aadir Santos de Paula (PPGLL/UFAL)

Examinadores:

Profa Dra. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima (UFPE)

Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva (UFPE)

Profa Dra. Maria Denilda Moura (PPGLL/UFAL)

Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães (PPGLL/UFAL)

Maceió, 21 de maio de 2012.

À minha Vó Maria de Lourdes, dedico este trabalho.

## **AGRADECIMENTOS MAIS QUE ESPECIAIS**

A toda minha família, em especial:

aos meus pais Edson e Suely, pelo amor incondicional;

ao meu marido Feliciano Vitório, pelo amor, carinho e incentivo constante;

aos meus irmãos Everthon e David, pela confiança e apoio inestimável.

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

Ao Prof. Dr. Aldir Santos de Paula, meu orientador, pelos ensinamentos valiosos, incentivo e, sobretudo, pela confiança em mim depositada desde o curso de Mestrado.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela oportunidade de realização desta pesquisa.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Aos meus informantes, que, de boa vontade, me forneceram os dados deste estudo.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márluce Coan da Universidade Federal do Ceará, pelo apoio desde o início deste estudo no Curso de Especialização em Linguística na Universidade Federal do Ceará.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denilda Moura, pelos ensinamentos constantes.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Telma Magalhães, pela amizade e, principalmente, pela grandiosa contribuição no desenvolvimento desta pesquisa.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Tavares, pelas valiosas sugestões.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Stella Telles, pelas valiosas sugestões.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Januacele Costa, pelo incentivo à pesquisa e pela confiança em mim depositada.

À amiga Renata Santos, pelas horas de estudos e discussões sociolinguísticas.

À amiga Sandra Lamenha, pelo companheirismo e por me contagiar com sua alegria e otimismo.

Aos amigos Adeilson Sedrins e Marcelo Sibaldo, pelos exemplos de dedicação e profissionalismo.

Aos amigos do PPGLL, em especial, Jeylla Santos, Andressa Lacerda, Priscila Rufino, Gabriela Sóstenes, Jair Barbosa, Dariana Nunes, Liliane Dizeu, Jomson Texeira, Elaine

Santos, Poliana Pimentel, Mel Santos e Thayssa Oliveira, pelas conversas nas horas de distrações.

Aos funcionários do PPGLL da UFAL, pela atenção que sempre me dispensaram.

A todos que me fortaleceram nesta etapa de muitos afazeres, com um sorriso, uma palavra de confiança, um olhar cúmplice, um abraço carinhoso...

Ao pesquisador variacionista cabe identificar os fenômenos lingüísticos variáveis de uma dada língua, inventariar suas variantes, definindo as variáveis dependentes, levantar hipóteses que dêem conta das tendências sistemáticas da variação lingüística, operacionalizar as hipóteses através de variáveis independentes ou grupos de fatores de natureza lingüística e não lingüística, identificar, levantar e codificar os dados relevantes, submetê-los a tratamento estatístico adequados e interpretar os resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas.

(SCHERRE, 1998, p. 43)

## RESUMO

Nesta pesquisa, traçamos o perfil sociolinguístico dos falantes alagoanos em relação à variação dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, com o intuito de analisar como essa variação ocorre e de verificar se a alternância desses verbos, na fala alagoana, reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso. Para o desenvolvimento deste estudo, recorreremos à Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008[1972]) que trata da variação e da mudança linguística e contempla os usos variáveis da linguagem em seu contexto social. Dessa forma, após a delimitação da variável dependente e das variáveis independentes selecionadas como potencialmente relevantes na variação em estudo, a saber, animacidade do argumento interno, natureza do argumento interno, tempo verbal, sexo, faixa etária e escolaridade, estratificamos nossa amostra e fizemos não só a coleta e a transcrição dos dados, mas também a análise e a codificação de todas as construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver* presentes no *corpus*. Para a análise quantitativa dos dados, utilizamos o programa computacional VARBRUL, que delimitou as variáveis estatisticamente não significativas e as variáveis estatisticamente significativas na variação em estudo, mostrando não só que há variação *ter* e *haver existenciais* na comunidade estudada e que o uso de *ter existencial* é bem maior do que o uso de *haver existencial*, como também que tal variação é condicionada pelos grupos de fatores escolaridade, tempo verbal, faixa etária e natureza do argumento interno, levando-nos a argumentar que, na fala alagoana, tal variação reflete um processo de mudança em curso na direção de *ter existencial*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ter existencial. Haver existencial. Língua falada. Variação linguística. Mudança linguística. Fala alagoana

## **ABSTRACT**

In this research, we trace the sociolinguistic profile of the speakers from the state of Alagoas concerning the variation of the verbs "ter" and "haver" in existential constructions, in order to analyse how that variation occurs and verify if the alternance of those verbs, in the alagoana speech, reflects either a process of stable variation or a change in progress. For the development of this work, we appeal to the Theory of Linguistics Variation (LABOV, 2008[1972]) which deals the variation and linguistics change and includes the variable use of the language in its social context. In this way, after the delimitation of the dependent variable and of the independent variables selected as potentially relevant in the variation under analysis, namely, animacity of the internal argument, nature of the internal argument, verbal tense, gender, age and scholarship, we stratify our sample and we did the gathering and transcription of data, as well as, the analysis and codification of all existential constructions formed with the verbs present in the corpus. For the quantitative analysis, we use the software VARBRUL, which delimited the variables statically non-significant and the variables statically significant in variation under study, showing not only that there is variation "ter" and "haver" existentials in the community studied and that the uses of "ter" existential is greater than the uses of "haver" existential, as well as that such variation is conditioned by the factor groups scholarship, verbal tense, age and nature of internal argument, leading us to argue that, in the alagoana speech, such variation reflects a process of change in cours in the direction of "ter" existential.

**KEYWORDS:** "Ter" existential. "Haver" existential. Speech language. Linguistics variation. Linguistics change. Alagoano speech.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Percentuais de <i>ter</i> e <i>haver</i> na fala alagoana	91
Gráfico 2 -	Percentuais de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável animacidade do argumento interno	94
Gráfico 3 -	Percentuais de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável sexo	96
Gráfico 4 -	Percentuais de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável escolaridade	98
Gráfico 5 -	Aplicação de <i>haver</i> na variável escolaridade	98
Gráfico 6 -	Aplicação de <i>haver</i> na variável escolaridade	100
Gráfico 7 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável escolaridade na escrita de Maceió	100
Gráfico 8 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável escolaridade na língua escrita	101
Gráfico 9 -	Percentuais de <i>ter</i> e <i>haver</i> existenciais	102
Gráfico 10 -	Percentuais de <i>ter</i> e <i>haver</i> na fala e na escrita	103
Gráfico 11 -	Atuação da variável escolaridade na realização de <i>ter</i> em dados de fala e escrita	106
Gráfico 12 -	Percentuais de <i>haver</i> nas variáveis sexo e escolaridade	109
Gráfico 13 -	Percentuais de <i>haver</i> nas variáveis sexo e escolaridade	109
Gráfico 14 -	Percentuais de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável tempo verbal	111

Gráfico 15 -	Aplicações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável tempo verbal	112
Gráfico 16 -	Percentuais de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável faixa etária	116
Gráfico 17 -	Percentuais de <i>ter</i> na variável faixa etária	116
Gráfico 18 -	Aplicação de <i>ter</i> na variável faixa etária	118
Gráfico 19 -	Aplicação de <i>haver</i> na variável faixa etária	118
Gráfico 20 -	Percentuais de <i>haver</i> nas variáveis sexo e faixa etária	119
Gráfico 21 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> nas variáveis faixa etária e escolaridade	120
Gráfico 22 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> nas variáveis faixa etária e escolaridade	121
Gráfico 23 -	Realizações de <i>haver</i> nas variáveis sexo, faixa etária e escolaridade	122
Gráfico 24 -	Percentuais de <i>haver</i> nas variáveis sexo, faixa etária e escolaridade	123
Gráfico 25 -	Percentuais de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável natureza do argumento interno	124
Gráfico 26 -	Aplicação de <i>haver</i> na variável natureza do argumento interno	125
Gráfico 27 -	Percentuais de <i>haver</i> nas variáveis tempo verbal e natureza do argumento interno	126

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Estratificação da população alagoana por faixa etária	65
Tabela 2 -	Estratificação da população alagoana por anos de estudos	66
Tabela 3 -	Estratificação da amostra	68
Tabela 4 -	Estratificação dos informantes entrevistados	69
Tabela 5 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na fala alagoana	90
Tabela 6 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável animacidade do argumento interno	93
Tabela 7 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável sexo	95
Tabela 8 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável escolaridade	97
Tabela 9 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável escolaridade	99
Tabela 10 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na fala e na escrita	103
Tabela 11 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável tempo verbal	110
Tabela 12 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> nas variáveis tempo verbal e escolaridade	113
Tabela 13 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável faixa etária	115
Tabela 14 -	Realizações de <i>ter</i> e <i>haver</i> na variável natureza do argumento interno	124

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<b>1. FENÔMENO EM ESTUDO</b>	18
1.1 Ter e haver existenciais: perspectiva histórica	18
1.2 Ter e haver existenciais: perspectiva normativa	29
1.3 Ter e haver existenciais: perspectiva sociolinguística	33
1.3.1 Língua falada e variação ter e haver existenciais	34
1.3.2 Língua escrita e variação ter e haver existenciais	41
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	45
2.1 Sociolinguística	45
2.2 Variação e mudança	50
2.2.1 Regra variável	54
2.2.2 Variáveis linguísticas e variáveis sociais	56
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	58
3.1 Hipóteses e objetivos da pesquisa	58
3.2 A comunidade pesquisada	61
3.2.1 Aspectos geográficos	62
3.2.2 Caracterização da população alagoana	64
3.2.3 Índices de desenvolvimento humano	66
3.3 Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa	66
3.4 Variável dependente e variáveis independentes	72
3.4.1 Variável dependente	72
3.4.2 Variáveis independentes	74
3.4.2.1 Animacidade do argumento interno	75
3.4.2.2 Natureza do argumento interno	76
3.4.2.3 Tempo verbal	77
3.4.2.4 Sexo	78
3.4.2.5 Faixa etária	79
3.4.2.6 Escolaridade	80

<b>3.5 VARBRUL: uma análise multivariada dos dados</b>	82
<b>4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b>	89
<b>4.1 Variável dependente</b>	90
<b>4.2 Variáveis estatisticamente não significativas</b>	92
4.2.1 Animacidade do argumento interno	93
4.2.2 Sexo	94
<b>4.3 Variáveis estatisticamente significativas</b>	96
4.3.1 Escolaridade	97
4.3.2 Tempo verbal	110
4.3.3 Faixa etária	114
4.3.4 Natureza do argumento interno	123
<b>CONCLUSÃO</b>	127
<b>REFERÊNCIAS</b>	133
<b>ANEXOS</b>	146
Anexo 1 – Ficha da amostra sociolinguística	146
Anexo 2 – Convenções de transcrição	147

## INTRODUÇÃO

A Teoria da Variação e Mudança Linguística, fixada na década de 1960 e marcada por uma origem interdisciplinar, nasce como uma reação à concepção de língua como um sistema homogêneo, centrado no indivíduo e desvinculado do grupo social e das situações comunicativas reais de uso da língua e introduz o estudo da variação nos estudos linguísticos, defendendo a tese de que é possível sistematizar a variação existente e própria da língua, que passa a ser entendida como “uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008[1972]).<sup>1</sup>

A proposta de Labov considera a variação e a mudança linguística como aspectos fundamentais e reconhece que o uso da língua é constituído discursivamente por formas linguísticas que competem entre si. Há aqui uma concepção de língua em que a heterogeneidade é característica inerente ao sistema linguístico dos falantes e, conseqüentemente, parte da competência linguística dos usuários da língua, o que significa dizer que estrutura e heterogeneidade refletem o sistema linguístico, sendo a variação linguística uma propriedade inerente a todas as línguas humanas.

Dessa forma, ao se interessar pelo estudo da língua dentro do contexto social da comunidade de fala, a teoria laboviana não só vê a língua como um fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade, como também sugere um modelo de língua que analisa o uso variável dos fenômenos linguísticos e os condicionamentos linguísticos e sociais que interferem nesse uso, proporcionando, assim, descrições mais adequadas da língua em uso pelos falantes.

É nesse contexto teórico que se insere a presente pesquisa, tendo em vista que objetivamos traçar o perfil sociolinguístico dos falantes alagoanos em relação à alternância dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, como (1) e (2), com o intuito de verificar se tal variação reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso. Assim, consideramos a Teoria da Variação, uma vez que trabalhamos com grande quantidade de dados de língua falada e procuramos verificar se restrições linguísticas e/ou sociais condicionam as realizações dessas formas verbais na comunidade de fala alagoana.

(1) *Tem* muitas praias bonitas em Alagoas.

(2) *Há* muitas praias bonitas em Alagoas.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, utilizamos a versão brasileira *Modelos Sociolinguísticos* de Labov (1972) – *Sociolinguistic Patterns*, traduzida por Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso.

Por se tratar de um fenômeno linguístico variável não estigmatizado, o uso da variante *ter* em lugar da variante *haver* para codificar a existência de alguém ou de alguma coisa não é marcado socialmente, pois é comum encontrarmos falantes de diferentes níveis de escolarização e de várias classes sociais fazendo uso da variante inovadora *ter existencial*, sem causar preconceito linguístico. No entanto, a realização de *ter existencial* quase não é mencionada nas gramáticas normativas, ou quando mencionada sua utilização se restringe à “língua popular”, embora o uso dessa variante, na Língua Portuguesa, date do século XVI, conforme aponta Sampaio (1978).

Por essa razão, acreditamos que a descrição sociolinguística das variantes *ter* e *haver* em construções existenciais na fala alagoana explicitará e descreverá o comportamento linguístico variável dessas variantes na comunidade estudada, tendo em vista que ainda não existe uma descrição variacionista de como essa variação ocorre na língua falada em Alagoas.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, coletamos uma amostra sincrônica da fala de 72 informantes alagoanos, estratificada de acordo com as variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária e escolaridade, durante o período de fevereiro a julho de 2010, com o objetivo de verificar, em um estudo de tempo aparente, se essa regra variável desempenha, na fala alagoana, uma variação estável ou uma mudança em progresso.

Dessa forma, após a coleta dos dados, fizemos a transcrição de todas as entrevistas e, em seguida, analisamos e codificamos todas as construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver* presentes no *corpus*. Para a análise quantitativa dos dados, que foi baseada nas variáveis independentes animacidade do argumento interno, natureza do argumento interno, tempo verbal, sexo, faixa etária e escolaridade, utilizamos o programa VARBRUL.

Nosso trabalho é composto de quatro seções, conforme o exposto a seguir.

Na primeira seção, apresentamos uma breve exposição dos estudos sobre os verbos *ter* e *haver* que serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa, ou seja, traçamos o percurso histórico dos verbos *ter* e *haver* desde o Latim Clássico até os dias atuais, mostramos como os mesmos, em construções existenciais, são abordados em algumas gramáticas normativas de Língua Portuguesa e, por fim, apresentamos uma resenha dos estudos variacionistas sobre *ter* e *haver* em alguns dialetos do português brasileiro.<sup>2</sup>

Na segunda seção, apresentamos os pressupostos teóricos básicos da Teoria da Variação Linguística, enfatizando não só a questão da variação e da mudança linguística, mas também evidenciando aspectos que possibilitem o enquadramento do fenômeno em estudo na

---

<sup>2</sup> As citações sobre o Português do Brasil neste trabalho não configuram concordância ou oposição com quaisquer das teorias que remetam às discussões sobre português brasileiro (PB) e português europeu (PE).

sociolinguística laboviana. Para tanto, discutimos a possibilidade de tratar nosso objeto de estudo como regra variável.

A terceira seção é dedicada aos procedimentos metodológicos da pesquisa. Por isso, apresentamos os objetivos e as hipóteses que norteiam este estudo, traçamos o perfil da comunidade estudada, detalhamos os procedimentos de coleta de dados e a composição desses para efeito de análise através da constituição do *corpus* da pesquisa, definimos a variável dependente e as variáveis independentes selecionadas como potencialmente relevantes nesta pesquisa e descrevemos os passos da análise quantitativa realizada no programa VARBRUL.

Na quarta e última seção, com o intuito de levantar as motivações que ora propiciam as realizações de *ter existencial* e *haver existencial* na fala alagoana, confirmando ou refutando as hipóteses levantadas, apresentamos os resultados a que chegamos através das rodadas realizadas no programa computacional VARBRUL. Para tanto, apresentamos não só os resultados da variável dependente *ter* e *haver*, como também os resultados das variáveis estatisticamente não significativas e das variáveis estatisticamente significativas na variação dessas formas verbais na comunidade de fala alagoana.

Esperamos não só que nossos objetivos sejam alcançados, esclarecendo, dessa forma, algumas restrições presentes no comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na comunidade de fala alagoana, como também que esta pesquisa sirva de estímulo para o desenvolvimento de mais pesquisas linguísticas, principalmente de pesquisas na área da Teoria da Variação Linguística.

## 1. FENÔMENO EM ESTUDO

**Ter** e **haver** são pois dois verbos que desde o latim clássico caminham paralelamente. Devido à crescente perda da força expressiva de **haver**, a língua recorreu ao verbo **ter**, que o foi substituindo gradualmente, até usurpar-lhe todas as funções. [...]. A língua não iria manter o inexpressivo **haver**, tendo o sonoro **ter** que lhe era afim. (SAMPAIO, 1978, p. 32).

Nesta seção, apresentamos uma breve exposição dos estudos sobre os verbos *ter* e *haver* em construções existenciais que contribuíram para a compreensão do processo de variação e mudança linguística dessas formas verbais e, por conseguinte, serviram de ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, descrevemos o percurso histórico dos verbos *ter* e *haver*, mostramos como os mesmos, em construções impessoais, são abordados nas gramáticas normativas e, por fim, apresentamos uma resenha dos estudos sociolinguísticos sobre a alternância *ter/haver existenciais* em alguns dialetos do Português do Brasil, com o intuito de traçar um percurso das pesquisas variacionistas até aqui realizadas, oferecendo, dessa forma, uma visão panorâmica do fenômeno em estudo.

### 1.1 *Ter e haver existenciais: perspectiva histórica*

A origem etimológica dos verbos *haver* e *ter* aponta que *haver* é proveniente da forma latina *habere*, com acepções de “possuir”, “obter”, “manter”, “reter”, “segurar”, “conter” e “deter”, ao passo que *ter* se origina da forma *tenere* do Latim, com valores próximos a “obter”, “manter”, “segurar”, “conter”, “deter” e “reter”.

Segundo Gaffiot (1934), *habere* possuía como principal acepção os significados de “ter em sua posse”, “guardar” e, entre outros usos figurados, “ter na mão”. *Tenere*, por sua vez, apresentava como acepção básica os sentidos “ter algo na mão”, “obter” e, como acepções secundárias, “manter” e “reter”.

Almeida (2006) apresenta um quadro da distribuição dos significados dos verbos *ter* e *haver* do Latim Clássico ao Português Arcaico, mostrando que, no Latim Clássico, o verbo *haver* podia ser empregado com os sentidos de “possuir”, “obter”, “manter”, “reter”, “segurar”, “conter” e “deter”, enquanto que o verbo *ter* podia ser usado com os sentidos de “obter”, “manter”, “reter”, “segurar”, “conter” e “deter”. Já no Português Arcaico, *haver*

possui o valor de “posse” e “existência”, enquanto que o verbo *ter* apresentava os valores acima destacados mais o valor de verbo existencial.

Dessa forma, a história semântica desses verbos indica que, desde o Latim Clássico até o Português atual, *ter* e *haver* são duas formas em concorrência e que devido à perda da força expressiva do verbo *haver*, criou-se progressivamente condições para a substituição de *haver* por *ter*, ou seja, à medida que *haver* foi se desgastando semanticamente foi perdendo terreno e sendo substituído por *ter*.

Desde o início, percebemos a impossibilidade de se estudar verbo **ter** separado de **haver**, pois desde o latim clássico eram afins em muitos empregos. No português, eles sempre tiveram empregos paralelos e à medida que o verbo **haver** se foi desgastando e esvaziando semanticamente, foi sendo substituído por **ter**. (SAMPAIO, 1978, p. 2).

De acordo com Sampaio (1978), do latim clássico às línguas românicas, *tenere* e *habere* são verbos plenos e *habere* é o verbo empregado com a noção principal de posse. No entanto, já havia uma concomitância semântica entre esses verbos para expressar claramente a ideia de posse, como (3) e (4).

(3) “Tantas *divitias habet*: nescit quid faciat auro”.<sup>3 4</sup>

(4) “*tenere* auctoritatem in suos”.<sup>5</sup>

Nesse período, *habere* também ocorre na conjugação perifrástica e em construções existenciais, não havendo, portanto, evidências de ocorrências de *tenere* nesses contextos. Em conjugação perifrástica, a forma flexionada do presente do perfectivo dos verbos transitivos é gradualmente substituída pela perífrase *habere* mais participio passado, dando à sentença um aspecto de dever, obrigação, a exemplo de:

(5) “Qui in sanctis *habet jurare*, hoc jejunos faciat...”<sup>6 7</sup>

(6) “Ipse enim, quia aegrotat, *habeo eum visitare*.”<sup>8 9</sup>

<sup>3</sup> Exemplos retirados de Sampaio (1978, p. 3).

<sup>4</sup> Ele tem tantas riquezas, que não sabe o que fazer com o ouro.

<sup>5</sup> Possui autoridade nos seus.

<sup>6</sup> Sampaio (1978, p. 3).

<sup>7</sup> Quem jura nos santos, que faça este jejum...

<sup>8</sup> Sampaio (1978, p. 3).

<sup>9</sup> Pois ele mesmo, porque está doente, tenho que visitá-lo.

A noção de posse expressa por *habere* é muito importante para a compreensão dessa perífrase. Posteriormente, essa ideia de posse dentro da perífrase se generaliza e o verbo *habere*, nesse contexto, torna-se um verbo auxiliar desprovido de conteúdo semântico.

(7) “uir me *habet* pessumis despiciatum modis”<sup>10 11</sup>

Com sentido de existir, *habere* coocore com o verbo *esse*, que exerce exclusivamente, nesse período, o sentido de verbo existencial. De acordo com Grandgent (1952), no chamado Latim Vulgar, *habere*, verbo de posse do Latim Padrão, já ocorre com a acepção genérica de verbo existencial, como (8), o mesmo não sendo atestado para *tenere*.

(8) “*habebat* autem de eo loco ad montem Dei forsitam quattuor milia...”<sup>12 13</sup>

O verbo **habere** no latim clássico, como já vimos, era pessoal e significava “ter, possuir”. Entretanto, encontramos passagens em documentos do latim da decadência e no latim vulgar, em que o verbo **habere** aparece com sentido existencial [...]. (SAMPAIO, 1978, p. 5).

No século XIII, início do período arcaico, os verbos *ter* e *haver*, de acordo com Sampaio (1978), variam não só em estruturas possessivas, indicando a posse de coisas materiais, como “herdamento, dinheiro, cavalo”, como também coocorrem em estruturas com participio passado. O verbo *haver* também varia com *ser* nas estruturas existenciais.<sup>14</sup>

Mattos e Silva (1997) aponta que, nas estruturas existenciais, há uma predominância do etimológico *ser* – 56% contra o inovador *haver* – 44%, como (9) e (10), respectivamente, que só predomina nas Cantigas de Santa Maria. Essa predominância representa o caráter mais inovador das Cantigas em relação aos estudos jurídicos que preferem o conservador *ser*.

(9) non *foi* quem podesse ... CSM 35,37 (‘existir’)<sup>15</sup>

(10) *Em hua abadía* huu tesoureiro *avia* CSM 11, 10-11

<sup>10</sup> Sampaio (1978, p. 4).

<sup>11</sup> O homem me tem depreciado com maus modos.

<sup>12</sup> Sampaio (1978, p. 5).

<sup>13</sup> Havia naquele local junto ao monte de Deus aproximadamente quatro milhas.

<sup>14</sup> Mattos e Silva (1994; 1997) assume que o período arcaico se inicia com os primeiros documentos escritos em português, mais precisamente com o *Testamento de Afonso II* de 1214 e suas características se estendem até meados do século XVI – 1536/1540, data do início da normatização da língua.

<sup>15</sup> Mattos e Silva (1997, p. 262).

Em estruturas possessivas, *haver* é o verbo típico mais usual e ocorre com complemento de qualquer valor semântico, ou seja, *haver* é o verbo pleno utilizado para qualquer tipo de posse – de objetos materiais adquiríveis à posse inerente, à medida que *ter* não preenche todas as possibilidades de expressão de posse.

Mattos e Silva (1997), ao analisar documentos selecionados como representativos do século XIII, explica que a variação *ter* e *haver* em estruturas possessivas está condicionada à natureza semântica do argumento interno. Em estruturas semanticamente classificadas como posse adquirível material (PAM), como (11), e posse adquirível imaterial (PAI), como (12), o verbo *ter* ocorre com frequências de 30% e 15%, respectivamente. Já em estruturas do tipo posse inalienável (PI), só há ocorrências do verbo *haver*, como (13).

(11) *Haver/Ter* seda, cousas, panos dourados (PAM).<sup>16</sup>

(12) *Haver/Ter* direito, foro, amor, coita, poder (PAI).

(13) *Haver* vida, entendimento, filio, irmão, nome (PI).

[...] **haver/ter** em estruturas possessivas variavam, como descrito, no português arcaico, predominando primeiro **haver**, mas já na 2ª metade do séc. XV **ter** e que a difusão de **ter**, que excluirá **haver** dessas estruturas, parte dos contextos do tipo AM para os de tipo AI e, por fim, atinge os de tipo QI, estruturas essas em que, semanticamente, pode-se interpretar, **haver** é antes predicador de atributo que um “transitivo” com o traço semântico de posse. (MATTOS e SILVA, 1991, p. 66).

A noção de posse, expressa por esses verbos, é importante para a compreensão do uso de *ter* e *haver* mais *particípio passado*. Segundo a autora, os tempos compostos com *ter* e *haver* só se generalizam quando o particípio passado deixa de ser flexionado em concordância com o complemento direto, caso que ainda não ocorria nesse período, pois *ter* e *haver* ocorrem em concordância com o seu complemento, a exemplo de:

(14) “*todos bees que mh’á feitos*”.<sup>17</sup>

(15) “*aquelas cousas que tem aparelhadas*”

Dessa forma, o auxiliar de tempo composto com *ter* e *haver* só ocorre por volta do século XIV, em que tanto as estruturas com particípio passado quanto as construções auxiliares estão presentes na língua. Nessas estruturas, há variação entre os verbos *ter* e *haver*.

<sup>16</sup> Exemplos retirados de Mattos e Silva (1997, p. 268).

<sup>17</sup> Exemplos retirados de Mattos e Silva (1991, p. 67).

Contudo, Mattos e Silva (1991) aponta que não se pode afirmar ainda que *ter* predomina sobre *haver*, mas sim que as ocorrências de *ter* crescem em relação às ocorrências de *haver*.

Nesse período, o verbo *haver* ainda continua gozando de mais preferência que *ter* em expressões de posse, embora estivesse perdendo a sua força expressiva. Já em construções existenciais é bastante frequente o uso de *haver*, a exemplo de:

(16) “E na altura dos montes de Judea *avia* huu monte pequeno mais alto que os outros, que *avia* nome monte Maria...”<sup>18</sup>

Sampaio (1978) também aponta que, no século XIV, *ter* e *haver* eram utilizados em diversos contextos, ou seja, eram verbos de “grande vitalidade, pois além de serem usados no seu sentido próprio, que é o possessivo, tinham outros sentidos [...]” (p. 13), a saber, o verbo *haver* podia ser empregado com os sentidos de “obter”, “conseguir”, “acontecer”, “suceder”, “sofrer”, “padecer”, enquanto que o verbo *ter* era usado com os sentidos de “segurar”, “reter”, “suster” ou “deter”.

Do século XIV para o século XV, Mattos e Silva (2000) não só aponta que, em construções existenciais, o verbo *haver* já apresenta maior número de ocorrências do que o verbo *ser*, como também mostra que o verbo *ter* varia com *haver* em estruturas possessivas quando a coisa possuída apresenta valor semântico de posse adquirível material e, menos frequentemente, em contextos do tipo posse adquirível imaterial.

Na primeira metade do século XV, *ter* já ocorre nos três tipos de posse, sendo *haver* o verbo mais frequente. No entanto, na segunda metade desse século, já se evidencia o recesso de *haver* e o avanço de *ter*, ou seja, o verbo *ter* predomina sobre *haver* para expressão de posse. Há também, nesse período, uma preferência acentuada pelo verbo *ter* não só na perífrase com particípio passado, mas também nas construções auxiliares de tempo composto, como (17) e (18).

(17) “Eu *tinha as cartas escritas* quando ele chegou.”<sup>19</sup>

(18) “Eu *tinha escrito* as cartas quando ele chegou.”

Ao analisar a *Obra Pedagógica* (1540) de João de Barros, documento representativo do final do período arcaico e início dos tempos modernos – século XVI, Mattos e Silva (2000)

<sup>18</sup> Sampaio (1978, p. 13).

<sup>19</sup> Mattos e Silva (1991, p. 69).

mostra que há uma preferência de *ter* sobre *haver* em estruturas possessivas. E na segunda metade desse período, *ter* suplanta *haver* em todos os contextos de posse: primeiro a posse de propriedades materiais, segundo a posse de propriedades imateriais e, por fim, a posse de propriedades inerentes.

De acordo com Sampaio (1978), nesse período, o verbo *ter* predomina sobre *haver* na formação dos tempos compostos e embora o particípio apareça, na maioria dos casos, sem flexão, ainda é possível encontrar ocorrências em que o particípio aparece flexionado, como:

(19) “A ideia segundo Plauto [...] em seu entendimento estava uma figura de formosura perfeitissima, a qual elle contemplando, e *tendo* nela *fitos* os olhos de sua mente, a sua semelhança dirigia a mão [...]”.<sup>20</sup>

Nesse período, *ter* e *haver* ainda continuam sendo empregados em diversos contextos. *Haver* podia ser empregado com os sentidos de “comportar-se”, “considerar”, “obter”, “conseguir” e “chamar”, já o verbo *ter* podia ser usado para significar “achar”, “considerar”, “encontrar-se”. É também no século XVI que o verbo *ter* invade a esfera da oração existencial, que era privativa do verbo *haver*, como (20) e (21).

(20) “Na fronteira deste patio, onde estava a escada por onde subião para cima *tinha* hum grande arco lavrado [...]”.<sup>21</sup>

(21) “Aquy me mostrou hu oratório em que *tinha* hua Cruz [...]”.

Sampaio (1978) explica que tal invasão é justificada não só pela perda da força expressiva do verbo *haver* ao longo do tempo e pela semelhança semântica entre os dois verbos, como também pelo fato de *haver* confundir-se foneticamente no presente do indicativo com o artigo “a” e no perfeito com o verbo “ouvir”.

No século XVI [...] o verbo **haver** tinha perdido muito do seu sentido possessivo, sendo substituído por **ter** para indicar a posse de coisas materiais. A língua também preferiu o verbo **ter** para formar os tempos compostos; são cada vez mais raras as perífrases formadas com **ter** e particípio, indicando a posse e permanência de um estado. O processo de esvaziamento semântico de **haver** que se completou no século XVI, criou condições para que o verbo **ter** invadisse a esfera da oração existencial, que era privativa de **haver**. (SAMPAIO, 1978, p. 20).

<sup>20</sup> Sampaio (1978, p. 19).

<sup>21</sup> Exemplos retirados de Sampaio (1978, p. 21).

Apesar de não haver informações precisas sobre as primeiras ocorrências de *ter existencial*, Ribeiro (1993, p. 373) constata a coocorrência de algumas construções existenciais, como (22), no *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*.

(22) .....e assim caminha

Para a povoação, que perto *tinha* (Lus. V, 29)

Que aqui gente de Cristo não *havia* (Lus. V, 192)

Na análise da *Obra Pedagógica* de João de Barros e no exame das *Décadas* (século XVI), Mattos e Silva (2000) mostra que o verbo *haver existencial* é o preferível, seguido do etimológico *ser*, que ocorre com baixa frequência e do inovador *ter* que aponta com apenas quatro ocorrências, como (23).

(23) “Concertou-se com infante dom Anrique sobre o que nellas [nas ilhas] *tinha*, e elle passouse a ilha de Madeira onde assentou sua uiuenda”.<sup>22</sup>

A autora também cita que, na análise da *Carta de Caminha* (1500), o verbo *haver* é o escolhido em contextos existenciais, mas há uma ocorrência em que *ter* pode ser interpretado com sentido de existir, como (24), sem excluir, portanto, uma interpretação possessiva.

(24) “[...] se metiam em almadias duas ou três que hy *tiinham* [...]”.<sup>23</sup>

A interpretação “existencial” teria o sujeito  $\emptyset$  e a interpretação como “verbo de posse”, com o sujeito marcado na flexão. A questão da concordância marcada na forma plural do verbo favorece a interpretação possessiva, contudo a *Carta* também nos fornece outro dado sugestivo que é o de *haver*, existencial, flexionado: (2) não duvido que per esse sertoão **ajam muitas aves** (CPVC – fol. 10-11). (MATTOS e SILVA, 2000, p. 119).

Sampaio (1978) explica que a construção formada com *ter* impessoal reflete uma mudança de formulação mental, pois o sujeito da oração pessoal, como (25), é agora realizado como locativo, como (26), e o verbo *ter* torna-se impessoal, construção surgida por analogia à construção com o *haver* impessoal. O mesmo processo ocorreu com *haver* pessoal no Latim Vulgar, que se transformou em impessoal por analogia à construção com o verbo *esse*.

<sup>22</sup> Mattos e Silva (2000, p. 119).

<sup>23</sup> Mattos e Silva (2000, p. 119).

(25) “*Tem* a cidade outras muytas riquezas, ...”<sup>24</sup>

(26) “Dentro na Cidade *tem* hum almazem, ...”

Nos séculos XVII e XVIII, *ter* supera *haver* nas construções possessivas, como (27), e nas estruturas de tempo composto continua predominando sobre *haver*, como (28). Nas construções existenciais, por sua vez, *ter* é pouco usado, sendo empregado esporadicamente, pois o verbo *haver* é o preferível nesse contexto, como (29).

(27) “... Os Macedónios venciam tudo, porque nada *tinham*;”<sup>25</sup>

(28) “... quase todo o mês passado *tinham andado* na barra, ...”

(29) “Além destes soldados e capitães *havia* outros, no recôncavo da cidade, ...”

No século XIX, segundo Sampaio (1978), são escassas as ocorrências de *haver* em estruturas possessivas e o verbo *ter* continua predominando sobre *haver* na formação dos tempos compostos. Nas orações existenciais, o verbo *ter* continua a aparecer em textos literários, mas é o verbo *haver* que predomina. A autora explica que a parcimônia com que o verbo *ter* aparece na língua escrita é indicativo de que tal verbo seja ainda da esfera da língua falada, ocorrendo, principalmente, em contos populares do Brasil, como (30) e (31).

(30) “Lá detrás d’aquelle seero

*Tem* um pé de lírio só,

Faço carinhos a todos,

Mas só quero bem a ti só.”

(31) “Fui ao mar buscar laranjas,

Frutas que no mar não *tem*,

Vim de lá todo molhado,

Das ondas que vão e vem.”<sup>26</sup>

Oliveira (2010), ao descrever o percurso diacrônico da gramaticalização dos verbos *ter* e *haver* em textos escritos do século XIX, constata que *ter* é mais frequente em sentenças com verbos plenos, verbos suportes e em construções com tempos compostos. O verbo *haver*,

<sup>24</sup> Sampaio (1978, p. 22).

<sup>25</sup> Sampaio (1978, p. 23).

<sup>26</sup> Sampaio (1978, p. 27).

por sua vez, é o preferível em locuções verbais formadas com de/a/que + INF e em construções existenciais.

Os dados da autora apontam que, em construções com verbos plenos, como (32) e (33), *ter* e *haver* apresentam percentuais de 94,1% e 5,9%, respectivamente; em construções com verbos suporte, como (34), só há realizações de *ter* – 100%; nas construções com tempos compostos, ou seja, *ter/haver* seguido de particípio passado, como (35) e (36), *ter* apresenta um percentual de 87% *versus* 13% de *haver*; em locuções verbais formadas com *ter/haver* + de/a/que + INF, como (37) e (38), há 37,2% de *ter* contra 62,8% de *haver*; já em construções existenciais, como (39) e (40), *ter* apresenta um percentual de 11,6% e *haver* 88,4%.

(32) *Tem* seu pai alguma fortuna conseguida com sangue de centenas de victimas na guerra de Pinto Madeira. (Diário do Rio de Janeiro, 1842)<sup>27</sup>

(33) Dentro no poço, rio, charco etc., de que se pretende *haver* a água, está mettido o cilindro menos grosso, disposto horisontalmente, móvel no seu eixo. (Diário do Rio de Janeiro, 1842)

(34) O grande numero de dias santos de guarda que antigamente havia no Brasil *teve* origem na commiserção dos pobres escravos. (Diário do Rio de Janeiro, 1842)

(35) *Tem-se* nos *perguntado* varias vezes que destino se dará aos nossos navios mercantes empregados nas viagens da escravatura. (Jornal do Commercio, 1828)

(36) Parou aos gemidos do escravo ensangüentado, mandou apear os Seus criados, e conduzido a Sua Presença, a quem com piedade fez algumas perguntas, e *havendo expedido* aviso ao Juiz de Paz para que obrasse na forma da Lei. (Jornal do Commercio, 1830)

(37) Os Negociantes *terão de regressar* com as fazendas, o que nesse caso, como bem pondera o author da correspondência, de gravíssimos prejuizos os ameaça, capazes de arrastar bancarrotas. (Jornal do Commercio, 1828)

(38) Os Brasileiros *hão de reconhecer* nos Cearense o precursor da transformação nacional. (Libertador, 1884)

(39) *Tinha* perto do logar de seu trabalho um pequeno fogo mantendo uma panella com colla. (O Canchoeirano, 1885)

(40) Entre o mesmo rio Guarahy e o de Macau, em lugar chamado Samagus, *há* outro esconderijo aonde estão também muitos quilombollas. (Periódico de 1833)

<sup>27</sup> Exemplos retirados do trabalho de Oliveira (2010).

Callou e Avelar (2002), ao analisarem estruturas com *ter* e *haver* em anúncios do século XIX, também verificam que as estruturas existenciais, como (41) e (42), são as mais resistentes à penetração de *ter* no campo de *haver*. *Ter existencial* ocorre com 22% versus 78% de *haver*, diferentemente das estruturas de posse, como (43) e (44), estruturas com participípio passado, como (45) e (46), e estruturas com expressão modal, como (47) e (48), em que *ter* apresenta percentuais de uso de 98%, 93% e 71%, respectivamente.

(41) “na casa *tem* muito commodo” (SP/1879) <sup>28</sup>

(42) “não *há* nódoa que lhe resista” (RJ/1869)

(43) “Tiburcio Borges e Carneiro [...] *tem* fazendas modernas riquíssimas” (PR/1854)

(44) “o mesmo annunciante protesta [...] de hir *haver* dias de serviço” (BA/1832)

(45) “Desconfia-se *ter acompanhado* uns mascates italianos como camarada” (MG/1818)

(46) “um dos cadáveres já *havia sido* encontrado perto de Maragogipe” (BA/1821)

(47) “Nada *tendo que providenciar* sobre o facto, enviamol-a ao subdelegado” (BA/1885)

(48) “A Sumaca Nacional BOA HORA de muito boas qualidades, *há de sahir* com o primeiro Comboí” (RJ/1827)

Nesse período, *haver* é também empregado com os sentidos de “proceder”, “portar-se”, “agir”, “comportar-se”, “conseguir”, “receber”, “perceber” e “manipular”, enquanto que *ter* pode ser usado também com os sentidos de “possuir”, “travar”, “avistar-se”, “receber”, “sentir”, “conservar”, “fixar”, “importar”, “abster”, “conceder”, “considerar”, “conter-se”.

Almeida e Callou (2003), ao analisarem estruturas com *ter* e *haver* em textos jornalísticos dos séculos XIX e XX, mostram que, no português brasileiro, o uso de *ter* é predominante em todas as estruturas, com exceção das construções existenciais, como (49) e (50), em que o uso de *ter* passa de 22% no século XIX para 15% no século XX. Um fato a destacar é que tanto nos anúncios quanto nos editoriais do século XX, o uso do verbo *ter* é categórico nas estruturas de posse – 100%, como (51) e (52).

(49) “além do salão de bingo permanente, *tem* o salão de Video Bingo” (ANUN./XX) <sup>29</sup>

<sup>28</sup> Exemplos retirados do trabalho de Callou e Avelar (2003).

- (50) “*Haverá*, na rua Carioca n.20, um grande e extraordinário leilão de fazendas de lei” (ANUN./XIX)
- (51) “Os estadistas e estrategistas modernos *tem* diante de si um problema completo e difícil” (ED./XX-Brasil)
- (52) “e se V. já *tem* um seguro antigo, convêm reajustá-lo” (ANUN./XX)

No século XX, *haver* praticamente não é usado em estruturas de tempo composto e, em construções existenciais, coocorre com *ter*, que é usado não só na língua falada, como também é visível seu uso na língua escrita, a exemplo de:

- (53) “Aqui *tem* um anjo  
que se chama Arranjo.” (Cassiano Ricardo)
- (54) “Em Pasárgada *tem* de tudo  
É outra civilização  
*Tem* processo seguro [...]  
De impedir a concepção  
*Tem* telefone automático  
*Tem* alcalóide à vontade  
*Tem* prostitutas bonitas  
Para a gente namorar [...]”. (Manuel Bandeira)
- (55) “[...] já estou até cansado de tanta  
saúde e *tem* gente aqui perto e [...]”. (Vinícius de Moraes)
- (56) “No meio do caminho *tinha* uma pedra  
*Tinha* uma pedra no meio do caminho [...]”. (Carlos Drummond)

O movimento de reabilitação da língua falada que começara no romantismo atinge seu ápice no século XX com o modernismo que passou a valorizar conscientemente os elementos criativos da língua corrente. Assim a oração existencial com o verbo **ter**, criação analógica da língua falada, entra definitivamente na língua escrita. (SAMPAIO, 1978, p. 28).

Dessa forma, é possível perceber que, desde o Latim Clássico, os verbos *ter* e *haver* caminham paralelamente e que, devido ao processo de esvaziamento semântico do verbo *haver*, a língua recorreu ao uso do verbo *ter*, que gradualmente foi substituindo *haver* em

---

<sup>29</sup> Exemplos retirados do trabalho de Almeida e Callou (2003).

estruturas de posse, em estruturas de tempos compostos, em construções com verbos suporte, em locuções verbais e atualmente coocorre com *haver* em estruturas existenciais.

No PB contemporâneo falado, o verbo *ter* configura-se como uma forma plena em estruturas de posse, substitui *haver* nos tempos verbais compostos e coocorre com *haver* nas estruturas existenciais. No entanto, muitos estudos acerca dessa coocorrência vêm-se desenvolvendo e comprovando que há um predomínio de *ter* sobre *haver* nas estruturas existenciais. (SILVA, 2001, p. 9).

## 1.2 *Ter e haver existenciais: perspectiva normativa*

É sabido que o termo “gramática” possui várias acepções dentre as quais está a de gramática normativa, que é vista como um manual que contém as regras de bom uso da língua a serem seguidas por todos aqueles que desejam se expressar “corretamente”. Essa gramática é entendida como uma espécie de lei que regula os usos da língua em uma sociedade, pois apenas prescreve o que pode e o que não pode ser dito pelos falantes. É um conjunto de normas para falar e escrever bem.

A **gramática normativa**, que é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita [...] a gramática normativa apresenta e dita as normas de bem falar e escrever, normas para **correta** utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira. (TRAVAGLIA, 2003, p. 30).

A linguagem é aqui concebida como uma espécie de expressão do pensamento, sendo a maneira mais tradicional de pensá-la, pois a toma como um patrimônio da sociedade, devendo, por isso, ser preservada. É como se fosse um conjunto de formas e normas passadas de geração para geração e pelo qual nós falantes temos que zelar para que não se corrompa, não se desgaste, ou não se degenere.

Essa concepção de linguagem se fundamenta no pressuposto básico de que existe uma língua pura e devido a tal pressuposto todo o tipo de “desvio” dessa forma de uso da língua deve ser evitado, pois só são “válidas” e “corretas” as formas linguísticas que estão descritas nessa gramática. Por isso, quem não domina as regras prescritas nos manuais normativos não pensa bem e, conseqüentemente, não se expressa bem.

A língua é assim descrita na variedade dita culta e tal descrição é baseada no uso consagrado pelos bons escritores, sendo todas as outras formas de expressão linguística

consideradas desvios, deformações e degenerações da língua. Essa postura, baseada numa concepção homogênea de língua, leva ao desprezo de qualquer fala e escrita que fuja ao Português dito padrão e à aceitação de uma única forma de falar e escrever a língua portuguesa, ignorando, assim, a diversidade linguística.

A gramática, dessa forma, é vista como disciplinadora do comportamento linguístico dos falantes, fazendo do ensino de língua materna um instrumento para que os falantes usem de forma “correta” a língua, ou seja, é um meio de homogeneizar o comportamento linguístico da sociedade. A enunciação é, assim, um ato monológico e o texto é apenas um pretexto para se trabalhar as classes e as categorias gramaticais. A língua é então concebida como produto acabado, pronto, abstrato e sem interferência do social.

Em decorrência disso, acredita-se aqui que ensinar língua portuguesa é fazer com que os alunos decorem as normas prescritas na gramática normativa e descarte todas as outras formas de uso da língua, pois exige-se do falante a utilização somente da variante padrão, sempre com clareza e precisão, de forma lógica, sem equívocos e ambiguidades. Sendo essa concepção inimiga da variação e, conseqüentemente, da mudança linguística.

Os objetivos do discurso normativo apresentam alguns tipos de justificativas como: indicar o correto, definir a norma e identificá-la com o “uso correto” da língua, reduzir as variações, aproximar o uso do sistema, fazer respeitar certos usos atestados há muito mais tempo que seu concorrente. (NASCIMENTO, 2004, p. 32).

No que diz respeito ao uso dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, verificamos, que, de forma geral e na visão de alguns gramáticos, como Cegalla (1978) Almeida (1999), Cunha e Cintra (2001), Bechara (2001), Sacconi (2001) e Rocha Lima (2001), o uso de *ter* constitui uma incorreção na língua culta, sendo o verbo *haver*, na acepção de existir, o padrão de uso “correto” da língua.

De acordo com esses gramáticos, o verbo *haver* em orações equivalentes às constituídas com *existir*, ou seja, seguido de objeto direto e significando a existência de uma pessoa ou coisa comporta-se como um verbo impessoal e, por isso, deve sempre ser empregado na terceira pessoa do singular, a exemplo de:

(57) *Há* um homem na sala.

(58) *Há* grandes poetas no Brasil.

(59) *Havia* muitos prédios elegantes na cidade.

Segundo Almeida (1999), os verbos *ter* e *haver* podem ser utilizados com a significação de possuir, com as significações especiais de *obter* e *alcançar* e podem se comportar como verbos auxiliares, desprovidos de significado. O verbo *haver* ainda pode ser empregado com a significação de existir e com tal significado *haver* é classificado como um verbo impessoal acidental usado na terceira pessoa do singular.

Ao lado dos verbos impessoais essenciais há os **impessoais acidentais**; assim se denominam os verbos que, em sua significação natural, isto é, como comumente são usados, têm sempre o respectivo sujeito, mas que, em determinados casos, ou seja, *acidentalmente*, tornam-se impessoais. Há dos verbos impessoais acidentais dois grupos: impessoais acidentais *ativos* e impessoais acidentais *passivos*. Sabemos que verbo ativo é o que indica ação praticada pelo sujeito, o qual ou vem declarado na oração ou facilmente se subentende. Pois bem, se tivermos numa oração um verbo ativo cujo sujeito, além de não vir expresso, não é subentendido nem necessita ser conhecido, esse verbo será *impessoal acidental ativo*. (ALMEIDA, 1999, p. 284).

Sacconi (2001, p. 335) classifica o verbo *haver* quando sinônimo de existir como impessoal, ou seja, como um verbo que não possui sujeito e que sempre se apresenta na terceira pessoa do singular, a exemplo de:

(60) *Havia* poucos ingressos à venda.<sup>30</sup>

(61) *Houve* duas guerras mundiais.

(62) *Haverá* reuniões aqui.

Cunha e Cintra (2001) explicam que os verbos impessoais são usados apenas na terceira pessoa do singular e que o verbo *haver* na acepção de existir é classificado como verbo impessoal. Portanto, é invariavelmente usado na terceira pessoa do singular, não se podendo dizer impessoalmente *Houveram momentos de pânico* e sim *Houve momentos de pânico*.

Bechara (2001, p. 21) também destaca que a “principal característica dos verbos e expressões impessoais é que [...] aparecem, na língua exemplar, sempre na 3ª pessoa do singular”. Por isso, construções com o verbo no plural, como *Haviam muitas pessoas no baile*, devem ser evitadas.

Em Almeida (1999), o emprego impessoal do verbo *haver* significa existir, mas se substituirmos pelo verbo *existir* a concordância se imporá, devido às funções sintáticas da oração, como (63) e (64).

<sup>30</sup> Exemplos de Sacconi (2001, p. 335).

(63) *Há* crianças na biblioteca.

(64) *Existem* crianças na biblioteca.

Cunha e Cintra (2001) também explicam que, quando sinônimo de existir, o verbo *haver* se constrói de modo diferente daquele, ou seja, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo seu objeto o nome da coisa existente. Os autores também apontam que, embora construção com o *haver* impessoal na terceira pessoa do plural seja realizada, principalmente, entre os autores do século XIX, tal estrutura não deve ser produzida.

Esses gramáticos destacam que, quando o verbo *haver* é empregado impessoalmente, o que interessa é o processo verbal em si, tendo em vista que não se atribui a nenhum ser o fato expresso pela forma verbal.

Com relação ao uso do verbo *ter*, Almeida (1999, p. 242) destaca não só que “dos quatro verbos auxiliares, somente *ter* não pode ser impessoal”, como também que seu uso, na acepção de existir, “constitui erro grave, e todo possível devemos fazer para evitá-lo, empregar o verbo *ter* com a significação de existir”.<sup>31</sup>

Cunha e Cintra (2001, p. 131), por sua vez, afirmam que, não só na linguagem coloquial do Brasil, como também no Português das nações africanas, é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal à semelhança de *haver*. Os autores citam alguns escritores consagrados que fazem uso de tal verbo, a saber:

(65) Hoje *tem* festa no brejo! (C. Drummond de Andrade)

(66) Em Pasárgada *tem* de tudo

É outra civilização

*Tem* processo seguro (Manuel Bandeira)

Sacconi (2001, p. 335) também aponta que é comum, na língua popular do Brasil, ver o uso do verbo *ter* como impessoal, como *Tem gente que gosta de apanhar*. Embora Bechara (1983) admita que a frequência de uso de *ter* por *haver* seja amplamente maior na conversação de todos os momentos, o autor explica que tal emprego constitui uma incorreção na língua culta, devendo, portanto, ser evitado.

Said Ali (1957, p. 117-18) também explica e adverte que:

---

<sup>31</sup> Os quatro verbos auxiliares citados por Almeida (1999) são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.

O mais conhecido caso de conflito entre a explicação e a realidade é o da oração existencial. Insiste-se em assegurar, com os olhos abotoados, que **há homens** é exatissimamente o mesmo que **tem homens**. Só não se recomenda, como o pediriam a justiça e a coerência, o uso da segunda dicção por tão boa como a primeira. Na genuína oração existencial não há lugar nem para **possuir** nem ainda para **ter**. Levará sempre a marca de erro crasso a oração existencial na qual o discípulo, por ignorância ou inadvertência, puser **tem** por **há**.

Dessa forma, verificamos que, de acordo com a tradição gramatical, o uso do verbo *ter* em orações existenciais quase não é mencionado ou quando mencionado sua possibilidade de uso se restringe à língua falada, ou seja, à língua não “exemplar”. Isso pode ser um indício de que *ter existencial* seja o verbo preferencialmente utilizado em construções existenciais, pois, segundo Carvalho (2004), a introdução de uma forma variável em manuais normativos indica que essa forma é amplamente utilizada pelos falantes cultos da língua.

No entanto, a postura normativa de eleger o verbo *haver* como o “certo” não só acaba incorrendo em preconceito contra a língua dita “popular”, considerada aqui como incorreta, uma vez que se distancia do padrão escrito formal, como também nega aos usuários da língua a informação da existência da forma *ter existencial*, que é amplamente utilizada pelos falantes em diferentes contextos sociais.

### **1.3 *Ter e haver existenciais*: perspectiva sociolinguística**

Considerar a língua como objeto social, heterogêneo e variável constitui a maior contribuição da Sociolinguística para os estudos da linguagem. Ao adotar essa concepção de língua, os estudos sociolinguísticos (LABOV, 2008; COULMAS, 1997; CHAMBERS; TRUGDILL; SCHILLING-ESTES, 2002; CAMPOY; ALMEIDA, 2005) partem dos pressupostos de que há diferenças linguísticas entre as normas estabelecidas pela Gramática Normativa e os reais usos da língua, e de que essas diferenças não ocorrem aleatoriamente, mas sim são condicionadas por restrições linguísticas e sociais.

Dessa forma, diferentemente da abordagem gramatical, pesquisas sociolinguísticas (FRANCHI; NEGRÃO; VIOTTI, 1998; CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2000; SILVA, 2001; MARTINS; CALLOU, 2003; CALLOU; LOPES, 2003; DUARTE, 2003; AVELAR, 2005, 2006; VITÓRIO, 2006, 2008, 2010, 2011a,b) têm mostrado que, tanto na língua falada quanto na língua escrita, construções existenciais, no Português do Brasil, são normalmente formadas com o verbo *ter* e que o processo de substituição de *haver* por *ter* encontra-se em estágio avançado a depender de fatores internos e externos ao sistema linguístico.

### 1.3.1 Língua falada e variação *ter* e *haver* existenciais

Franchi, Negrão e Viotti (1998), em seu trabalho com dados do Projeto NURC-SP, que representa a variante culta da língua falada em São Paulo, em que a escolaridade constitui um fator social significativo na exclusão ou manutenção das formas gramaticais, mostram um percentual significativo no uso de *ter* sobre *haver* e *existir*. Os autores não só apresentam frequências de uso de 50,98% para o verbo *ter*, 25,87% para o verbo *existir* e 23,14% para o verbo *haver*, como também afirmam que:

A distribuição dos verbos nas construções existenciais do PB mostra o privilégio às construções com *ter* sobre *haver* e *existir* [...]. O ainda relativamente alto percentual de construções existenciais com *haver* não condiz com a observação de outros autores [...] de que seu emprego é muito raro, se não inexistente, na língua oral coloquial. (FRANCHI; NEGRÃO; VIOTTI, 1998, p. 106).

Callou e Avelar (2000), ao analisarem a variação *ter/haver* existenciais na norma culta carioca nas décadas de 70 e 90, mostram que a penetração de *ter* no campo de *haver* ainda não se completou – 69% de *ter* contra 31% de *haver*, embora o percentual de *ter* salte de 63% nos anos 70 para 76% nos anos 90, sugerindo, assim, uma mudança em progresso. Os autores apontam que, tanto em uma década como em outra, quatro fatores foram relevantes para a variação em estudo – dois linguísticos e dois sociais, a saber, tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e gênero.

Em tal estudo, os fatores sociais apontam que, de uma década para a outra, a frequência de uso de *ter* aumentou em todas as faixas etárias, chegando à década de 90 a 98% entre os falantes mais jovens. A mudança na década de 70 para a década de 90 acontece entre os falantes do sexo masculino, entre os quais o uso de *ter* cresce de 47% para 74%. Nos anos 90, a frequência de uso de *ter* é de 75% sem distinção de gênero.

No que diz respeito aos fatores linguísticos, os autores explicam que construções no passado favorecem o uso de *haver*, como (67), enquanto que construções no presente, como (68), favorecem o uso de *ter*. Esse resultado mostra que, no Português oral culto da cidade do Rio de Janeiro, o verbo *haver* tornou-se um verbo típico de narração, modalidade discursiva que privilegia o emprego de tempos verbais no passado. O verbo *ter* também ocorre preferencialmente quando os argumentos internos apresentam o traço [+ material], como (69) e (70), ao passo que argumentos com traço [- material] favorecem a aplicação de *haver*, como (71) e (72).

- (67) as vacas que *havia* eram quase todas subnutridas (70-068)<sup>32</sup>  
 (68) *tem* uma partezinha assim pra você botar os pés (70-088)  
 (69) aqui, no Leblon, *tem* o padre Zeca (90-347)  
 (70) *tinha* biscoitos na Colombo (90-002)  
 (71) não *havia* uma censura tão grande, não *havia* exageros (70-259)  
 (72) foi uma fase que *houve* concursos públicos (70-164)

Dutra (2000), ao analisar a natureza variável dos verbos *ter* e *haver* na norma culta de Salvador, mostra que o verbo *ter* é o mais utilizado com 61,9% das ocorrências contra 38,1% de uso do verbo *haver* e que fatores linguísticos e sociais condicionam tal variação, a saber, animacidade do SN argumento interno, natureza concreta ou abstrata do SN argumento interno, modos e tempos verbais, posição do SN argumento interno, tipos de oração, tipos de registro, gênero e faixa etária.

Os dados apontam que, na norma culta de Salvador, o verbo *ter existencial* ocorre preferencialmente nos seguintes contextos linguísticos: presença de SN argumentos internos com traço [+ animado] – 83,05%, como (73), e [+ concreto] – 74,7%, como (74); no presente do indicativo – 64,9%, como (75); em orações absolutas – 80,9%, como (76), e nas orações coordenadas assindéticas - 71,2%, como (77).

- (73) *Tem* outros crustáceos gostosos como, por exemplo, a lagosta [...] <sup>33</sup>  
 (74) Mas a escola...eu acho que não *tem* escola nenhuma que faça esse [...]  
 (75) [...] Então, *tem* aquelas gradezinhas superpostas para as já [...]  
 (76) [...] *Tem* é, também, aquela parte de canoas, jangadas [...]  
 (77) *tem* linhas de navegação regular através da navegação baiana, *tem* essa coisa como é, não, não, não é o “ferry-boat” não [...]

Já os fatores extralinguísticos indicam que *ter existencial* ocorre com mais frequência nos seguintes contextos: no tipo de registro mais coloquial – 76,5%, na fala dos informantes do sexo feminino – 70,08% e nas faixas etárias 1 e 2 – 71,4% e 73,1%, respectivamente. Ainda segundo a autora, o uso de *ter* impessoal, no português oral culto de Salvador, pode ser entendido como um processo de mudança em curso.

<sup>32</sup> Exemplos retirados do trabalho de Callou e Avelar (2000).

<sup>33</sup> Exemplos retirados do trabalho de Dutra (2000).

Martins e Callou (2003), com a finalidade de detectar possíveis mudanças em curso na variação *ter* e *haver existenciais*, analisam as realizações desses verbos na fala urbana culta do Rio de Janeiro e de Salvador nas décadas de 70 e 90 e constatam não só que o confronto das duas décadas sugere uma mudança em curso tanto na fala carioca quanto na fala soteropolitana, pois o percentual de *ter* salta de 63% na década de 70 para 76% na década de 90 no Rio de Janeiro e de 74% na década de 70 para 86% na década de 90 em Salvador, como também que tal variação é motivada, nas duas comunidades, pelos fatores tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e sexo.

Na fala culta soteropolitana, o uso de *ter* é mais evidente entre os falantes do sexo feminino das faixas etárias mais jovens, indicando que o uso de *ter* tem encontrado maior resistência entre os falantes mais velhos do sexo masculino, com um percentual de 45%. Na fala carioca, por sua vez, há uma semelhança no comportamento linguístico entre homens e mulheres e quanto mais jovem o falante, maior a frequência de uso de *ter*. Com relação aos condicionamentos linguísticos, as autoras mostram que, nas duas cidades, o verbo *ter* é mais utilizado quando o argumento interno é do tipo [+ material], como (78), e quando o tempo verbal está no presente, como (79), tanto na década de 70 quanto na década de 90.

(78) hoje em dia *tem* mais vídeo-game (90-SSA)<sup>34</sup>

(79) não *tem* muita diferença do professor para o estudante não (70/SSA)

Callou e Lopes (2003), ao analisarem as realizações de *ter* e *haver* em dados da fala culta extraídas das amostras do projeto NURC-BRASIL, mostram não só que nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Porto Alegre o uso de *ter existencial* obedece aos mesmos condicionamentos linguísticos e sociais, a saber, argumento interno com traço [+ material], verbo no presente do indicativo e falantes menos escolarizados, como também que sua aplicação é geral no Brasil, embora o peso relativo de aplicação da regra varie.

Os pesos relativos de *ter existencial*, segundo os dados de Callou e Lopes (2003), mostram uma curva de mudança em progresso nas cidades de São Paulo, Recife e Rio de Janeiro. Nas cidades de Salvador e Porto Alegre, por sua vez, têm-se uma curva de variação estável, que em Salvador vai no sentido de aumento de *ter* e em Porto Alegre no sentido de uma leve retração de uso dessa variante.

---

<sup>34</sup> Exemplos retirados do trabalho de Martins e Callou (2003).

Vitório (2011a), partindo do pressuposto de que a variação é inerente ao sistema linguístico, havendo, dessa forma, em toda comunidade de fala, as formas linguísticas em variação, analisa as realizações de *ter* e *haver* em construções existenciais na norma culta alagoana em uma amostra sincrônica da década de 90 e constata não só que há variação *ter* e *haver* na comunidade estudada e que o uso de *ter* é maior do que o de *haver* – 69% versus 31%, como também que tal variação é condicionada pela natureza do SN argumento interno.

A autora mostra que *ter existencial* ocorre preferencialmente quando o SN argumento interno apresenta traço [+ concreto] – 93%, como (80), e [+ animado] – 100%, como (81), quando o verbo está no tempo presente – 74%, como (82), em falantes da F2 (34-43 anos) – 80% e falantes do sexo masculino – 70%. A análise em tempo aparente também aponta que *ter* e *haver* estão coocorrendo no escopo das orações existenciais, com uma tendência à supremacia da variante inovadora, indicando, assim, que é notória a preferência dos falantes cultos alagoanos pelo uso da variante *ter existencial*.

(80) *tem* uma revista periódico são algumas revistas (C1L2MF1L14)<sup>35</sup>

(81) aqui *tem* muita gente boa que não tiveram oportunidade (C1L10F1L339)

(82) *tem* certos casos que eu acho que não tem condições (C1L8MF2L283)

Ao traçar o perfil linguístico dos falantes da comunidade de João Pessoa com relação à variação *ter/haver existenciais*, Silva (2001) mostra que o total de ocorrências com *ter* e *haver* corresponde a um percentual de 90% dos casos com o verbo *ter* contra apenas 10% para o verbo *haver* e explica que tal variação é motivada pelo fator linguístico animacidade do SN argumento interno e pelos fatores sociais escolaridade, faixa etária e sexo. A autora argumenta que talvez por não possuir traço de estigmatização social na língua falada *ter existencial* seja mais frequente que *haver* e aponta que o uso de *ter* e *haver* na comunidade estudada se caracteriza como um processo de variação estável, tendo em vista que os jovens se mostraram menos influentes ao uso da variante inovadora.

Na fala pessoense, o verbo *ter existencial* ocorre preferencialmente quando o SN argumento interno apresenta traço [+ animado] – 95%, como (83) e (84), entre os falantes menos escolarizados – 98%, indicando, assim, que o acesso às regras gramaticais é importante na escolha dessas variantes linguísticas, entre os falantes da faixa etária 2 (26-49 anos) – 97%

<sup>35</sup> Exemplos retirados do trabalho de Vitório (2011a).

e entre os falantes do sexo feminino – 93%, diminuindo sua frequência à medida que a escolaridade dos usuários da língua aumenta – 89%.

(83) *tem* muitas crianças. (GHSS – 1gm)<sup>36</sup>

(84) *tem* um cego no meio da platéia. (VLB – 1sm)

Duarte (2003), ao analisar amostras da comunidade de fala carioca não culta, apresenta que, na amostra de 1980, o verbo *ter* apresenta um percentual de 87% contra apenas 10% de *haver*, enquanto que, na amostra de 2000, esse percentual muda para 91% de uso de *ter* contra apenas 6% de uso de *haver*, mostrando que, nas duas amostras de fala analisadas, há uma absoluta predominância de *ter* sobre *haver*. Tal predominância, pontua a autora, pode estar relacionada à projeção da posição de sujeito, uma vez que *ter existencial* permite a realização de sujeito expletivo realizado foneticamente, diferente de *haver existencial* que não possui um *locus* para a inserção de um sujeito fonético.

No que se refere ao uso de *haver*, a autora aponta que seu contexto de resistência está particularmente ligado a construções existenciais que apresentam um SN argumento interno com traço [- material] em ambas as amostras, como (85) e (86), indicando um percentual de 75% de uso. Com relação ao nível de escolarização dos falantes, na amostra de 80, os falantes do ensino médio superam os falantes dos ensinos fundamental 1 e 2 no uso de *haver*, com frequência de 21% *versus* 7%, respectivamente. Já na amostra de 2000, há os índices de 3% para o ensino fundamental 1, 10% para o fundamental 2 e 5% para o ensino médio.

(85) Porque para a alimentação, para o vestiário, sempre há *aquele jeitinho* de se vestir e de se alimentar.<sup>37</sup>

(86) Quer dizer, não há *necessidade* de botar mais água nesse leite.

Outro fator apontado por Duarte (2003) é a hipótese de o verbo *haver* já não fazer mais parte do processo natural de aquisição da linguagem, pois na faixa etária 1 (7-14 anos), das duas amostras, não há ocorrências do verbo *haver*, enquanto que na faixa etária 4 (acima de 50 anos), *haver* apresenta índices de 19% na amostra de 80 e 15% na amostra de 2000.

<sup>36</sup> Exemplos retirados do trabalho de Silva (2001).

<sup>37</sup> Exemplos retirados do trabalho de Duarte (2003).

Callou e Avelar (2000) também apontam que observações assistemáticas dos dados mostram que é possível formular a hipótese de que, nos dialetos brasileiros, a criança só adquire o verbo *haver* com sentido de existir durante o seu aprendizado escolar.

A permanência deste verbo em alguns contextos deve provavelmente estar condicionada, dentre outros fatores, ao processo de aquisição da escrita, em que ainda se valoriza um padrão no qual as existenciais sejam construídas da mesma forma que no português europeu. (AVELAR, 2006, p. 72).

Avelar (2005) explica que a variação *ter* e *haver* em sentenças existenciais é condicionada à faixa etária e ao nível de escolarização do falante, bem como à modalidade de uso da língua em que a sentença é realizada, ou seja, língua falada ou língua escrita, e “é desencadeada pela ‘alimentação’ da chamada **gramática periférica** pelo processo de escolarização (em oposição à **gramática nuclear**, construída no processo natural de aquisição da linguagem [...])” (p.01).

Por gramática naturalmente internalizada, estou entendendo o que Chomsky 1981 classifica como **gramática nuclear**, em oposição a uma **gramática periférica**; seguindo os desdobramentos propostos por Kato 2005 em torno desses dois conceitos, uma gramática periférica “pode abrigar fenômenos de empréstimos, resíduos de mudança, invenções, de forma que indivíduos da mesma comunidade podem ou não apresentar esses fenômenos de forma marginal” [...] contrariamente ao que ocorre na formação da gramática nuclear, resultante do processo de aquisição natural da língua. (AVELAR, 2005, p. 2).

Nesse contexto, Vitório (2010) analisa a frequência de uso dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na fala de crianças alagoanas entre 7 e 12 anos e constata que a variação *ter/haver existenciais* só ocorre a partir do momento em que a criança entra em contato com a aprendizagem da língua escrita, mostrando que as produções linguísticas das crianças analisadas refletem a gramática adquirida durante o processo natural de aquisição de linguagem, em que *ter existencial* é o verbo selecionado para tal contexto.

De acordo com os dados obtidos – 96% de *ter* contra apenas 4% de *haver*, a autora argumenta que *haver existencial* não faz mais parte do processo natural de aquisição da linguagem, não sendo, portanto, resultado da fixação da gramática em situação natural de aquisição da linguagem, indicando, dessa forma, que a variação *ter/haver existenciais* só ocorre na gramática periférica dos falantes.

Embora o verbo *haver* tenha apresentado um percentual de 4%, configurando-se assim numa variação linguística entre *ter/haver existenciais* no *corpus* analisado, argumentamos que não estamos diante de uma variação a ser capturada como um

fato de gramática nuclear, tendo em vista que esse percentual representa apenas sete ocorrências em que as crianças reproduzem *haver existencial* em concordância com o *input* linguístico, ou seja, as crianças incorporam partes do enunciado do adulto a sua fala [...]. (VITORIO, 2010, p. 60).

A autora também mostra que diferentemente de *ter existencial* que ocorre em qualquer contexto linguístico, sem qualquer motivação do *input*, como (87) e (88), *haver existencial* só ocorre a partir de falas anteriormente ditas pelo adulto, como (89) e (90), indicando, dessa forma, que o português brasileiro está passando por um processo de mudança linguística em relação ao uso de *ter* e *haver* em construções existenciais.

(87) L2: Onde eu morava *tinha* uma mulé ela era muito curiosa [...] <sup>38</sup>

(88) L9: *Tinha* um monte de árvore. (C2L9L911F)

(89) L1: e *houve* castigo?

L2: *houve* não – a tia Anali mandou a gente alimpá (C1L2L219M)

(90) L2: /teve, tem/ um dia que eu tava jogando – lá na quadra – perto da minha casa – quando começou uma bagaceira do time – o Brasil dizendo CSE: que não não --- que não – que não tinha fazido – que não tinha feito gol – então tava dois a zero /o, o/ Flamengo tava ganhando – então cada um dizia uma coisa – aí começou rolo dos técnicos --- um disse um disse que tinha feito gol um disse que não – aí ele começaram a – briga aí o: técnico – olhou assim: disse “não vamo brigar não / vamos fazer o jogo – vai *haver* pênalti” – aí quando a gente coisou a gente tava com dois – acabando com cinco (C3L2L1445M)

Esses dados nos permitem supor que, no âmbito da gramática nuclear das crianças aqui analisadas, a variação *ter/haver existenciais* é quase nula, como também que a criança acionou a mudança na direção de *ter existencial* e que a escola tenta reverter essa inovação através do processo de ensino/aprendizagem. A ideia que defendemos é a de que o verbo *haver existencial* provavelmente só deva ser adquirido realmente quando a criança entra em contato com a aprendizagem da língua escrita. (VITORIO, 2010, p. 61).

Ao mostrarmos os resultados das realizações dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais em dados de língua falada em diferentes regiões do Brasil, verificamos que o comportamento linguístico dos falantes em relação ao uso desses verbos é o mesmo, deixando evidente a tendência ao uso de *ter existencial* tanto na fala culta quanto na fala popular do português brasileiro. Embora o percentual de *haver* venha sofrendo uma redução significativa,

<sup>38</sup> Exemplos retirados do trabalho de Vitorio (2010).

principalmente na fala popular, em que a fixação de *ter* está praticamente concluída, observamos que a penetração de *ter* no campo de *haver* ainda não se completou, uma vez que fatores como argumentos internos com traços [- abstrato] e [- animado], verbo no tempo passado, falantes mais velhos e mais escolarizados favorecem mais a aplicação de *haver*.

### 1.3.2 Língua escrita e variação *ter* e *haver existenciais*

Avelar (2005), ao analisar dois casos de variação no português brasileiro, mostra que a variação *ter* e *haver existenciais* é diametralmente oposta na língua falada e na língua escrita, pois o verbo *ter* é realizado em 87% das construções existenciais na língua falada, enquanto que, na língua escrita, esse percentual é de 14%. O verbo *haver*, por sua vez, ocorre com um percentual de 13% na língua falada e 86% na língua escrita.

Tais resultados são explicados pelo fato de o verbo *haver* ser uma variante de prestígio, sendo, por isso, a forma preferida na língua escrita, ao passo que o uso de *ter existencial* justifica-se apenas pela necessidade de se inserir, entre os textos escritos, elementos comuns da oralidade, tendo em vista que as ocorrências de *ter* aparecem, preferencialmente, na elaboração de diálogos entre narrador e personagem, como (91).

(91) Em budapeste ela não conhecia ninguém, *tem* loja de departamentos em budapeste? Não sei, deve *ter* confeitarias, excelentes museus. (Chico Buarque, p.42)<sup>39</sup>

Avelar (2006), ao propor uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro, aponta que o uso de *ter existencial*, na língua escrita, aparece com 8% entre os séculos XVI-XVIII, 22% no século XIX e 30% no século XX. O autor explica que esses dados apenas refletem o conservadorismo a que tende a língua escrita, não mostrando, de fato, o que realmente acontece na língua falada, em que o verbo *ter* em construções existenciais, pelo observado até aqui, vem se saindo vencedor.

O uso de *haver* como existencial canônico no português brasileiro escrito não consiste, nesta perspectiva, num reflexo de procedimentos internos à gramática nuclear, mas do provimento da gramática periférica por elementos que têm prestígio na língua escrita. Se atentarmos para que, no Brasil, o aprendizado da língua escrita tende a ter como alvo ou estágios anteriores da língua ou a norma do português

<sup>39</sup> Exemplo retirado do trabalho de Avelar (2005).

européu [...] fica fácil imaginar a razão da supremacia de *haver* e da tendência de supressão de *ter* na língua escrita. (AVELAR, 2005, p. 14-15).

Vitório (2006), ao analisar o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em textos escritos de alunos de 5ª e 6ª séries do ensino fundamental da cidade de Maracanaú/CE, com o intuito de verificar a frequência de uso desses verbos e de analisar se fatores linguísticos e sociais condicionam tal variação, constata que a frequência de uso de *ter* é bem maior do que a frequência de *haver* – 89% *versus* 11% e que o uso de *ter* e *haver*, na comunidade estudada, é condicionado pelos fatores linguísticos tempo verbal, tema do texto e animacidade do SN argumento interno.

O verbo *ter existencial* ocorre preferencialmente nos seguintes contextos: quando o verbo está no presente do indicativo – 97%, como (92); quando o tema da produção textual se refere às experiências pessoais dos alunos – 89% e 97%, como (93), e quando o SN argumento interno da construção existencial é animado – 95%, como (94). A autora também mostra que os textos dos alunos da 5ª série apresentam um percentual maior de uso de *ter* – 91% contra 88% das ocorrências de *ter* presentes nas produções dos alunos da 6ª série, indicando que são os alunos menos escolarizados que mais utilizam a variante inovadora.

(92) *Tem* várias personagens que eles imitam... (6N138L8M)<sup>40</sup>

(93) *Teve* um dia aí que minha mãe alugou um filme... (5N8L1M)

(94) ...*tem* pessoas que gostam muito de você... (5N27L3M)

Vitório (2008), com o objetivo de observar se há variação *ter* e *haver existenciais* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió e como essa variação ocorre, mostra que o verbo *ter* apresenta um percentual de 64% contra 36% de uso de *haver* e que tal variação é condicionada pelos fatores escolaridade e tempo verbal. O verbo *ter* ocorre preferencialmente quando o verbo está no tempo presente – 72%, como (95) e (96), e nos textos dos alunos do ensino fundamental, com um percentual de 79% *versus* 45% das ocorrências nos textos dos alunos do ensino médio.

(95) *Tem* uma mulher que rouba no centro. (8N42L2F)<sup>41</sup>

(96) Em Maceió *tem* muita violência. (3N87L9M)

<sup>40</sup> Exemplos retirados do trabalho de Vitório (2006).

<sup>41</sup> Exemplos retirados do trabalho de Vitório (2008).

Esses números, segundo a autora, não só indicam que são os alunos do ensino fundamental, ou seja, os alunos com menos anos de escolarização que tendem a usar mais a variante inovadora, ao passo que os alunos do ensino médio apresentam um percentual maior de ocorrências da variante conservadora, como também que o acesso às regras gramaticais é determinante na escolha das variantes *ter* e *haver* no *corpus* analisado, pois, com o aumento do nível de escolarização dos falantes, o percentual de *haver existencial* tende a aumentar.

A autora também constata que o verbo *ter existencial* ocorre, preferencialmente, nos seguintes contextos: em textos do tipo dissertativo – 67%, como (97); quando o SN argumento interno é concreto – 70%, como (98); em relatos de experiências não pessoais dos alunos – 67%, como (99); quando o SN argumento interno é animado – 76%, como (100); e na escrita dos alunos do sexo masculino – 65%, como (101).

(97) As bulas deveriam ser mais simplificadas, somente contendo informações necessárias ao consumidor assim facilitaria a leitura e o entendimento da população. Em especial, *tem* as pessoas de maior idade que sentem muita dificuldade com as letras mínimas exibidas na bula, justamente as que mais tendem a precisar de medicamentos. (3N66L5F)

(98) Além de que *tinha* muitas pessoas. (3N109L6F)

(99) Contudo, *tem* várias formas de reprodução e apresentação, dependendo assim do local onde é pronunciada. (3N72L3M)

(100) *Tinha* uma mulher no ponto quando o bandido puxou a arma e levou a bolsa dela. (8N41L1F)

(101) Não *tinha* ninguém naquele local, quando fui abordado. (3N87L6M)

As pesquisas de Vitória (2006, 2008) apontam que mesmo a língua escrita sendo um discurso mais monitorado e, por isso, mais favorável ao uso da norma padrão, ou seja, da variante conservadora *haver existencial*, é a variante inovadora *ter existencial* que aparece em maior escala nos textos dos alunos das 5ª, 6ª e 8ª séries do ensino fundamental, com percentuais de 91%, 88% e 79%, respectivamente, enquanto que, nos textos dos alunos do 3º ano do ensino médio, o percentual de *haver* é maior – 55% *versus* 45% de *ter*.

Esses dados parecem realmente indicar que as produções textuais dos alunos das séries iniciais refletem a gramática adquirida durante o processo natural de aquisição da linguagem, em que essas crianças ainda não foram afetadas de maneira significativa pela escola e que há uma participação decisiva da escola no uso que se faz das variantes *ter* e

*haver* em construções existenciais na língua escrita, exercendo, portanto, um papel preponderante na recuperação e manutenção da variante conservadora *haver existencial*.

A comparação entre os dados de fala e os dados da escrita analisados por Vitório (2006, 2008, 2010) mostra que a criança entra na escola selecionando *ter*, continua por um período utilizando esse verbo e aos poucos vai adequando sua gramática às normas prescritas pela gramática normativa. A escola vai tentando reverter esse uso, mas só começa a obter algum resultado lá pelo final do ensino médio, resultado esse que não é total, tendo em vista que o uso de *ter existencial* é tão significativo que a escola não consegue barrá-lo.

Dessa forma, é possível constatar que, apesar de não existir uma aceitação nos manuais normativos do uso de *ter* em construções existenciais, contrariando, dessa forma, o que, de fato, ocorre no uso da língua no português brasileiro, o uso do verbo *ter* não é um fenômeno estigmatizado pela sociedade, pois é utilizado por falantes de diferentes níveis de escolarização sem causar preconceito linguístico e social, comportamento já esperado, tendo em vista que estamos diante de uma mudança linguística que atinge toda a comunidade. O uso preferencial de *ter*, de acordo com Silva (2001), também é extensivo à mídia, a órgãos que requerem um estilo mais formal de linguagem e à própria instituição educacional.

Na língua popular do Brasil é corrente tal uso, não já na expressão do vulgo inculco, mas até na dos letrados quando falam descuidadamente. Para que empreguemos o impessoal **há**, é-nos necessário certo esforço, certa volição, tão entranhada está em nossos hábitos lingüísticos tal sintaxe. Assim dizemos **Tinha** muita gente na festa. Tal uso não constitui brasileirismo como julgam alguns, mas é herança arcaica que se projetou até nos melhores clássicos do idioma. (BUENO, 1958, p. 208).

É a partir desses estudos e dessas observações que objetivamos analisar o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na fala alagoana. Nosso intuito ao selecionar a língua falada é não só traçar o perfil sociolinguístico dos falantes alagoanos em relação ao uso de *ter* e *haver existenciais* e verificar se tal variação, na comunidade estudada, reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso, mas também ampliar o elenco de estudos linguísticos destinados à descrição da língua falada e ao seu funcionamento, principalmente, a língua falada no estado de Alagoas.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando me iniciei na linguística, como estudante, em 1961, era minha intenção coletar dados no mundo secular. Os primeiros projetos que concebi eram “ensaios em linguística experimental”, levados a cabo em ambientes sociais corriqueiros. Meu objetivo era evitar a inevitável obscuridade dos textos, a inibição das elicitaciones formais e o auto-engano da introspecção. [...]. Uma simples revisão da literatura me convenceria de que tais princípios empíricos não tinham lugar na linguística: existiam diversas barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária. (LABOV, 2008, p. 13).

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos básicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, enfatizando não só a questão da variação sociolinguística, mas também evidenciando aspectos que possibilitem o enquadramento do fenômeno em estudo dentro da teoria laboviana. Para tanto, situamos a Sociolinguística dentro dos estudos linguísticos e discutimos temas referentes à heterogeneidade inerente às línguas e suas consequências no campo linguístico e social, a saber, a variação e a mudança linguística, a mudança em tempo aparente e em tempo real, a noção de regra variável e a importância dos fatores linguísticos e sociais para a variação e a mudança.

### 2.1 Sociolinguística

O interesse pelos estudos da linguagem advém dos mais remotos períodos históricos. Dos trabalhos dos gramáticos gregos e romanos da Antiguidade Clássica até o século XX, quando os estudos linguísticos se intensificam não só aperfeiçoando postulados outrora difundidos e acrescentando novas teorias aos estudos da linguagem, mas também delimitando a Linguística como uma ciência autônoma. A palavra “linguística”, por sua vez, já começa a ser utilizada no século XIX em oposição aos estudos normativo/prescritivo e filológico, mas é a partir do século XX, com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (1916), de Ferdinand de Saussure, que a Linguística se define como estudo científico da linguagem humana.

Perante a heterogeneidade da linguagem, Saussure expõe uma representação interna dos fatos linguísticos, uma redução unitária e coerente da diversidade da linguagem. Empenha-se em definir conceitos, classificar fatos, esboçar esquemas, que, em sentido estrito, equivale a construir uma teoria. A esse esforço deve-se a determinação de conceitos fundamentais, metodológicos e descritivos da linguística

e a introdução de distinções teóricas de grande fecundidade prática: a linguagem entendida como um sistema de signos de natureza social, sua função primordial na comunicação humana e sua natureza dicotômica e opositiva, além de princípios fundamentais, como a arbitrariedade do signo e a natureza linear do significante. (CAMACHO, 1994, p. 26).

Ao dar a Linguística um lugar autônomo em relação a outras disciplinas científicas, Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, prioriza a *langue* como objeto de estudo, mostra que os fatos linguísticos devem ser explicados através de outros fatos linguísticos e considera apenas a sincronia nos estudos da linguagem, não deixando espaço para a variação e a mudança linguística. Para Saussure, a língua é vista como um conjunto fechado e homogêneo de regularidades, de fatos estáticos, que pode ser descrita sem levar em consideração os elementos em variação e o papel que a estrutura social teria sobre os fenômenos linguísticos. A “Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2002, p. 271).

Embora apareça como uma reação ao estruturalismo linguístico, Chomsky (1978[1965]) também trabalha a língua abstraída de tudo que lhe seja externo, um sistema inteiramente independente do contexto social em que se manifesta. O autor considera que o objeto da Linguística é a competência linguística do falante-ouvinte ideal, que pertence a uma comunidade linguisticamente homogênea e escolhe as intuições do lingüista e/ou falante como dados de análise para explicar a competência intuitiva do falante-ouvinte, que consiste na capacidade que ele tem de emitir e compreender um número indefinido de sentenças

A teoria linguística tem antes de mais nada como objecto um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitamente, e que, ao aplicar o seu conhecimento da língua numa performance efectiva, não é afectado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais ou característicos). (CHOMSKY, 1978[1965], p. 83).

Contrária à concepção de língua como um sistema homogêneo, centrada no indivíduo e desvinculada do grupo social e das situações comunicativas reais de uso, nasce, na década de 1960 e marcada por uma origem interdisciplinar, a Sociolinguística, que segundo Labov (2008, p. 241), é entendida como “o estudo da língua em seu contexto social”. Sua tarefa principal é demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, através da articulação entre linguagem e aspectos de origem social e cultural, ou seja, “[...] a

Sociolinguística se centra na atuação linguística concreta dos falantes – a língua em uso [...]” (CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p. 14-15).<sup>42 43</sup>

[...] os sociolinguistas rompem incisivamente com uma tendência linguística: a de tratar as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em sua estrutura [...]. Uma das maiores tarefas da sociolinguística é demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é “livre”, mas condicionada a diferenças sociais sistemáticas. Neste aspecto e em outros mais latos, é precisamente a DIVERSIDADE linguística o objeto da sociolinguística. (BRIGHT, 1974, p. 18).

O termo “sociolinguística” é bastante recente e foi cunhado para se referir às perspectivas conjuntas que linguistas e sociólogos mantinham face às questões sobre as relações entre linguagem e sociedade e, especialmente, sobre a relação entre contexto social e diversidade linguística. Dessa forma, a Sociolinguística é marcada por uma heterogeneidade original e pode ser vista, dentro dos estudos linguísticos, como o ponto de partida de novas correntes e orientações de pesquisas centradas no fato do fenômeno linguístico relacionado ao contexto social e cultural, situando seus estudos na corrente linguística de base funcional.<sup>44</sup>

Labov (2008) não só classifica os estudos linguísticos em dois grupos, a saber, grupo “social” e grupo “associal”: o primeiro põe ênfase na importância da diversidade linguística e procura explicar os fenômenos linguísticos através de fatores linguísticos e sociais, e tem como representantes linguistas como Whitney, Schuchardt, Meillet, Vendreys, Jespersen e Sturtevant, ao passo que o segundo toma a comunidade como homogênea e exclui todo o estudo que leva em consideração o comportamento social e tem como representantes linguistas como Saussure, Herman Paul, Sweet, Troubetzkoy, Bloomfield, Hockett, Martinet, Chomsky e Halle, como também situa os estudos sociolinguísticos dentro do grupo social.

[...] a sociolinguística só podia se constituir de modo coerente pela recusa da cisão instituída pelo estruturalismo entre um “instrumento de comunicação”, a língua, e suas condições de realização. A solução que propusemos consiste em inverter a abordagem do problema e em dizer que *o objeto de estudo da linguística não é*

<sup>42</sup> As traduções apresentadas no decorrer desta tese são de nossa inteira responsabilidade.

<sup>43</sup> “[...] la Sociolinguística se centre en la actuación lingüística concreta de los hablantes – la lengua en uso [...]].

<sup>44</sup> Atualmente, a literatura linguística assume que os estudos desenvolvidos dentro da ciência da linguagem podem ser divididos em duas áreas de pesquisas, que são definidas, segundo Neves (1997), em duas grandes correntes do pensamento linguístico, a saber, formalismo e funcionalismo. O formalismo vê a língua como um objeto autônomo que basta a si mesmo e exclui qualquer fenômeno que não seja interno ao sistema linguístico, ao passo que o funcionalismo vê a língua como um objeto social e se interessa pela função que as formas linguísticas desempenham em determinado contexto social, estabelecendo, dessa forma, um objeto de estudo baseado no uso real da língua, que é entendida como um instrumento de comunicação e de interação social. Ou seja, “[...] o formalismo priorizaria a análise das formas linguísticas, enquanto o funcionalismo priorizaria a relação sistemática entre essas formas e as funções que desempenham no processo comunicativo” (BORGES NETO, 2004, p. 86).

*apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto lingüístico.*  
(CALVET, 2002, p, 158).

Campoy e Almeida (2005) destacam cinco características inerentes e definidoras da Sociolinguística, a saber: (i) é uma ciência; (ii) é um ramo da Linguística, ou seja, é uma forma distinta de fazer linguística; (iii) considera a língua como fenômeno social e cultural; (iv) estuda a língua em seu contexto social, em situações da vida cotidiana, por meio da investigação empírica; (v) e está relacionada com a metodologia e os conteúdos das ciências sociais. A língua, dessa forma, passa a ser entendida, pelos sociolinguistas, como uma forma de comportamento social, dotada de uma heterogeneidade sistematicamente inerente.

Trudgill (1974) caracteriza a teoria sociolinguística como uma área da linguística que se ocupa das relações entre linguagem e sociedade e se interessa pelos estudos das línguas em seu contexto social de uso. Holmes (1992) afirma que o foco da sociolinguística é mudar para uma teoria que proporcione um perfil adequado do modo como a língua é usada em uma comunidade de fala e das escolhas que os usuários da língua fazem quando usam essa língua. Chambers (1995) também ressalta que a sociolinguística é o estudo dos usos sociais da língua.

Ao analisar os fundamentos da teoria sociolinguística, Figueroa (1994) lista uma série de definições sobre o que se entende por Sociolinguística, ressaltando também o fato de essa teoria procurar descrever e explicar o uso da língua tendo como ponto de partida as interações verbais dos indivíduos em circunstâncias reais de comunicação, ou seja, procurar analisar os fenômenos linguísticos em situações comunicativas reais de uso da língua, levando em consideração o evento de fala, seus participantes e o contexto social.

Sociolinguística é “o estudo da linguagem em relação à sociedade” (Hudson, 1980, p. 1). Sociolinguística “visa a relacionar o uso da língua a padrões sociais ou estruturais de vários tipos” (Romaine, 1982, p. 1). Sociolinguística “é aquela parte da linguística envolvida com a língua enquanto fenômeno social e cultural” (Trudgill, 1974, p. 32). Sociolinguística é “o estudo das características das variedades linguísticas, das características de suas funções e das características de seus falantes e de como esses três interagem e mudam numa comunidade” (Fishman, 1971, p. 4) [...]. (FIGUEROA, 1994, p. 25).<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Sociolinguistics is “the study of language in relation to society” (Hudson, 1980, p. 1). Sociolinguistics “attempts to make a coherent statement about the relationship between language use and social patterns or structures of various kinds” (Romaine, 1982, p. 1). Sociolinguistics “is that part of linguistics which is concerned with language as a social and cultural phenomenon” (Trudgill, 1974, p. 32). Sociolinguistics is “the study of language as a social phenomenon” (Svejcer and Nikol’skij, 1986, p. 1). Sociolinguistics is “the study of the characteristics of language varieties, the characteristics of their functions, and the characteristics of their speakers as these three constantly interact, change and change one another within a speech community” (Fishman, 1971, p. 4) [...].

Os estudos linguísticos que recebem o rótulo de Sociolinguística podem ser divididos, segundo Labov (2008), em três campos de pesquisas, a saber: Sociologia da Linguagem (FISHMAN, 1972), que busca entender a estrutura social através do estudo da linguagem, focalizando toda a gama de tópicos relacionados à organização social do comportamento linguístico; Etnografia da Fala (HYMES, 1962), mais tarde rebatizada de Etnografia da Comunicação, que procura descrever e interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural, definindo as funções da linguagem a partir da observação e das regras sociais próprias de cada comunidade; e Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1966), que sublinha o papel dos fatores linguísticos e sociais na explicação da diversidade linguística observada.

A sociolinguística é uma disciplina que abarca uma gama de interesses relacionados com o estudo de uma ou mais línguas em seu contexto social. Examina perguntas tais como: Qual é a diferença entre língua e dialeto? Há uma forma correta de falar uma língua? Por que “soa diferente”, por exemplo, um mexicano, um espanhol e um chileno quando falam a mesma língua, o castelhano ou espanhol? O que nos motiva a escolher uma forma de dizer algo entre várias alternativas similares? Por que as línguas mudam e não falamos hoje como falavam, por exemplo, Cervantes ou Bolívar, no castelhano, ou Shakespeare e Washington, no caso do inglês? O que é que nós sabemos quando só a partir da maneira de falar de uma pessoa, sem necessidade de vê-la, podemos adivinhar seu nível de instrução, seu sexo, sua região ou país de origem e inclusive sua idade? Linguisticamente falando, é um bilíngüe a soma de dois monolíngües? Quanto e como muda a língua em uma situação de bilingüismo social? (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 1).<sup>46</sup>

É a partir desses estudos e desses questionamentos que se passa a conhecer várias realidades linguísticas antes ignoradas, tais como: a ideia de que a língua é heterogênea e de que essa heterogeneidade pode ser sistematizada; o desenvolvimento de bilingüismo em nações socialmente complexas; a obsolescência e a assimilação de línguas minoritárias; as regras que condicionam os comportamentos dos falantes nos eventos de fala; a influência de fatores extralingüísticos no uso da língua, como classe social, escolaridade, sexo, faixa etária, entre outros; a ideia de que a variação linguística não é livre e sim condicionada por restrições linguísticas e sociais; o motivo de as crianças provenientes de classes sociais menos

---

<sup>46</sup> La sociolingüística es una disciplina que abarca una gama amplísima de intereses relacionados con el estudio de una o más lenguas en su entorno social. Examina preguntas tales como ¿Cuál es la diferencia entre lengua y dialecto? ¿Hay una forma correcta de hablar una lengua? ¿Por qué “suenan diferente”, por ejemplo, un mexicano, un español y un chileno cuando hablan la misma lengua, el castellano o español? ¿Qué nos motiva a elegir una forma de decir algo entre varias alternativas similares? ¿Por qué cambian las lenguas y no hablamos hoy como hablaban, por ejemplo, Cervantes o Bolívar, en el caso del castellano, o Shakespeare y Washington, en el caso del inglés? ¿Qué es lo que sabemos cuando sólo a partir de la manera de hablar de una persona, sin necesidad de verla, podemos adivinar su nivel de instrucción, su sexo, su región o país de origen e incluso su edad? Lingüísticamente hablando, ¿es un bilingüe la suma de dos monolingües? ¿Cuánto e cómo cambia la lengua en una situación de bilingüismo social?

favorecidas não “acompanharem” o modelo tradicional de ensino; a inadequação das gramáticas normativas para o ensino de língua materna, entre outros.

## 2.2 Variação e mudança

A Teoria da Variação Linguística, também conhecida por Sociolinguística Quantitativa, surge a partir da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006)<sup>47</sup> e trata da variação e da mudança linguística, contemplando os usos variáveis de fenômenos da linguagem em seu contexto social. Tal proposta se distancia dos estudos linguísticos que consideram a língua como um sistema de normas abstratas, externa ao falante e independente do contexto de enunciação e mostra que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento desse sistema.

A existência de *variação e de estruturas heterogêneas* nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. [...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional [...]. (LABOV, 2008, p. 238).

A sociolinguística laboviana vem não só mostrar o caráter heterogêneo e variável das estruturas linguísticas, mas também defender que tais estruturas seguem regras e têm formas lógicas linguísticas perfeitamente demonstráveis, sendo possível seu estudo dentro do campo linguístico. A língua passa a ser vista pelos sociolinguistas como dotada de uma heterogeneidade ordenada, os quais não eliminam dos estudos linguísticos aquilo que é variável. Tal proposta faz da variação seu objeto de estudo e análise, passando toda a língua a apresentar variação, que é potencialmente um desencadeador de mudança.

O termo mudança passa a apresentar na teoria laboviana um significado diferente daquele atribuído na Linguística Formal. Antes a mudança linguística era vista como aleatória e indicava tanto o processo de mudança quanto a variação linguística, mas, com o advento da Teoria da Variação, evidencia-se que nem tudo que varia implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação. “Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança

---

<sup>47</sup> Neste trabalho, utilizamos a versão brasileira *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* de Weinreich, Labov e Herzog (1968) – *Empirical foundations for a theory of language change*, traduzida por Marcos Bagno.

lingüística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!” (TARALLO, 2003, p. 63).

Dessa forma, em uma análise de cunho variacionista, é importante estabelecer se a análise das variantes aponta para uma variação linguística estável, ou seja, a coexistência de formas alternantes no sistema linguístico, sem que se possa dizer que uma delas vai desaparecer ou se transformar ou para uma mudança linguística em curso, ou seja, o duelo entre as variantes e a permanência de apenas uma delas no sistema linguístico.

Para reconstruir a cronologia das várias etapas da mudança e para correlacionar essa cronologia com as características sociolinguísticas de cada estágio, estabelecendo, assim, variação estável ou mudança em curso, Labov (1996[1994])<sup>48</sup> afirma que é preciso combinar observações em tempo aparente com observações no tempo real. Entretanto, o próprio autor argumenta que esse método não pode ser aplicado em todas as comunidades de fala, simplesmente porque não há observações em tempo real que possam ser usadas para calibrar e confirmar as possibilidades que suscitam em tempo aparente.

Portanto, na falta de estudos em tempo real, as questões a respeito das mudanças linguísticas podem ser respondidas observando a mudança linguística em tempo aparente, ou seja, analisando a distribuição das variáveis linguísticas por níveis de idade da comunidade de fala. Nesse caso, os falantes apresentarão diferentes padrões de fala com respeito à mudança em questão e se a frequência de uso de uma forma linguística estiver caindo com relação à faixa etária mediana e, principalmente, jovem, pode-se ter uma mudança em progresso.

A hipótese básica subjacente ao tempo aparente, claro, é que a menos que haja evidência contrária, diferenças entre gerações de adultos refletem os desenvolvimentos diacrônicos atuais em uma língua quando outros fatores, tais como classe social, são mantidos constantes. A fala de cada geração supõe refletir a língua existente no tempo quando essa geração aprendeu a língua. (BAILEY et al., 1991, p. 242).<sup>49</sup>

Bailey et al. (1991) destacam que a abordagem sincrônica no estudo da mudança linguística fornece uma importante estratégia para atacar os problemas de transição, implementação e avaliação, fornecendo, assim, informações cruciais para a análise da mudança. Labov (1996), no entanto, argumenta que a análise da mudança linguística em

<sup>48</sup> Neste trabalho, utilizamos a versão espanhola *Principios del Cambio Lingüístico* de Labov (1994) - *Principles of Linguistic Change*, traduzida por Pedro Martín Butragueño.

<sup>49</sup> The basic assumption underlying apparent time, of course, is that unless there is evidence to the contrary, differences among generations of adults mirror actual diachronic developments in a language when other factors, such as social class, are held constant. The speech of each generation is assumed to reflect the language as it existed at the time when that generation learned the language.

tempo aparente é apenas uma hipótese, uma projeção que o pesquisador se arrisca a fazer. Dessa forma, identificada uma situação de mudança em curso em tempo aparente, o pesquisador deveria voltar no tempo (eixo em tempo real) para obter dados com os quais possa desvelar as características do processo histórico visualizado no corte sincrônico.

A mudança em tempo real, por sua vez, relaciona-se ao aspecto diacrônico da língua. Segundo Tarallo (2003, p. 70), “uma vez atestada a mudança com base em dados do tempo aparente, deve-se proceder a um encaixamento histórico da variável no tempo real”. Apesar da importância do estudo da comunidade em tempo real, nem sempre é fácil ou mesmo possível realizá-lo. Para Labov (1996), as dificuldades são várias: falta de pesquisas anteriores da comunidade em estudo; falta de tempo e/ou interesse do pesquisador em voltar à comunidade 10 ou 20 anos depois para coletar de novo os dados; e falta de textos que atestem o vernáculo do lugar.

Para a realização de análises em tempo real, o autor aponta duas observações. A primeira delas, considerada o método mais eficiente de se fazer uma observação em tempo real, é procurar estudos já realizados anteriormente na comunidade que se quer pesquisar e comparar os dados antigos com os mais novos. Porém, esta não é uma tarefa simples, tendo em vista que a sociolinguística laboviana se desenvolveu a partir da década de 60 e as diferenças metodológicas entre as pesquisas atuais e os estudos anteriores podem dificultar ou mesmo impossibilitar quaisquer comparações. A segunda observação apontada por Labov (1996) é voltar à comunidade estudada e realizar um novo trabalho de campo, que pode ser feito através do estudo de tendência e/ou estudo de painel.<sup>50</sup>

No estudo de tendência (Trend Study), é preciso retornar à mesma comunidade depois de um certo período de tempo e repetir o estudo, seguindo a mesma metodologia adotada na primeira pesquisa. O autor observa que, para que os resultados sejam válidos, a comunidade pesquisada não pode ter sofrido alterações bruscas, ou seja, para tal estudo produzir um retrato significativo do desenvolvimento linguístico, é essencial que a comunidade tenha permanecido mais ou menos estável. Já no estudo de painel (Panel Study), o pesquisador deve voltar à comunidade pesquisada e entrevistar os mesmos informantes da amostra original. Segundo Labov, nesse tipo de estudo se corre o risco de haver perdas de informantes da primeira pesquisa e de o número de dados coletados ser pequeno. Entretanto, as respostas obtidas são valiosas.

---

<sup>50</sup> Labov (1981) destaca que, para o desenvolvimento de um estudo em tempo real, o pesquisador precisa retornar à comunidade de fala e realizar um novo estudo em um intervalo de tempo mínimo de meia geração (12 anos) ou máximo de duas gerações (cerca de 50 anos).

Weinreich, Labov e Herzog (2006) explicam que a mudança não só é transmitida dentro da comunidade como um todo, como também que cinco problemas precisam ser considerados na análise da mudança linguística, a saber, os fatores restritivos, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação, ou seja, no estudo da mudança linguística é preciso determinar tanto as possíveis mudanças e as possíveis condições para a mudança que podem ocorrer em uma estrutura quanto a possível direção que essas mudanças podem tomar; estabelecer, passo a passo, como se dá a mudança de uma estrutura para uma outra estrutura; determinar que as mudanças linguísticas devem estar encaixadas tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social; estabelecer as correlações subjetivas entre sociedade e as variáveis em uma estrutura heterogênea; e estabelecer que a mudança na língua se inicia quando um dos traços característicos da variação é comum a um subgrupo da comunidade linguística.

Labov (2008) também argumenta que, se uma língua faz parte de uma sociedade que a utiliza, a influencia e é influenciada por ela, o funcionamento dessa língua só pode ser entendido por meio da sociedade. Nessa perspectiva, querer explicar quais forças agem na língua deve incluir o modo como a língua está inserida na sociedade, pois tanto a língua quanto a sociedade são sistemas que apresentam heterogeneidade. Língua e sociedade estão ligadas entre si de uma maneira inquestionável, sendo essa relação a base da comunicação do ser humano. O autor entende que a história da humanidade é a história dos seres humanos organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação que é a língua.

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21).

Dessa forma, é possível afirmar que a heterogeneidade na sociedade pode provocar heterogeneidade dentro da língua e a heterogeneidade na língua pode provocar heterogeneidade dentro da sociedade, o que aponta que a proposta de Labov não só toma para si o desafio de estudar a língua do dia-a-dia, buscando regularidades da variação no contexto de uso da língua, como também amplia o conceito de competência, acrescentando as regras variáveis à gramática da língua. Para o autor, a competência de um falante lhe permite não só saber o que falar, mas também como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias de comunicação.

Quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que lhe dizem quando e como monitorar seu estilo. [...]. Em todos esses processos, ele tem sempre de levar em conta o papel social que está desempenhando. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73).

### 2.2.1 Regra variável

Ao considerar a variação como um axioma nos estudos linguísticos, a sociolinguística laboviana mostra não só que não existe comunidade linguística ou grupo social que use a língua homogeneamente, como também não existe falante de estilo único. Há falantes que possuem um campo de alternância mais amplo do que outros, porém todos modificam algumas variáveis dependendo, segundo Labov (2003), do interlocutor ou audiência, do contexto social ou domínio e do tema tratado.

Desse modo, dependendo do domínio social, o falante apresentará um discurso menos monitorado ou mais monitorado. Tal monitoramento é percebido pelo uso de variantes vistas como formas linguísticas mais antigas ou variantes conservadoras e formas linguísticas mais recentes ou variantes inovadoras. Portanto, a competência do falante, de acordo com a teoria laboviana, reside no fato de o falante saber qual forma de língua usar em variados contextos de uso da língua ou variadas situações comunicativas.<sup>51</sup>

Com a ampliação do conceito de competência, Labov (2008) estabelece a diferença entre regras categóricas e regras variáveis. As primeiras fazem parte de um núcleo de estruturas compartilhadas por todos os falantes, conferindo a língua um aspecto de estabilidade e as segundas são conhecidas como padrões inerentes ao sistema que emergem a partir da língua em uso.

Todo sistema linguístico é dotado, pois, de um conjunto de regras que não podem ser infringidas sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. A esse conjunto de leis internas se costuma dar o nome de *invariantes*. Mas, além das regras *categóricas* ou *invariantes*, existem e, sem dúvida em maior abundância, as regras *variáveis*. Aplicam-se sempre quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social. (MONTEIRO, 2000, p. 58).

Dessa forma, no sistema linguístico, o número de regras variáveis é superior às regras categóricas e, sendo assim, as regras variáveis são as que deveriam ser explicadas,

---

<sup>51</sup> Bortoni-Ricardo (2004, p. 25) explica que “um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais”.

tendo em vista que a ausência de variação, ou seja, “a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 36).

Trudgill (1974) aponta que, para a seleção de uma variável, é preciso levar em consideração a significação social evidenciada no uso ou na realização de um segmento e a diferenciação linguística implicada. Van de Velde, Van Hout e Gerritsen (1997) também apontam que uma variável linguística deve ser relevante na comunidade estudada e ser suscetível de estudo por manipulação em termos de detecção, quantificação e correlação.

Labov (2008) também elenca algumas propriedades importantes para a delimitação de uma variável, a saber, ter ocorrência frequente, ser estruturalmente integrada num sistema em funcionamento e ter a distribuição dos traços altamente estratificada, e explica que “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística” (p. 313). Para o autor, dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade podem ser considerados variantes de uma mesma variável linguística.

Normalmente, o principal critério empregado para determinar a série de variantes de uma variável é o fato de que seu significado referencial permanece inalterável com qualquer das variantes linguísticas dadas, exceto no caso das invariantes [...]. (CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p. 46).<sup>52</sup>

As variáveis linguísticas, objeto de estudo da teoria laboviana, podem proceder, segundo Campoy e Almeida (2005), de qualquer nível de análise microlinguístico, dividindo-se, dessa forma, em segmentais e supra-segmentais. No entanto, essa divisão nem sempre foi tranquila, pois Lavandera (1978), ao questionar o trabalho de Weiner e Labov (1977), argumenta que é inapropriada a extensão da análise da variação linguística, desenvolvida originalmente sobre a base de dados fonológicos, a outros níveis de análise.

A autora não só aponta que, ao contrário dos segmentos fonológicos, os segmentos morfológicos, sintáticos e léxicos apresentam um significado referencial próprio e questiona: se cada construção sintática tem um significado, como podemos ter variação, se por variação entendemos duas maneiras de se dizer a mesma coisa, como também sugere que se alargue o conceito de significado referencial e que seja levada em conta a “comparabilidade funcional” das variantes linguísticas.

---

<sup>52</sup> Normalmente, el principal criterio empleado para determinar la serie de variantes de una variable es el hecho de que su significado referencial permanece inalterable con cualquiera de las variantes lingüísticas dadas, excepto en el caso de las invariantes [...].

Labov (1978) responde à questão proposta por Lavandera mostrando a noção de “significado representacional (ou referencial)”. O autor utiliza a expressão “estado de coisas” para indicar esse significado representacional e postula que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas possuem o mesmo significado representacional ou o mesmo valor de verdade. Labov também aponta que é natural que duas formas linguísticas não tenham necessariamente o mesmo significado referencial em todos os contextos de uso, daí a necessidade de definir de forma criteriosa a regra variável.

### 2.2.2 Variáveis linguísticas e variáveis sociais

Sendo a heterogeneidade ou variação não só inerente a todo sistema linguístico, mas também caracterizada como não aleatória e, dessa forma, ordenada por restrições linguísticas e sociais, abandonando a noção de “variação livre” presente nos estudos linguísticos, são essas restrições que levam os falantes a usarem certas formas linguísticas e não outras quando fazem uso da língua.

As variáveis, tanto de natureza linguísticas quando não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas semanticamente equivalentes. Por exemplo, agentes como escolarização alta, contato com a escrita, como os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta concorrem para o aumento na fala e na escrita das variantes prestigiadas, admitindo-se que existem pelo menos o padrão popular e o culto. (MOLLICA, 2003, p. 27).

Ao assumir a postura de que é impossível entender o desenvolvimento linguístico fora da vida social de uma comunidade, Labov (2008), em seu estudo sobre o inglês vernacular negro, variedade extremamente estigmatizada, correlaciona os padrões linguísticos variáveis a diferenças na estrutura social em que os falantes estão inseridos e não só constata uma forte correlação entre a estratificação social dos falantes e seus usos linguísticos diferenciados, como também verifica que tal variedade sofre preconceitos em razão de pressões étnicas, escolarização e classe social.

Weiner e Labov (1977), ao analisarem a variação ativa/passiva no inglês com o intuito de restringir os ambientes que condicionam o uso de uma ou outra forma verbal, não só afirmam que as formas ativa/passiva analisadas são intercambiáveis no uso real da língua, não acarretando, assim, uma mudança no significado referencial, como também constatam que todos os grupos analisados as tratam da mesma maneira, não sendo essa variação condicionada por fatores sociais.

Essa constatação implica uma mudança na postura dos estudos sociolinguísticos, pois a correlação existente entre os usos linguísticos e a estrutura social, sendo a variação explicada em termos sociais, dá lugar a considerações de ordem interna relativas ao funcionamento da gramática. Nesse contexto, Lavandera (1978), além de questionar o estudo da variação em termos de representação linguística, discute a atuação dos fatores sociais e argumenta que a alternância ativa/passiva no inglês não pode ser caracterizada como variação sociolinguística e sim linguística, pois não carrega significado social e/ou expressivo.

A autora pondera que análises não fonológicas não levam em conta o propósito básico da teoria sociolinguística, que seria descobrir a motivação social de mudanças de sons particulares e demonstrar a correlação das escolhas linguísticas com o aspecto social. No entanto, Labov (1978) argumenta que isso não compromete o estudo sociolinguístico, pois mais do que medir o peso de fatores sociais, o objeto da Teoria da Variação Linguística é obter as restrições da estrutura gramatical da língua. Para o autor, toda a variação decorre de variáveis sociais e/ou variáveis linguísticas, que podem ser situadas nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e até discursivo.

É neste contexto teórico que se inscreve a presente pesquisa. Nosso ponto de partida para o estudo do comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na fala alagoana é que se duas formas verbais *ter existencial* e *haver existencial* codificam uma função, então, devem expressar o mesmo significado representacional e podem ser vistas, dessa forma, como variantes de uma mesma variável, sendo possível seu estudo no escopo da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

[...] nosso objetivo é observar o modo como as pessoas usam a língua quando não estão sendo observadas. Todos os nossos métodos envolvem uma aproximação a esse objetivo: quando fazemos uma abordagem a partir de duas direções diferentes e obtemos o mesmo resultado, podemos ter certeza de que conseguimos vencer o paradoxo do observador no sentido de que a estrutura existe independentemente do analista. (LABOV, 2008 [1972], p. 83).

Adotando a metodologia da pesquisa sociolinguística laboviana (BRESCANCINI, 2002; TARALLO, 2003; CAMPOY; ALMEIDA, 2005; TAGLIAMONTE, 2006; GUY; ZILLES, 2007; DE PAULA, 2011) que aponta algumas etapas básicas que devem ser efetuadas pelo pesquisador sociolinguista para a sistematização de uma regra variável, a saber, definir a variável dependente e as variáveis independentes, delimitar a amostra e obter o *corpus*, transcrever, codificar e quantificar os dados e interpretar os resultados, apresentamos, nesta seção, os objetivos e as hipóteses que norteiam este estudo, traçamos o perfil da população investigada, detalhamos os procedimentos de coleta de dados e a composição destes para efeito de análise através da constituição do *corpus* da pesquisa, definimos a variável dependente e as variáveis independentes selecionadas como potencialmente relevantes para o fenômeno em estudo e descrevemos os passos da análise quantitativa realizada pelo programa computacional VARBRUL.

#### 3.1 Hipóteses e objetivos da pesquisa

O objetivo central desta pesquisa é traçar, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008), o perfil sociolinguístico dos falantes alagoanos em relação ao comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, com o intuito de verificar se tal realização reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso. Para tanto, realizamos uma análise quantitativa com intuito de responder as seguintes questões:

1. Há variação *ter existencial* e *haver existencial* na fala alagoana?

2. Supondo que haja variação, com que frequência *ter* e *haver* ocorrem no *corpus* em análise?

3. Considerando a existência de variação, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso de uma ou de outra forma verbal na comunidade estudada?

4. Supondo a ocorrência de *ter* e *haver* no *corpus* em estudo, tal variação reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso?

Como respostas provisórias às questões acima formuladas, propomos as seguintes hipóteses:

1. Sendo a língua um fenômeno heterogêneo e dinâmico, acreditamos que há variação *ter* e *haver existenciais* na fala alagoana;

2. Sendo a língua falada um discurso menos monitorado e, por isso, mais favorável ao uso de variantes inovadoras e por pesquisas sociolinguísticas (CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2000; SILVA, 2001; DUARTE, 2003; MARTINS; CALLOU, 2003; VITÓRIO, 2006, 2008, 2011a, b) apontarem que há, no português brasileiro, uma maior realização de *ter* em contextos existenciais, pressupomos que o verbo *ter existencial* ocorre em maior frequência na comunidade estudada;

3. Partindo do pressuposto de que a variação linguística não é aleatória e sim condicionada por restrições linguísticas e/ou sociais, e que essas restrições afetam a língua não de forma isolada ou esporádica, mas de forma bastante regular, hipotetizamos não só que a variação em estudo é condicionada pelos grupos de fatores linguísticos animacidade do argumento interno, natureza do argumento interno e tempo verbal, e pelos grupos de fatores sociais sexo, faixa etária e escolaridade, como também que *ter existencial* é mais frequente nos seguintes fatores: argumento interno animado; argumento interno concreto; verbo no tempo presente; falantes do sexo feminino; falantes mais jovens – F1; e falantes menos escolarizados – E1, enquanto que *haver existencial* apresenta uma realização maior de ocorrências nos contextos: argumento interno inanimado; argumento interno

abstrato; verbo no tempo passado; falantes do sexo masculino; falantes mais velhos – F3; e falantes mais escolarizados – E3.

4. Partindo do pressuposto de que o uso da variante inovadora *ter existencial* é mais frequente entre os jovens e decresce o seu percentual de uso em relação à idade dos outros informantes, acreditamos que o uso de *ter* e *haver* na fala alagoana reflete um processo de mudança linguística na direção de *ter existencial*.

Para confirmar ou refutar as hipóteses apresentadas acima, apresentamos os objetivos específicos que norteiam esta pesquisa:

1. Constatar a variação dos verbos *ter* e *haver existenciais* na fala alagoana;
2. Verificar a estrutura de maior frequência: *ter existencial* ou *haver existencial*;
3. Analisar não só se os grupos de fatores linguísticos animacidade do argumento interno, natureza do argumento interno e tempo verbal condicionam a variação em estudo, mas também se os fatores argumento interno animado, argumento interno concreto e tempo presente são mais favoráveis à aplicação de *ter existencial*, e se os fatores argumento interno inanimado, argumento interno abstrato e tempo passado tendem a favorecer mais as realizações da variante conservadora *haver existencial*;
4. Analisar não só se os grupos de fatores extralinguísticos sexo, faixa etária e escolaridade favorecem a variação em análise, mas também se os fatores sexo feminino, F1 (15-29 anos) e E1 (ensino fundamental) são mais favoráveis à aplicação de *ter existencial*, e se os fatores sexo masculino, F3 (mais de 44 anos) e E3 (ensino superior) tendem a favorecer mais a realização de *haver*.
5. Descrever as relações hierárquicas dos grupos de fatores que condicionam a variação em estudo, estabelecendo, dessa forma, as variáveis estatisticamente não significativas e as variáveis estatisticamente significativas;
6. Verificar se a alternância *ter/haver existenciais* na comunidade de fala alagoana reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso.

### 3.2 A comunidade pesquisada

Como não é possível compreender o processo de variação e de mudança linguística fora do contexto social de uma comunidade de fala, tendo em vista que, para a sociolinguística variacionista, a língua é uma forma de comportamento social, ou seja, “a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade (é social)” (COAN; FREITAG, 2010, p. 175), e, dessa forma, o objeto da linguística deve ser o “estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala” (LABOV, 2008, p. 216), não só selecionamos, após a delimitação de nosso objeto de estudo, a comunidade de fala alagoana para analisar as realizações dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, como também assumimos a definição de comunidade de fala proposta por Labov (2008).

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos lingüísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. (LABOV, 2008, p. 150).

Diante dessa definição de comunidade de fala, uma questão emerge: quais os limites que fazem com que um falante pertença a uma comunidade de fala e não a outra? O pertencimento de um indivíduo a uma comunidade de fala e não a outra, de acordo com Labov (2008), é posto mediante dois aspectos definidos como nível consciente e nível inconsciente. No nível consciente, os falantes compartilham, conscientemente, atitudes e valores semelhantes em relação à língua, uma vez que a comunidade de fala “[...] é mais bem delimitada como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (p. 188), assim, o falante associa a uma determinada variável linguística a avaliação social posta pela sociedade, caracterizando-a como indicador, marcador ou estereótipo.<sup>53</sup>

No nível inconsciente, por sua vez, os falantes de uma mesma comunidade de fala compartilham, inconscientemente, aspectos essenciais do sistema linguístico, ou seja, as regras gramaticais da língua, sem a opção de escolha de falar desta ou daquela forma, o que implica que o grupo não tem consciência das regras gramaticais que utiliza. “A aquisição desse sistema lingüístico se dá inconscientemente; em outras palavras, não diz respeito à

---

<sup>53</sup> Para uma definição mais clara de indicador, marcador e estereótipo, citemos Görski e Coelho (2009, p. 81): “Tomamos, então, a noção laboviana de estereótipos, marcadores e indicadores sociais para melhor definir esses valores sociais. Algumas variáveis se revelarão na sociedade como *estereótipos*, isto é, como alvos de comentários sociais estigmatizados. Outras variáveis se revelarão como *marcadores*, por receberem uma consistente valoração social e estilística, como marca de prestígio, por exemplo. E outras variáveis, ainda, se revelarão como *indicadores* apenas, não sendo reconhecidas nem comentadas pela sociedade”.

vontade do falante de falar determinada forma” (GÖRSKI, 2004, p.1). Para exemplificar tal nível, recorreremos às considerações que Figueroa (1994) faz dos trabalhos de Labov sobre o inglês negro vernacular (BEV).

Labov (1980a) discute o caso de “Carla”, uma mulher não negra que era capaz de criar “a impressão social efetiva de estar falando o inglês negro vernacular e a impressão de identidade negra (Labov, 1980b, p. 379). Carla conta com uma variedade de estratégias relativas ao estilo discursivo, tais como o uso de certos itens lexicais, inversão negativa, advérbio de lugar e o uso efetivo de ênfase, entonação e tempo. Dessa maneira, Carla é capaz de convencer outros de que ela fala o BEV. Ou seja, quando amostras de fala dela são apresentadas aos negros e é solicitado a eles que a julguem, todos avaliam a fala como sendo BEV (ibid). Labov, contudo, argumenta que Carla na verdade não é um membro da comunidade de fala do BEV, pois ela não aprendeu as regras definidoras da gramática do BEV: o tempo verbal do BEV e o sistema aspectual (ibid). Ser capaz de adquirir e manipular os símbolos sociais não é suficiente; deve-se adquirir as regras essenciais da gramática. (FIGUEROA, 1994, p. 73).<sup>54</sup>

Dessa forma, a noção laboviana de comunidade de fala abrange tanto aspectos de ordem linguística quanto aspectos de ordem social, tendo em vista que uma comunidade de fala melhor se define pelas atitudes/normas (sociais) compartilhadas pelos usuários da língua que, por sua vez, compartilham características linguísticas semelhantes.

Ao selecionarmos a alternância dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais como objeto de estudo e a comunidade de fala alagoana para a análise das realizações dessas formas verbais, partimos do pressuposto de que “[...] existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008, p. 176), delimitando, assim, a que tipo de comunidade de fala pertence um indivíduo.

### 3.2.1 Aspectos geográficos

Conhecido como Paraíso da Águas, o estado de Alagoas está situado a Leste da região Nordeste, fazendo fronteiras a Leste com o Oceano Atlântico e possuindo divisas a Norte e a Noroeste com o estado de Pernambuco, a Sul com o estado de Sergipe e a Sudeste

---

<sup>54</sup> Labov (1980a) discusses the case of “Carla”, a non-Black woman who was able to create “the effective social impression that she was speaking the Black English Vernacular and the impression of black identity” (Labov, 1980b, p. 379). Carla relies on range of formulaic strategies related to discourse style, such as the use of certain lexical items, negative inversion, adverb placement, and effective use of stress, pitch and tempo. In this way Carla is able to convince others that she is speaking BEV. That is, Blacks given her speech in voice samples and asked to judge her speech uniformly judged her to be speaking BEV (ibid). Labov, however claims that Carla is not really a member of the BEV speech community because she has not learnt the defining rules of BEV grammar: the BEV tense and aspect system (ibid). To be able to acquire or manipulate social symbols is therefore not sufficient, one must have acquired the essential rules of the grammar.

com o estado da Bahia. Ocupa uma área de 27.779.343 km<sup>2</sup>, sendo considerado um dos menores estados do Brasil, mais extenso apenas que Sergipe, conforme mapa 1.

Mapa 1 - Mapa do Brasil

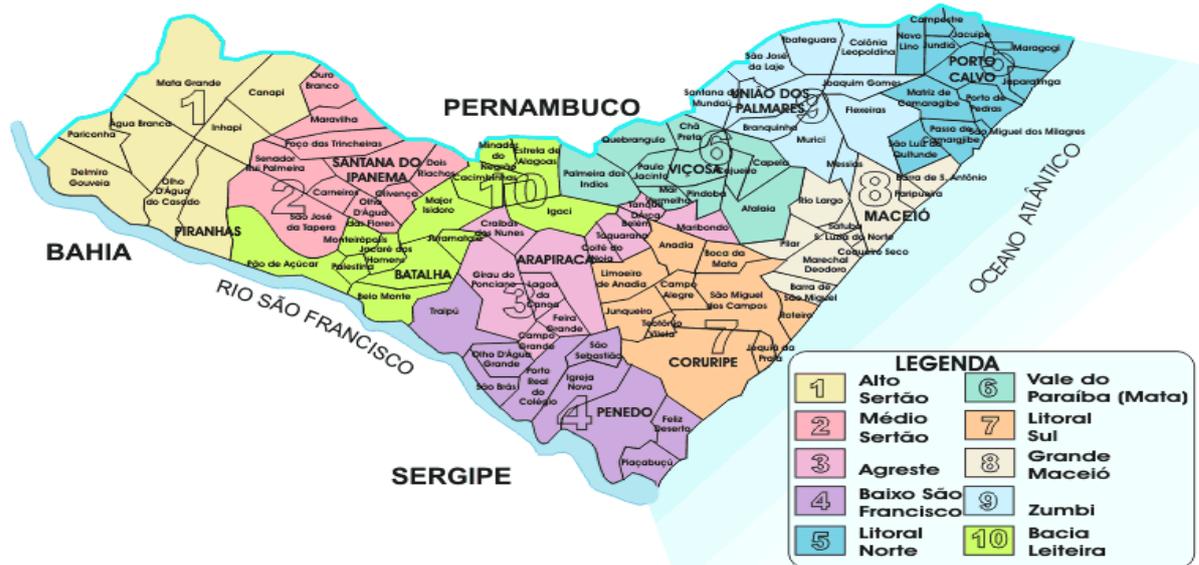


Fonte: [www.hoteisdealagoas.com.br](http://www.hoteisdealagoas.com.br).

O estado de Alagoas é formado por 102 municípios, conforme podemos ver no mapa 2, e apresenta as seguintes características: o relevo alagoano é composto por planície litorânea, planalto a norte e depressão ao centro, possuindo, como ponto mais elevado, a serra Santa Cruz a 844 m; a vegetação alagoana é formada por floresta tropical, mangues litorâneos e caatinga; seu clima se caracteriza por ser tropical na costa e semi-árido no interior; e possui o São Francisco, o Mundaú e o Paraíba do Meio como os principais rios.

As cidades alagoanas mais populosas, de acordo com o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são Maceió (capital de Alagoas), Arapiraca, Palmeira dos Índios, Rio Largo, União dos Palmares, Penedo, São Miguel dos Campos, Coruripe, Campo Alegre e Delmiro Gouveia, sendo, Maceió, Maragogi, Japaratinga, Barra de São Miguel, Piaçabuçu, Marechal Deodoro e Penedo, os destinos mais procurados atualmente.

Mapa 2 - Mapa de Alagoas



Fonte: [www.desenvolvimentoeconomico.al.gov.br](http://www.desenvolvimentoeconomico.al.gov.br).

### 3.2.2 Caracterização da população alagoana

A população alagoana é composta por 3.120.494 habitantes, que, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD 2009)<sup>55</sup>, estão distribuídos entre brancos, negros e pardos. Os brancos, descendentes em sua grande parte de portugueses, representam 36% da população. Os pardos, por sua vez, representam 59% e são compostos da mistura entre negros, índios e brancos. Já os negros autodeclarados representam 3%, o menor grupo étnico alagoano. Embora a presença indígena não apareça na pesquisa, há, no interior do estado, índios alagoanos. Há também um número expressivo de estrangeiros, principalmente italianos, portugueses, espanhóis e ingleses que vivem na região litorânea do estado.

A população alagoana também se caracteriza por ser estratificada em urbana e rural, com 2.297.860 pessoas vivendo na área urbana e 822.634 pessoas vivendo na área rural, representando percentuais de 73,63% e 26,36%, respectivamente. Com relação à divisão por sexo, o estado possui 1.511.767 homens e 1.608.727 mulheres, apontando que 48,44% da população alagoana é formada por habitantes do sexo masculino e 51,55% por habitantes do sexo feminino. Ainda com relação à divisão entre homens e mulheres, Alagoas possui 1.093.653 homens que residem na área urbana e 418.115 homens que residem na área rural,

<sup>55</sup> Os dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD-2009) presentes nesta pesquisa foram retirados do site [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

totalizando percentuais de 72,34% e 27,65%, respectivamente, e 1.204.208 mulheres que residem na área urbana e 404.519 mulheres que residem na área rural, representando, respectivamente, 74,85% e 25,14% da população feminina alagoana.

De acordo com a estratificação por faixa etária apresentada pela Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD-2009), a população alagoana, estratificada em 15 grupos etários, conforme ilustramos na tabela abaixo, apresenta percentual maior de pessoas entre o grupo de 10 a 14 anos, representando 11,1% da população, seguido do grupo de 15 a 19 anos, com um percentual de 10,7%. Já o menor grupo é formado por pessoas com idade entre 65 e 69 anos, representando 2,4% da população, seguido do grupo de 60 a 64 anos com 3%.

Tabela 1 - Estratificação da população alagoana por faixa etária

Faixa etária	Percentual (%)
0 a 4 anos	7,9%
5 a 9 anos	9,6%
10 a 14 anos	11,1%
15 a 19 anos	10,7%
20 a 24 anos	9,3%
25 a 29 anos	7,9%
30 a 34 anos	7,3%
35 a 39 anos	6,4%
40 a 44 anos	6,6%
45 a 49 anos	4,9%
50 a 54 anos	4,5%
55 a 59 anos	3,7%
60 a 64 anos	3,0%
65 a 69 anos	2,4%
70 anos ou mais	4,6%

Com relação à estratificação da população alagoana por anos de escolarização, a Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios (PNAD-2009), considerando apenas as pessoas de 10 anos ou mais de idade, apresenta que pessoas com 4 a 7 anos de estudos constituem o maior grupo da população alagoana, representando 30,1%; já as pessoas com 15 anos ou mais de estudos representam apenas 4,1% da população alagoana, conforme

apresentamos na tabela 2. Os dados da pesquisa também apontam que mais de 68,3% da população alagoana com 10 anos ou mais de idade não possuem o ensino fundamental completo e que 18,4% estão sem instrução ou possuem menos de 1 ano de estudo.

Tabela 2 - Estratificação da população alagoana por anos de estudos

Anos de estudo	Percentual (%)
Sem instrução e menos de 1 ano	18,4%
1 a 3 anos	19,8%
4 a 7 anos	30,1%
8 a 10 anos	12,2%
11 a 14 anos	15,2%
15 anos ou mais	4,1%

### 3.2.2 Índices de desenvolvimento humano

Com o Produto Interno Bruto (PIB) estimado em R\$ 19.447 bilhões, a economia alagoana se baseia na indústria (química, açúcar e álcool, cimento e alimentícia), agricultura, pecuária e extração de sal-gema, gás natural e petróleo, sendo Maceió o responsável por 46,95% do PIB do Estado de Alagoas. A expectativa de vida é 67,2% anos, apresentando índice de mortalidade infantil de 48,2%. O analfabetismo em Alagoas gira em torno de 25,7% e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é considerado médio – 0,677.

### 3.3 Constituição do *corpus* da pesquisa

A metodologia utilizada na teoria laboviana para dar conta da variabilidade linguística é quantitativa, ou seja, envolve números, probabilidades e estatísticas, e é devido ao fator quantitativo que o pesquisador sociolinguista apreende a sistematicidade da variação linguística. Para tal empreendimento, é preciso coletar dados de uso real da língua, uma vez que o objetivo básico da sociolinguística variacionista é a sistematização do “caos” linguístico através do estudo da língua em seu contexto social, em situações reais de uso.

Dessa forma, para analisarmos as realizações de *ter* e *haver existenciais* na fala alagoana se fez necessário não só reunirmos produções linguísticas em forma de entrevistas

gravadas de uma amostra de falantes alagoanos, entendendo que o termo amostra “refere-se ao grupo de indivíduos [...] selecionados para **representar**, no estudo, a população ou o universo do qual fazem parte e que o pesquisador deseja estudar” (GUY; ZILLES, 2007, p. 109), como também extrairmos, a partir dessa amostra, um *corpus* de ocorrências do fenômeno linguístico em estudo.

Há, pois, uma pressuposição de que o comportamento linguístico dos indivíduos cujo discurso examinamos reflete regularidades ligadas ao fato de que aderem às normas de seus respectivos grupos sociais; é nesse sentido que os resultados do estudo do comportamento de certo número de indivíduos (a amostra) são generalizados para os grupos sociais aos quais eles pertencem (e representam). (GUY; ZILLES, 2007, p. 109).

Para a sistematização das realizações dos verbos *ter* e *haver existenciais* na fala alagoana, algumas perguntas, de acordo com Guy e Zilles (2007, p. 109), nortearam a constituição da amostra, a saber, “Como definir, identificar ou delimitar os grupos sociais que constituem uma comunidade? Quais deles devem ser incluídos na amostra? Como relacionar os indivíduos necessários para ter uma amostra representativa nesse sentido estatístico?”.

Embora não haja uma resposta simples e única para essas questões, pois muitas alternativas têm sido adotadas por diferentes pesquisadores (Cf. MAGALHÃES, 2000; CAVALCANTE, 2001; COAN, 2003; SÁ, 2007; CARVALHO, 2007; SOUZA, 2008; SÓSTENES, 2008; VITÓRIO, 2008; SANTOS, 2010; OLIVEIRA, 2010; SALGADO, 2010; SANTOS, 2011), o que direcionam as respostas a esses questionamentos são os objetivos propostos em cada pesquisa sociolinguística. Portanto, os critérios de constituição de uma amostra devem ser coerentes com a pesquisa que se pretende realizar.

Dessa forma, para a constituição de nossa amostra, estabelecemos, logo de início, dois parâmetros rígidos para a seleção dos informantes: os falantes deveriam ser pessoas nascidas em Alagoas e que não tivessem se afastado do Estado por tempo superior a cinco anos. Em seguida, estratificamos a amostra em três células sociais, a saber, sexo, faixa etária e escolaridade, caracterizando-a, de acordo com Oliveira e Silva (2003), como aleatória estratificada e subdividimos suas células nos seguintes fatores:

Sexo:                Masculino  
                          Feminino

Faixa etária:      F1 (15-29 anos)

F2 (30-44anos)

F3 (mais de 44 anos)

Escolaridade: E1 (Ensino Fundamental)

E2 (Ensino Médio)

E3 (Ensino Superior)

Com isso, obtivemos um total de 18 células, conforme ilustramos na tabela abaixo.

Tabela 3 - Estratificação da amostra

Masculino	F1	E1	Feminino	F1	E1
Masculino	F1	E2	Feminino	F1	E2
Masculino	F1	E3	Feminino	F1	E3
Masculino	F2	E1	Feminino	F2	E1
Masculino	F2	E2	Feminino	F2	E2
Masculino	F2	E3	Feminino	F2	E3
Masculino	F3	E1	Feminino	F3	E1
Masculino	F3	E2	Feminino	F3	E2
Masculino	F3	E3	Feminino	F3	E3

A partir da estratificação da amostra, delimitamos o número de informantes necessários para obtermos uma amostra representativa da comunidade em estudo. Seleccionamos, assim, quatro informantes por células e obtivemos um total de 72 informantes ( $4 \times 18 = 72$ ). De acordo com Guy e Zilles (2007), em uma pesquisa de cunho variacionista, o ideal é seleccionar quatro ou cinco informantes em cada célula, para se evitar, durante o momento da entrevista e constituição do *corpus* da pesquisa, um comportamento linguístico idiossincrático ou enviesado caso trabalhássemos com um ou dois informantes por células.

O acréscimo de uma terceira pessoa já nos daria chance de identificar as tendências de uso para aquele grupo, mas ainda assim poderíamos enfrentar dúvidas relacionadas com diferenças (se são por acaso, por idiossincrasia ou por razões de outra ordem) e ter pouca base para fazer qualquer tipo de generalização. Por isso, diz-se que, com 4 ou 5 indivíduos em cada célula, aumentamos substancialmente as chances de identificar **tendências** através da constatação de regularidades no comportamento dessas pessoas, em contraste com o de outras pessoas da amostra. (GUY; ZILLES, 2007, p. 112-113).

Delimitada a amostra da pesquisa, o passo seguinte foi a coleta dos dados. Guy e Zilles (2007, p.20) apontam que a coleta de dados lida com as seguintes perguntas: “Como obtemos os dados? Os dados são válidos para refletir o fenômeno investigado? Os procedimentos para a obtenção dos dados são confiáveis e reproduzíveis? O que pode ser feito para minimizar a parcialidade dos dados?”.

Para a obtenção dos dados, elaboramos, inicialmente, uma ficha da amostra sociolinguística (anexo 1), que contém os dados dos informantes entrevistados e um questionário-guia de entrevistas, que tinha como principais objetivos, segundo Campoy e Almeida (2005) e Tagliamonte (2006), homogeneizar os dados para posterior comparação, controlar os tópicos da conversa e provocar narrativas de experiências pessoais.

Labov (2008) explica que estudos com narrativas de experiências pessoais têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido com *o que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como* relata, o informante “fica envolvido na narrativa a ponto de parecer estar revivendo aquele momento” (LABOV, 2008, p. 119).

Em seguida, entramos em contato com os informantes e realizamos as entrevistas, que foram feitas sempre em nosso primeiro encontro, devido à disponibilidade e ao interesse dos falantes em participar da pesquisa, e aconteceram ou em suas residências, ou em seus locais de trabalho no período de fevereiro a julho de 2010.

Para obtermos um material linguístico no qual predominasse a espontaneidade da fala dos entrevistados, nossas interferências geralmente ocorriam para estimular a continuidade da fala, cujas gravações de mais ou menos 15 minutos por falantes nos deram aproximadamente 1080 minutos de falas gravadas, totalizando quase 18 horas de entrevistas.

Realizadas todas as entrevistas, obtivemos uma amostra da comunidade de fala alagoana assim estratificada:

Tabela 4 - Estratificação dos informantes entrevistados

Locutor	Naturalidade	Sexo	Faixa etária	Escolaridade
L1	Maceió	Masculino	F1	E2
L2	Maceió	Masculino	F1	E1
L3	Arapiraca	Masculino	F2	E1
L4	Maceió	Feminino	F2	E3
L5	Maceió	Feminino	F2	E3
L6	Maceió	Feminino	F1	E3

L7	Maceió	Masculino	F3	E3
L8	Maceió	Masculino	F1	E3
L9	Maceió	Feminino	F3	E2
L10	Maceió	Feminino	F1	E2
L11	Maceió	Feminino	F2	E1
L12	Maceió	Masculino	F3	E2
L13	Maceió	Feminino	F2	E1
L14	Maceió	Feminino	F3	E3
L15	Maceió	Feminino	F1	E2
L16	U. dos Palmares	Feminino	F2	E2
L17	Maceió	Feminino	F1	E1
L18	Maceió	Feminino	F1	E2
L19	Maceió	Masculino	F2	E1
L20	Maceió	Feminino	F2	E2
L21	Rio Largo	Feminino	F1	E3
L22	Maceió	Masculino	F1	E1
L23	São Miguel	Masculino	F1	E2
L24	Maceió	Feminino	F1	E2
L25	Maceió	Feminino	F3	E2
L26	U. dos Palmares	Masculino	F1	E2
L27	Teotônio Vilela	Masculino	F1	E2
L28	São Miguel	Masculino	F1	E3
L29	Maceió	Masculino	F3	E3
L30	São Miguel	Feminino	F1	E3
L31	Maceió	Masculino	F3	E3
L32	Maceió	Masculino	F2	E1
L33	Maceió	Feminino	F2	E1
L34	Viçosa	Feminino	F3	E1
L35	Maceió	Feminino	F2	E3
L36	Maceió	Feminino	F2	E2
L37	Iguaci	Feminino	F2	E2
L38	Maceió	Feminino	F1	E1

L39	Maceió	Feminino	F1	E2
L40	Maceió	Feminino	F1	E3
L41	Maceió	Feminino	F2	E1
L42	Maceió	Feminino	F3	E1
L43	Maceió	Masculino	F3	E2
L44	Maceió	Feminino	F1	E1
L45	Maceió	Masculino	F2	E2
L46	Maceió	Masculino	F3	E1
L47	Maceió	Masculino	F3	E3
L48	Maceió	Feminino	F3	E1
L49	Major Isidoro	Feminino	F3	E1
L50	Delmiro	Feminino	F3	E3
L51	Maceió	Masculino	F3	E2
L52	Rio Largo	Masculino	F2	E2
L53	Maceió	Masculino	F2	E2
L54	Maceió	Feminino	F2	E3
L55	U. dos Palmares	Masculino	F1	E3
L56	Anadia	Masculino	F2	E2
L57	Maceió	Masculino	F1	E3
L58	Maceió	Masculino	F2	E3
L59	Maceió	Masculino	F1	E1
L60	Maceió	Masculino	F2	E2
L61	Murici	Masculino	F3	E2
L62	Maceió	Feminino	F3	E2
L63	Atalaia	Feminino	F3	E2
L64	Maceió	Masculino	F3	E1
L65	Coqueiro Seco	Masculino	F1	E1
L66	U. dos Palmares	Masculino	F3	E1
L67	Arapiraca	Masculino	F2	E3
L68	Maceió	Masculino	F2	E3
L69	Maceió	Masculino	F3	E1
L70	Murici	Feminino	F3	E3

L71	Maceió	Masculino	F2	E3
L72	Paulo Jacinto	Feminino	F3	E3

Após a realização das entrevistas, o passo seguinte foi transcrevê-las. As transcrições dos dados foram feitas com o auxílio do programa computacional Express Scribe, que objetiva auxiliar o pesquisador na tarefa de transcrição de gravações de áudio e pode ser obtido gratuitamente na internet, como também seguimos as convenções de transcrição adotadas da adaptação do modelo da equipe *Groupe Aixois de Recherches en Sociolinguistique* para o português, realizadas pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denilda Moura para o projeto A Língua Usada em Alagoas – LUAL e o protocolo de transcrição do projeto LUAL (anexo 2).

Realizada as transcrições de todas as entrevistas, a etapa seguinte foi a análise da amostra para a seleção dos dados e, conseqüentemente, a constituição do *corpus* desta pesquisa. Nessa etapa, procuramos identificar todas as ocorrências em que os verbos *ter* e/ou *haver* eram utilizados em construções existenciais. Ao todo, levantamos 772 construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver* na fala alagoana, que foram estatisticamente tratadas pelo programa computacional VARBRUL.

### 3.4 Variável dependente e variáveis independentes

Para que os dados pudessem ser rodados no programa computacional VARBRUL, delineamos a variável dependente e as variáveis independentes. Labov (2008) explica que a variável dependente é vista como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, enquanto que as variáveis independentes são fatores que potencialmente influenciam na realização de uma ou outra forma variante durante o processo de variação e mudança linguística.

#### 3.4.1 Variável dependente

Nossa variável dependente é composta por uma variável binária, tendo em vista que possuímos duas formas alternantes que ocorrem no mesmo contexto e com o mesmo valor de

verdade (LABOV, 1978), a saber, as realizações do verbo *ter* (variante inovadora), como (102), (103) e (104), e do verbo *haver* (variante conservadora), como (105), (106) e (107).<sup>56</sup>

(102) – *tem* um bairro lá que só vive – índios né? (L4L585)<sup>57</sup>

(103) – *tinha* vários cursos aí eu disse oia vamo lá – (L3L300)

(104) já *teve* assalto a estudante por aí (L56L7060)

(105) às vezes *há* outras pessoas que suspeitam por exemplo do meu irmão (L6L814)

(106) não *havia* nenhuma necessidade agora no momento (L47L6083)

(107) na mudança realmente que *houve* aqui em Maceió (L54L6761)

A variável dependente, o foco do estudo, é uma variável linguística porque existem dois ou mais elementos linguísticos que se alternam no uso e podem ser vistos como opções em algum ponto na gramática mental. Em princípio, podem ser elementos de qualquer nível estrutural: realizações alternativas de segmentos ou traços fonológicos, estruturas ou processos sintáticos, itens morfológicos ou lexicais, estruturas discursivas etc. (GUY; ZILLES, 2007, p. 135).

Dessa forma, na fala alagoana, além dos significados distintos de “existir”, como (108) e (109), e “acontecer/ocorrer”, como (110) e (111), as construções existenciais computadas, nesta pesquisa, se caracterizam por resultarem da articulação de *ter/haver* com um argumento interno preenchido por um termo com função referencial e, em alguns casos, as construções existenciais com *ter* são formadas com um “pseudo-sujeito”, ou seja, um sujeito expletivo com referência arbitrária, do tipo “você”, “a gente”, “ele”, “nós” e “eu”, como (112), (113), (114), (115) e (116), respectivamente.<sup>58</sup>

(108) – eu acho que num *tem* nenhuma cidade que chegue perto de Maceió (L4L508)

(109) ah:: porque a crise de trabalho tá em – num é só aqui em Maceió não é em todo canto – nosso trabalho – e quando há uma quando *há* uma vaga aí *tem* problema de qualificação né? – da pessoa (L12L1700)

<sup>56</sup> Geralmente, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e a que goza de maior prestígio sociolinguístico, e a variante inovadora, por sua vez, é, quase sempre, não-padrão e estigmatizada. Na variação *ter* e *haver* em construções existenciais tal correlação não existe, pois a variante não-padrão e inovadora *ter existencial* não é, no português brasileiro, estigmatizada.

<sup>57</sup> Os códigos apresentados entre parênteses após os exemplos referem-se às seguintes orientações de ordenação das realizações de *ter* e *haver existenciais* na amostra: uma letra L seguida de um número, que representam um locutor específico e uma letra L seguida de um número, que representam a linha de ocorrência do fenômeno em estudo. Por exemplo, a codificação L4L585 nos diz que se trata de uma ocorrência realizada pelo locutor 4 e que se encontra na linha 585 da nossa amostra.

<sup>58</sup> Para mais detalhes sobre as realizações do sujeito expletivo em construções existenciais formadas com o verbo *ter* na fala alagoana, sugerimos a leitura do trabalho de Vitória (2011c).

- (110) – foi lá perto do Maikai – o rapaz puxô a bolsa de uma amiga e *teve* uma uma briga no local /mais, mas/ ele não conseguiu robá (L8L1060)
- (111) já *houve* roubo já *teve* assalto à estudante por aí (L56L7059)
- (112) – é – aí quando *ocê tem* um país que tem um desenvolvimento tem que ter educação (L16L2266)
- (113) *a gente* num *tem* um policiamento aqui (L14L2061)
- (114) na minha opinião o detran tá retraindo – antes *ele tinha* vários pontos na própria capital pra dá atendimento (L55L6880)
- (115) o governo não traz incentivo pra trazê indústria pra dá imprego ao povo aqui – por isso que (*nós*) *temos* altas taxas de criminalidade (L27L3659)
- (116) aqui em Maceió o que *eu tenho* é uma área voltada ao turismo (L30L4033)

#### 3.4.2 Variáveis independentes

Considerando que a variação em estudo ocorre em função de condicionamentos linguísticos e sociais, controlamos seis grupos de fatores – três linguísticos e três sociais. Essas variáveis, potencialmente relevantes, foram selecionadas com base em informações fornecidas por meio de estudos anteriores sobre a variação *ter* e *haver existenciais* (CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2000; SILVA, 2001; MARTINS; CALLOU, 2003; DUARTE, 2003; VITÓRIO, 2006, 2008, 2011a,b) e em observações sistemáticas dos dados.

Após a definição clara da variável dependente, o pesquisador deve formular hipóteses iniciais sobre o tipo de condicionamento que se espera encontrar e a partir daí estipular as características internas ao sistema linguístico (variáveis independentes linguísticas) e externas a ele (variáveis independentes sociais) que possam estar influenciando a variável dependente no sentido de condicionar a atuação de uma ou outra variante. Deve basear-se para tanto nos dados da língua, na teoria linguística e na própria estrutura social da comunidade de interesse. (BRESCANCINI, 2002, p. 16).

As variáveis intralinguísticas englobam áreas de conhecimento linguístico e estão relacionadas tanto aos domínios morfossintáticos da língua quanto aos semântico-discursivos, a saber, animacidade do argumento interno, natureza do argumento interno e tempo verbal. Já as variáveis extralinguísticas são fatores que não se apresentam como estritamente linguísticos, mas que têm se mostrado bastante relevantes em alguns estudos variacionistas sobre as realizações dos verbos *ter* e *haver existenciais* (DUTRA, 2000; SILVA, 2001; DUARTE, 2003; VITÓRIO, 2006, 2008), a saber, sexo, faixa etária e escolaridade.

### 3.4.2.1 Animacidade do argumento interno

Caracterizada como um fator semântico-discursivo relevante em análises que lidam com sintagmas nominais (doravante SN) e demais elementos estruturais, estudos linguísticos (MOLLICA; BRAGA, 2003; PAIVA; DUARTE, 2003) mostram que a especificidade semântica do SN desponta como sendo uma das variáveis mais estatisticamente significativas em pesquisas sobre variação e mudança linguística.

Dessa forma, com o intuito de analisar se os traços [+ animado] ou [- animado] interferem nas realizações de *ter* e *haver existenciais* na comunidade estudada, não só dividimos nossa variável em dois fatores – animado e inanimado, como também classificamos os argumentos internos das construções analisadas em argumento interno animado, como (117) e (118), e argumento interno inanimado, como (119) e (120).

(117) um:: exemplo que aconteceu essa semana um advogado amigo meu quando ele chegô em casa quatro e meia da tarde e viu o portão aberto quando ele entrô *tinha um assaltante* dentro da casa dele – quatro e meia da tarde (L71L8944)

(118) às vezes *há outras pessoas* que suspeitam por exemplo do meu irmão (L6L813)

(119) - num *tem o ginásio* do São Lucas (L71L8978)

(120) *houve momentos* aqui muitos difíceis na cidade (L31L4148)

Lopes (2003) explica que a classificação dos elementos da língua em animado e inanimado foi realizada pelo semanticista Pottier em 1963, no artigo intitulado *Recherches sur l'analyse sémantique em Linguistique et em traduction mécanique*. Nesse artigo, o autor procura indicar os elementos que fossem capazes de preencher as três primeiras classes em que divide todos os sememas da língua: a classe dos objetos, a dos animais e as das pessoas.

De acordo com Pottier (1963 *apud* LOPES, 2003), a classe dos objetos compreende todos os substantivos dotados do classema [- animado], ao passo que as classes dos animais e das pessoas pertencem todos os substantivos dotados do classema [+ animado]. Dessa forma, os argumentos internos que representam animais e pessoas são classificados como animados, já os argumentos internos que representam coisas/objetos são classificados como inanimados.

Estudos sociolinguísticos (FRANCHI; NEGRÃO; VIOTTI, 1998; CALLOU; AVELAR, 2000) apontam que um referente com traço [+ animado] não só se caracteriza como um SN prototípico, ocorrendo em maior escala em sentenças básicas, como também é

tido como mais favorecedor de regras variáveis, por poder caracterizar-se como agente da oração, enquanto que um referente [- animado] é visto como menos favorecedor de tais regras, por não poder caracterizar-se como tal.

As pesquisas de Callou e Avelar (2000), Dutra (2000), Silva (2001) e Vitória (2006; 2008), sobre a variação dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais, apontam que SN argumento interno com traço [+ animado] é mais favorável ao uso de *ter existencial*, apresentando percentuais de 91%, 83,05%, 95%, 95% e 76%, respectivamente. Dessa forma, partimos do pressuposto de que o fator argumento interno animado é mais favorável ao uso da variante inovadora *ter existencial*, enquanto que o fator argumento interno inanimado é mais inibidor de tal ocorrência.

#### 3.4.2.2 Natureza do argumento interno

Com o intuito de analisar se a natureza concreta ou abstrata do argumento interno interfere na variação em estudo, subdividimos a variável natureza do argumento interno em dois fatores – concreto e abstrato, e classificamos os argumentos internos das construções analisadas em substantivos concretos e substantivos abstratos.

Dentre as classificações dos substantivos postas pela tradição gramatical, como Bechara (2001) e Cunha e Cintra (2001), temos as classes de substantivo concreto e substantivo abstrato. Um substantivo concreto é aquele que designa os seres propriamente ditos, de existência real ou irreal, como casa, caneta, saci, ao passo que um substantivo abstrato é aquele que designa os seres que não existem por si só, só existem em nossa consciência, como trabalho, corrida, estudo, altura.

Bechara (2001) explica que os substantivos concretos são os que nomeiam pessoas, animais, vegetais, minerais e coisas, possuindo, dessa forma, existência dependente, como (121) e (122). Os substantivos abstratos, por sua vez, são aqueles que possuem existência dependente e designam ação, estado e qualidade, como (123) e (124).

(121) qual era o *viaduto* que aqui *tinha*? (L3L376)

(122) as pessoas lá são bem educadas a gente não vê lixo pouco lixo na cidade a questão do trânsito então pra mim foi um passeio interessante de vê que uma cidade tão perto um: onde *há* praticamente *quase a metade da população* nossa (L68L8402)

(123) num *tem um investimento* do istado (L1L81)

(124) *há um interesse* de capitá verbais federais (L58L7280)

Dutra (2000) mostra que argumentos internos abstratos propiciam mais a utilização de *haver existencial* com 64,9% de ocorrências, ao passo que argumentos internos concretos influenciam sensivelmente o uso de *ter* com 74,7% de ocorrências. Vitória (2008, 2011a) também aponta que argumentos internos com traço [+ abstrato] são mais favoráveis à aplicação de *haver existencial*, enquanto que argumentos internos com traço [+ concreto] são mais inibidores, favorecendo, assim, à aplicação de *ter existencial*.

Esses resultados mostram que construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver* selecionam mais o verbo *haver existencial* antes de um argumento interno visto como abstrato. Dessa forma, pretendemos analisar se argumento interno abstrato é mais favorável ao uso de *haver existencial* e se argumento interno concreto é mais inibidor.

#### 3.4.2.3 Tempo verbal

Objetivamos analisar a variável tempo verbal com a intenção de verificar se o tempo expresso pela forma do verbo influencia na escolha que os falantes fazem entre as variantes *ter existencial* e *haver existencial* no *corpus* em estudo. Para tanto, subdividimos nossa variável em dois fatores, a saber, passado e presente.

O fator passado é compreendido como aquele que engloba os tempos verbais usados para relatar eventos, estados ou processos já ocorridos. Callou e Avelar (2000) explicam que os tempos verbais do sistema passado, por serem verbos típicos de narração, são mais favoráveis às ocorrências com o verbo *haver existencial*, como (125) e (126).

(125) não *havia* nenhuma necessidade (L47L6083)

(126) eu acho que não *houve* tanta melhora não (L68L8352)

O fator presente, por sua vez, é entendido como aquele em que o tempo expresso pela forma verbal apresenta simultaneidade entre o momento do evento (ME), o momento da fala (MF) e o momento da referência (MR), conforme Fiorin (1996).<sup>59</sup>

Estudos linguísticos (CALLOU; AVELAR, 2000; VITÓRIO, 2008) não só apontam que essa definição tem a vantagem de interpretar todas as formas do presente sem recorrer a

---

<sup>59</sup> Fiorin (1996) explica que o momento do evento é o momento em que se dá o evento descrito, é o tempo da predicação; o momento da fala é o momento da comunicação, da realização da fala; e o momento da referência é o tempo da referência, é o sistema temporal fixo que permite ao falante definir simultaneidade e anterioridade.

regras especiais ou a usos excepcionais, como também mostram que construções no tempo presente são mais favoráveis à aplicação de *ter existencial*, como (127) e (128).

(127) *tem* uns problemas mais graves tipo segurança (L6L786)

(128) agora já *tem* uma bibliotecária (L7L908)

Santos (1999) mostra que formas verbais expressas no tempo passado, por serem morfologicamente mais marcadas, favorecem o emprego da norma padrão, enquanto que formas verbais no tempo presente, por serem menos marcadas, condicionam mais o uso da forma não-padrão.

Dessa forma, conforme os trabalhos de Callou e Avelar (2000) e Vitório (2006, 2008), partimos do pressuposto de que as formas verbais expressas no tempo passado são mais favoráveis à manutenção de *haver existencial*, enquanto que o tempo expresso com valor de presente apresenta uma maior ocorrência de *ter existencial*.

#### 3.4.2.4 Sexo

Estudos sociolinguísticos (LABOV, 1990; WODAK; BENKE, 1997; CHESHIRE, 2002) abordam a variável sexo como um dos fatores que condicionam a heterogeneidade e a variabilidade da língua. Esses estudos não só mostram que homens e mulheres diferem quanto aos usos dos padrões linguísticos, como também apontam que falantes do sexo feminino são mais sensíveis às formas de maior prestígio, demonstrando uma maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Sendo a língua um fenômeno social e intimamente relacionada a atitudes sociais, Labov (2008) aponta que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres estão relacionadas aos seus comportamentos sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes porque a sociedade lhes confere papéis distintos e, por isso, espera que utilizem padrões de comportamentos também distintos.

Em seus estudos, o autor considera que, no discurso cuidado, as mulheres empregam menos as variantes estigmatizadas do que os homens, caracterizando-se como mais sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso da língua. Tal característica pode ser atribuída não só ao fato de as mulheres serem mais receptivas à atuação da norma escolar, mas também pela responsabilidade na educação dos filhos, que pede que detenham um comportamento linguístico mais esmerado.

Paiva (2003) considera que o trabalho com a variável gênero/sexo deve levar em consideração o prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas e à forma de organização social dessa comunidade. A autora coloca que os papéis sociais que cada comunidade atribui a homens e mulheres influenciam no uso da língua. Como exemplo, ela cita o estudo realizado por Haeri (1987), em diferentes comunidades muçulmanas, que mostra que são as mulheres que fazem mais uso das formas linguísticas não prestigiadas pela comunidade.

Com relação à variação *ter* e *haver existenciais*, pesquisas de Dutra (2000) e Silva (2001) mostram que são os falantes do sexo feminino que mais aplicam a variante inovadora *ter existencial*, enquanto que os falantes do sexo masculino se mostram mais sensíveis à aplicação da variante conservadora *haver existencial*. No entanto, Vitório (2008) aponta que, apesar de estatisticamente não significativas no uso dessas variantes na língua escrita, não sendo essa variação condicionada pela variável sexo, as mulheres utilizam *haver existencial* com mais frequência.

Dessa forma, decidimos controlar esta variável com o intuito de analisar em que limite e de que forma a variação *ter* e *haver existenciais* na fala alagoana está correlacionada ao sexo dos falantes e de verificar se os falantes do sexo masculino são mais conservadores ao uso de *haver existencial* na língua falada, tendo em vista que, nos trabalhos acima citados, as mulheres utilizam mais o verbo *ter existencial* na língua falada, entretanto, na língua escrita, são mais conservadoras, utilizando com mais frequência a variante *haver existencial*.

#### 3.4.2.5 Faixa etária

A faixa etária é uma restrição social que permite uma classificação mais consistente dos falantes, dado que outras restrições como a localização do indivíduo na sociedade, sua comunidade, sua família mudam de acordo com o tempo (ECKERT, 1997), e se caracteriza como uma variável extralinguística bastante relevante em estudos sociolinguísticos (LABOV, 1996; BAILEY, 2002; MEYRHOOF, 2006), pois torna possível o esboço do estágio que uma regra variável desempenha, em tempo aparente, dentro do sistema linguístico: variação estável ou mudança em progresso.

A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá

presenciado uma situação de mudança em progresso, a tal relação de duelo de morte [...]. (TARALLO, 2003, p. 65).

Segundo Labov (1996), a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real é o método básico para o estudo da mudança em curso. No entanto, em muitas comunidades de fala, este método não pode ser aplicado, simplesmente, porque não há observações em tempo real que podem ser usadas para calibrar e confirmar as possíveis possibilidades que suscitam em tempo aparente. Nesses casos, somos duplamente motivados a estudar o presente em maior profundidade e examinarmos o que pode ser deduzido sobre a mudança a partir das distribuições reais em tempo aparente.

É o que objetivamos fazer ao estratificarmos nossa amostra em três faixas etárias: faixa etária de falantes com idade entre 15 e 29 anos (doravante F1), que representa a faixa dos falantes adolescentes e jovens adultos que estão ingressando no mercado de trabalho. Essa faixa é geralmente apontada como mais inovadora aos usos linguísticos; faixa etária de falantes com idade entre 30 e 44 anos (doravante F2), que representa a faixa etária dos falantes adultos, que, praticamente, estão inseridos no mercado de trabalho. Aqui há um certo acomodamento nos padrões sociais de comportamento linguístico; e a faixa etária de falantes com idade acima de 44 anos (doravante F3), que representa a faixa etária dos falantes que já deram contribuição ao mercado de trabalho, ou que estão próximos a contribuírem. Essa faixa se caracteriza mais pelo conservadorismo dos padrões sociais e linguísticos.

Nossa hipótese básica, neste caso, se refere a uma possível mudança linguística no uso de *ter* e *haver existenciais* na fala alagoana, captada em tempo aparente, no sentido de que os falantes mais jovens tendem à inovação – ao uso mais frequente de *ter*, decrescendo o percentual de uso dessa variante à medida que aumenta a faixa etária dos falantes, o que indica que os mais velhos tendem à maior preservação da forma padrão *haver existencial*.

#### 3.4.2.6 Escolaridade

Tendo em vista que o nível de escolarização constitui um fator social significativo na manutenção ou exclusão das formas gramaticais (MOTTA, 1979; DUARTE, 1986; CORRÊA, 1991; MAGALHÃES, 2000; PAGOTTO, 2004; VITÓRIO, 2008, 2011b; SANTOS, 2010; OLIVEIRA, 2010; SANTOS, 2011), controlamos a variável escolaridade com o intuito de verificar se a alternância *ter* e *haver* em construções existenciais na comunidade estudada é condicionada pelo nível escolar dos falantes.

Esses estudos apontam que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais a forma padrão, havendo então uma correlação: maior escolaridade, maior uso das formas padrão; menor escolaridade, menor uso das formas padrão. Assim, o estudo desta variável não só permite verificar o nível de consciência linguística do falante e a frequência de estilos variantes que há no sistema linguístico, como também explica o papel da escola na modificação do comportamento linguístico de uma comunidade.

Como as escolas, de um modo geral, primam pelo ensino da norma padrão e pelo uso das variantes de prestígio, concordamos com Votre (2003) ao considerar que a instituição escolar gera mudanças na fala e na escrita não só das pessoas que a frequentam, mas também nas comunidades linguísticas dessas pessoas.

Cabe destacar e atribuir à escola um mérito nada desprezível: o de ser responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer. A escola, sozinha, não faz a mudança, mas mudança alguma se faz sem o concurso da escola. (VOTRE, 2003, p. 56).

O autor considera que, para a análise da variável escolaridade, são necessárias algumas distinções presentes na dinâmica social em que interage a escola: forma de prestígio social; fenômeno estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização; objeto de ensino escolar e os que escapam ao ensino; fenômenos situados no nível do discurso e os que se inserem no interior da gramática; tipo de ensino – produtivo, descritivo e normativo; e, por fim, o ato comunicativo, que se divide em fala e escrita.

Com relação ao fenômeno aqui em estudo, pesquisas sociolinguísticas têm apontado não só que quanto maior a escolarização do falante, maior é o percentual de *haver existencial*, mostrando que são os falantes menos escolarizados que mais aplicam a variante inovadora e ressaltando que o acesso às normas linguísticas é determinante na escolha dessas variantes (SILVA, 2001; VITÓRIO, 2006, 2008, 2011b), como também que *haver* parece não fazer mais parte do processo natural de aquisição da linguagem, sendo adquirido quando o falante entra em contato com a aprendizagem da língua escrita, não havendo, assim, a variação *ter/haver existenciais* durante a aquisição da linguagem (AVELAR, 2005; VITÓRIO, 2010).

Embora o uso de *ter existencial* não seja visto como um fenômeno estigmatizado pela sociedade, pois a todo o momento encontramos falantes de diferentes níveis de escolarização fazendo uso de tal verbo, sua utilização quase não é abordada pela instituição escolar, ou, quando é abordada, sua possibilidade de uso se restringe à língua falada.

Dessa forma, para a análise da variável escolaridade, trabalhamos com os fatores ensino fundamental (doravante E1), ensino médio (doravante E2) e ensino superior (doravante E3), e partimos do pressuposto de que os falantes mais escolarizados utilizam mais a variante conservadora *haver existencial*, diminuindo o percentual de uso dessa variante à medida que diminui o nível de escolarização dos usuários da língua.

### 3.5 VARBRUL: uma análise multivariada dos dados

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008) é também conhecida por Sociolinguística Quantitativa por trabalhar com modelos matemáticos, dando tratamento estatístico e probabilístico aos dados linguísticos e extralinguísticos variáveis. A realização de análises quantitativas permite não só o estudo da variação, entendida como a alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, como também possibilita a sistematização e o encaixamento linguístico e social de um dado fenômeno linguístico variável.

Assim, com o objetivo de analisar a frequência de uso de *ter* e *haver existenciais* e verificar quais contextos linguísticos e/ou sociais são mais favoráveis e quais são menos favoráveis ao uso dessas formas verbais, os dados coletados foram analisados quantitativamente pelo programa computacional VARBRUL, que produz resultados numéricos associados aos pesos relativos de cada fator do fenômeno variável, possibilitando saber se os grupos de fatores arrolados são estatisticamente significativos.

Os programas da série *Varbrul* geram como produto final resultados numéricos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores, que medem o efeito relativo de cada fator no fenômeno variável sob análise. São valores projetados, denominados *pesos relativos*. Os programas apresentam também valores percentuais e medidas estatísticas diversas, que indicam se os grupos de fatores considerados pelo pesquisador são significativos do ponto de vista estatístico. (SCHERRE; NARO, 2003, p. 161).

O programa Variable Rule Analyses<sup>60</sup>, identificado como VARBRUL, é um modelo logístico de análise dos dados que foi proposto por David Sankoff em 1978, com o intuito de implementar a proposta de William Labov (2008[1972]) quanto ao tratamento estatístico dos fenômenos linguísticos variáveis e é definido como “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

---

<sup>60</sup> Análises de regras variáveis.

A análise se chama ‘multivariada’ porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. O resultado da análise inclui, principalmente, medidas dos efeitos das variáveis independentes e, também, outros elementos, como uma medida do nível geral de uso de uma variante dependente e medidas de significância e ajuste [...]. O programa também permite ao pesquisador testar várias hipóteses possíveis sobre a natureza, tamanho e direção dos efeitos das variáveis independentes. (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

Mas por que usar o pacote de programas estatísticos VARBRUL na pesquisa sociolinguística variacionista? Guy e Zilles (2007) reconhecem que é perfeitamente possível usar outros métodos de análises que geram resultados mais ou menos equivalentes aos do VARBRUL. No entanto, os autores elencam algumas vantagens na utilização do VARBRUL: o programa é dedicado à estruturação dos dados que encontramos na linguagem natural; muitas das células numa rodada típica do VARBRUL não têm nenhum dado, ou têm apenas um e o programa tolera muito bem tais desvios de uma distribuição equilibrada; o VARBRUL possui rotinas que permitem a recodificação e outros manuseios dos dados; o programa cria um modelo matemático dos dados que vai além de respostas sim e não sobre a influência de uma variável na outra, pois articula vários resultados e possibilita uma visão geral de como o sistema linguístico funciona.

O pacote de programas VARBRUL tem a capacidade de realizar tanto análises de ordem binária quanto análises de ordem eneária. A binária se caracteriza pela análise de duas variantes e a eneária pela análise de três a cinco variantes. Na análise binária, o valor de referência intermediária de peso relativo é 0,50 e o programa não só projeta esses pesos, como também seleciona as variáveis em função de sua relevância. Já na análise eneária, o programa também gera o arquivo com pesos relativos, sem o processo de seleção das variáveis independentes. Para a análise de três variantes, o peso relativo de referência é 0,33; para a análise de quatro variantes, o peso relativo é de 0,25 e, para a análise de cinco variantes, o peso relativo é 0,20.<sup>61</sup>

Para a análise e utilização do VARBRUL, são necessários: construir a amostra da pesquisa; planejar um sistema analítico mediante definição da variável dependente e das variáveis independentes; selecionar os dados; eliminar as ocorrências que não se enquadram nos critérios estabelecidos da variável dependente e preparar o arquivo de ocorrências (GUY;

---

<sup>61</sup> Na versão do pacote VARBRUL 1998/1992, devemos utilizar o programa Ivarb ou Varb2000 para a rodada de análise binária, para a análise de uma variável ternária devemos utilizar o programa Tvarb e para uma rodada eneária, devemos utilizar o programa Mvarb.

ZILLES, 2007). Foram esses os passos que seguimos para analisarmos quantitativamente as realizações de *ter* e *haver* em construções existenciais na fala alagoana.

Para a nossa análise, utilizamos a versão do VARBRUL de 2005, conhecida como GOLDVARB X, proposta por David Sankoff, Sali Tagliamonte e Eric Smith. Essa atualização do programa nos permite utilizá-lo em ambientes Macintosh, Windows e Linux, operando-o de forma semelhante em ambas as plataformas. O GOLDVARB X também executa pesquisas de referência cruzada e encontra facilmente o que o pesquisador deseja, procurando por coisas fora da sequência de codificação. Além disso, o programa agora computa resultados marginais com uma casa decimal e permite que o tamanho da fonte seja ajustado (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).<sup>62</sup>

Dessa forma, após a coleta e transcrição das entrevistas, fizemos a análise da amostra e o levantamento das ocorrências dos verbos *ter* e *haver existenciais*. Em seguida, antecedendo à fase de codificação dos dados, elaboramos um sistema de codificação das ocorrências, atribuindo símbolos não só a variável dependente, mas também a todos os fatores considerados como potencialmente relevantes para a variação em estudo, a saber:

Variável dependente:	ter existencial - t haver existencial - h
Variáveis independentes:	
1. Sexo:	masculino - m feminino - f
2. Faixa etária:	F1 (15-29 anos) - 1 F2 (30-44 anos) - 2 F3 (mais de 44 anos) - 3
3. Escolaridade:	E1 (Ensino Fundamental) - 1 E2 (Ensino Médio) - 2 E3 (Ensino Superior) - 3

---

<sup>62</sup> Para uma rodada básica no programa computacional GOLDVARB X, sugerimos a leitura do texto de Santos e Vitória (2011) – *Uma rodada no GOLDVARB X*.

4. Animacidade do argumento interno: animado - a  
inanimado - i
5. Natureza do argumento interno: concreto - c  
abstrato - a
6. Tempo verbal: passado - 1  
presente - 2

Esse sistema de codificação é importante para a sistematização de todas as ocorrências do fenômeno variável, uma vez que o VARBRUL só opera com leitura de códigos (Cf. SANTOS; VITÓRIO, 2011).<sup>63</sup> Assim, uma construção do tipo – *num tem um investimento do istado* (L1L81) – recebeu a seguinte codificação: (*tm12ia2*)<sup>64</sup> – que indica que houve uma ocorrência do verbo *ter* – *t*, que o informante é do sexo masculino – *m* e pertence à faixa etária 1 – *1*, que o falante tem o ensino médio – 2, que o argumento interno da construção existencial é do tipo inanimado – *i* e abstrato – *a* e que o verbo existencial está no tempo presente – 2.

Após a codificação das 772 ocorrências analisadas no *corpus*, a etapa seguinte foi a criação do arquivo de ocorrências, ou seja, a digitação de todas as codificações, que foi realizada no Word 2007. Feita a digitação dos dados, abrimos o programa GOLDVARB X e, em sua janela principal, colamos todas as codificações dos dados digitadas. Em seguida, pedimos para o programa gerar o fator de especificação, com o objetivo de elencar todos os símbolos usados na codificação. Nesse arquivo, são apresentadas todas as especificações relevantes para que o GOLDVARB X identifique a variável dependente e as variáveis independentes, e verifique se houve erro de codificação.<sup>65</sup>

Fez-se também necessário criar um arquivo de condição, que especifica todos os grupos de fatores que o programa processará. A etapa seguinte foi a criação do arquivo de células, que não só gera as células criadas, no nosso caso 164 células, como também calcula o

<sup>63</sup> É importante ressaltar não só que a escolha dos códigos fica a critério de cada pesquisador, sendo vetada a utilização dos símbolos “/” (barra inclinada), “.” (ponto final), “(” (parêntese de abrir) “)” (parêntese de fechar) e espaço em branco por terem significados especiais para o programa, como também que todas as ocorrências de uma dada regra variável devem ser codificadas para a rodada do VARBRUL.

<sup>64</sup> O abre parêntese “(” no início da codificação é uma exigência do programa que indica que os caracteres que se seguem formam um código. Portanto, todas as codificações devem apresentar um “(” no seu início.

<sup>65</sup> Votre (1991, p. 184) destaca “que o sistema Varbrul só identifica enganos. Logo, se você codificar de forma inadequada algum fenômeno, por desconhecimento da estrutura da língua, ou por qualquer outra razão, esse erro não será detectado”.

número de ocorrências e as percentagens de aplicação de cada fator, oferecendo ao pesquisador uma análise univariada dos dados e preparando os dados para a análise multivariada (up e down), que apresenta níveis de análises variados.<sup>66</sup>

Na análise multivariada ou multidimensional, o primeiro nível apresentado pelo programa é o Nível 0, que tem como principal objetivo calcular a probabilidade de aplicação da regra. No Nível 1, temos não só o cálculo do peso relativo dos fatores de cada uma das variáveis analisadas isoladamente em relação ao seu *input*, como também os cálculos de sua verossimilhança máxima (*log likelihood*) e de sua significância (*significance*).

A partir do Nível 1, o programa realiza a seleção de uma das variáveis mais significativas através de um teste entre todas as variáveis propostas na análise e, no Nível 2, o programa trabalha com esta variável selecionada, observando o seu comportamento em correlação a cada uma das demais variáveis, em uma interação duas a duas, estabelecendo, assim, o seu *log likelihood* e a sua significância.

Em seguida, o VARBRUL seleciona uma segunda variável e o mesmo processo se repete, não só incluindo e comparando, nas rodadas, cada uma das variáveis, mas também destacando a mais relevante de cada um dos grupos em análise e colocando-a em interação com as demais. O processo se repete até o momento em que a adição de um determinado grupo de fatores não contribua com significância estatística para o modelo. Esse processo de seleção das variáveis independentes é denominado de *step-up*.

Detalhadamente, o processo do *step-up* é o seguinte: o programa começa fazendo uma análise em que calcula só um valor de *input* e nenhum peso de fator. Para esse 'nível zero', calcula-se um logaritmo de verossimilhança. Aí, o programa passa a fazer, no chamado 'nível um', rodadas em que são usados o valor do *input* e um só grupo de fatores de cada vez. O programa faz uma rodada desse tipo para cada grupo de fatores existente no arquivo que está sendo analisado. Assim, se houvesse sete grupos de fatores, o programa faria sete rodadas nesse nível. De todas essas rodadas, escolhe-se o melhor grupo de fatores, em termos de significância. (GUY; ZILLES, 2007, p. 164-165).

Após o processo de seleção das variáveis estatisticamente significativas, o programa agora executa o procedimento de seleção inverso, eliminando as variáveis menos significativas no processo de variação, ou seja, "o programa começa usando todos os grupos de fatores e vai excluindo, um por um, os não-significativos" (GUY; ZILLES, 2007, p. 166). Esse processo de eliminação das variáveis independentes é denominado de *step-down*.

---

<sup>66</sup> Para uma leitura detalhada dos valores obtidos numa rodada do pacote de programas VARBRUL, sugerimos a leitura do texto de Brescancini (2002) – *A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S*.

Em nosso estudo, a análise dos dados nos níveis *step-up* e *step-down* apresentou que, dos seis grupos de fatores selecionados como potencialmente relevantes na variação *ter/haver* em construções existenciais na fala alagoana, apenas quatro variáveis independentes foram consideradas, pelo programa, estatisticamente significativas, a saber, escolaridade, tempo verbal, faixa etária e natureza do argumento interno, por ordem de relevância, enquanto que os grupos de fatores sexo e animacidade do argumento interno, segundo a rodada no VARBRUL, foram estatisticamente não significativos.

Ainda com o intuito de verificar mais detalhadamente os resultados obtidos das variáveis independentes, realizamos cruzamentos entre as variáveis sexo e faixa etária; sexo e escolaridade; faixa etária e escolaridade; sexo, escolaridade e faixa etária; escolaridade e tempo verbal; e tempo verbal e natureza do argumento interno, pois é a partir da interação entre diferentes grupos de fatores que pertencem a uma comunidade de fala que é possível observar a forma como uma mudança linguística se instala em um determinado grupo social e se espalha para outros grupos até atingir a comunidade como um todo.

A intersecção de um dado grupo de fatores com outro é efetuada pelo programa, que oferece os resultados percentuais estatísticos dos cruzamentos realizados, permitindo verificar como está a condição de variação linguística na comunidade pesquisada.

A finalidade de um estudo desse tipo é, primeiro, a estimação de parâmetros (pesos, probabilidades) para cada efeito lingüístico e cada falante, grupo de falantes, ou estilo considerado, e segundo, a relação desses valores com os modelos e teorias sociais e/ou lingüísticas de que dispomos para a explicação do fenômeno. (GUY; ZILLES, 2007, p. 104).

Mesmo sendo um programa computacional bastante importante na verificação estatística de fenômenos lingüísticos variáveis, Scherre e Naro (2003) não só apontam que resultados obtidos pelo pacote de programas VARBRUL só têm valor estatístico, sendo o valor lingüístico atribuído e interpretado pelo linguista, como também explicam que

[...] o conjunto de pesos relativos estatisticamente significativo é aquele que contém, ao mesmo tempo, todas as variáveis selecionadas num mesmo nível de análise. É este conjunto de pesos relativos que deve ser usado para comporem-se as tabelas ou os gráficos de resultados e tecerem-se as considerações sobre a análise efetuada, com base nas hipóteses levantadas. Os demais pesos relativos podem e devem ser usados como indicadores, para conjecturas, sem, entretanto, haver nenhum valor estatisticamente significativo. (SCHERRE; NARO, 2003, p. 166).

Dessa forma, o VARBRUL se define como um importante suporte quantitativo de investigação variacionista que categoriza as ocorrências e indica os possíveis

condicionamentos que podem ocorrer no fenômeno linguístico variável, classificando-se como um facilitador do trabalho do pesquisador. No entanto, é tarefa do pesquisador ter necessário conhecimento de todo o processo para a interpretação dos resultados obtidos.

## 4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O tratamento estatístico dos dados indicará que certos grupos de fatores são, na realidade, responsáveis pela implementação de uma variante e que outros, ao contrário, não demonstram qualquer efetividade na aplicação da regra variável. Resta, no entanto, saber qual o devido valor dado às variantes pelos falantes do grupo. (TARALLO, 2003, p. 49).

Nesta seção, apresentamos a descrição e análise dos resultados obtidos através das rodadas realizadas no programa computacional VARBRUL. Para tanto, mostramos, primeiramente, a frequência geral da variável dependente *ter existencial* e *haver existencial* na comunidade de fala alagoana e, em seguida, apresentamos e discutimos os resultados das variáveis estatisticamente não significativas e das variáveis estatisticamente significativas.

Para a seleção das variáveis não significativas e significativas, realizamos duas rodadas diferenciadas no VARBRUL. Na primeira rodada dos dados, consideramos o verbo *ter existencial* como valor de aplicação da regra e testamos todos os grupos de fatores selecionados como potencialmente relevantes neste estudo – sexo, faixa etária, escolaridade, animacidade do argumento interno, natureza do argumento interno e tempo verbal, e obtivemos os seguintes dados: variáveis estatisticamente não significativas, por ordem de eliminação: animacidade do argumento interno, sexo e natureza do argumento interno; variáveis estatisticamente significativas, por ordem de relevância: escolaridade, tempo verbal e faixa etária.

Na segunda rodada dos dados, selecionamos, novamente, a variante inovadora como valor de aplicação da regra, porém amalgamamos os fatores ensino fundamental e ensino médio da variável escolaridade e obtivemos os seguintes dados: variáveis estatisticamente não significativas, por ordem de eliminação: animacidade do argumento interno e sexo; variáveis estatisticamente significativas, por ordem de relevância: escolaridade, tempo verbal, faixa etária e natureza do argumento interno.<sup>67</sup>

Ainda com o intuito de checar a atuação desses grupos de fatores na variação em estudo não só verificamos a interferência da variável escolaridade nas realizações de *ter* e *haver* em dados de fala e de escrita, como também apresentamos, no decorrer da análise, o

---

<sup>67</sup> Devido à relevância estatística da variável natureza do argumento interno em estudos sociolinguísticos sobre a variação *ter* e *haver existenciais* (DUTRA, 2000; VITÓRIO, 2011) e devido ao fato de essa variável, na primeira rodada dos dados, ter sido a última a ser descartada pelo VARBRUL como não influente na variação em estudo e, na segunda rodada dos dados, ter sido considerada pelo programa como relevante na análise, decidimos considerá-la como influente em nossa pesquisa e, por isso, estatisticamente significativa.

cruzamento das seguintes variáveis independentes: escolaridade e sexo; escolaridade e tempo verbal; faixa etária e sexo; faixa etária e escolaridade; sexo, faixa etária e escolaridade; e tempo verbal e natureza do argumento interno.

Nosso maior objetivo, nessas análises, é traçar o perfil sociolinguístico da comunidade de fala alagoana no uso dessas variantes linguísticas, buscando verificar se tal variação reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso.

#### 4.1 Variável dependente

Partindo dos pressupostos de que há variação *ter* e *haver existenciais* na fala alagoana, com a variante inovadora *ter existencial* apresentando percentual maior de realização e de que essa variação não ocorre por acaso, mas é motivada por restrições linguísticas e sociais, analisamos um total de 772 construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver* na comunidade estudada, conforme podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 5 - Realizações de *ter* e *haver* na fala alagoana

Variantes	Total de ocorrências	Percentuais
Ter existencial	735	95%
Haver existencial	37	5%
Total	772	100%

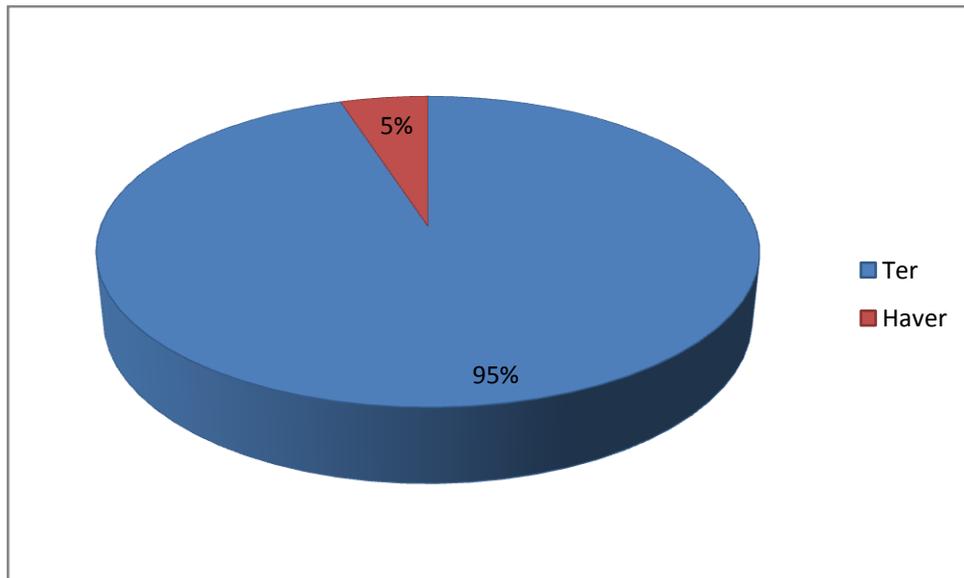
Dentre as 772 ocorrências totais de estruturas analisadas, obtivemos 735 ocorrências com o verbo *ter existencial*, como em (129) e (130), e 37 ocorrências com o verbo *haver existencial*, como em (131) e (132). Esses resultados nos mostram um percentual de 95% dos casos com o verbo *ter* contra apenas 5% de uso do verbo *haver*, indicando, dessa forma, que, na fala alagoana, há um uso quase que categórico de *ter existencial*, ou seja, um uso limitado de *haver* e uma significativa preferência pelo verbo *ter*, conforme ilustramos no gráfico 1.

(129) *tem* um passeio muito maravilhoso que eu fiz (L34L4645)

(130) *tinha* uma senhora comigo e ela tinha problema de pressão (L20L2910)

(131) um rapaz empreendedor /mais, mas/ que por trás desse empreendimento *há* um interesse de capitá verbas federais (L58L7280)

(132) não *havia* nenhuma necessidade agora no momento (L47L6083)

Gráfico 1 - Percentuais de *ter* e *haver* na fala alagoana

Os dados obtidos não só indicam que há variação *ter* e *haver* em contextos existenciais no *corpus* analisado, como também revelam que a frequência do verbo *ter* é bem maior do que a frequência do verbo *haver*, confirmando, dessa forma, as nossas hipóteses básicas de que, na fala alagoana, há variação *ter/haver* em sentenças existenciais e de que, sendo a língua falada um discurso menos monitorado e, por isso, mais favorável ao uso de variantes inovadoras, o verbo *ter* ocorreria em maior escala.

Esses resultados vão na mesma direção da afirmação de Franchi, Negrão e Viotti (1998) de que a distribuição dos verbos em orações existenciais mostra o privilégio das construções com o verbo *ter*, e dos resultados das pesquisas variacionistas sobre *ter/haver existenciais* em alguns dialetos do português brasileiro (DUTRA, 2000; SILVA, 2001; DUARTE, 2003; VITÓRIO, 2006, 2008), que indicam que *ter* é o verbo mais utilizado. No entanto, o que chama, realmente, a nossa atenção é o alto percentual da variante inovadora.

O uso quase categórico de *ter* na fala alagoana pode ser uma possível explicação para a hipótese proposta por Vitório (2010), de que o verbo *haver* parece não fazer mais parte da gramática internalizada das crianças alagoanas, sendo seu uso adquirido durante o processo de aprendizagem da língua escrita, tendo em vista que, à luz da sociolinguística laboviana, alguns estudos (LABOV, 1989; ROBERTS, 1994, 2002; ALENCAR, 2006) têm explicado o processo de aquisição da linguagem tomando por base estruturas que se configuram como variáveis no sistema do adulto ou da comunidade de fala.

Esses trabalhos argumentam que a variabilidade observada na fala das crianças é, em parte, estruturada e essa sistematização está alinhada ao *input* que a criança recebe, ou seja, a

variabilidade na fala da criança está ligada à variabilidade na fala do adulto. Dessa forma, a presença quase que categórica da variante inovadora *ter existencial* e a ausência quase que absoluta da variante conservadora *haver existencial* tanto na gramática do adulto quanto na gramática da criança constituem uma evidência de um processo de mudança em curso.

No entanto, duas questões emergem para possíveis interpretações dos dados: que fatores linguísticos e/ou sociais ainda estão condicionando o uso da variante conservadora *haver existencial* na comunidade estudada? De acordo com esses percentuais de aplicação de *ter* e *haver* na fala alagoana, ainda podemos falar de variação estável nas realizações dessas formas verbais ou já estamos diante de uma mudança em progresso na comunidade estudada?

#### 4.2 Variáveis estatisticamente não significativas

Dos seis grupos de fatores selecionados como potencialmente relevantes na variação em estudo, dois foram considerados estatisticamente não significativos, a saber, animacidade do argumento interno e sexo. Apesar de se mostrarem não influentes na variação em análise, acreditamos na importância da apresentação dos seus resultados, uma vez que podemos descrever a maneira como *ter* e *haver* se comportam na fala alagoana.

Guy e Zilles (2007) apontam que a falta de significância estatística de uma dada variável já é uma resposta à pergunta do pesquisador, pois, ao descrever um determinado fenômeno linguístico variável, tanto as variáveis significativas quanto as variáveis não significativas apresentam o comportamento do fenômeno analisado, sendo, portanto, tarefa do pesquisador mostrar os resultados tanto de significância estatística quanto os de não significância estatística.

[...] é importante lembrar que a falta de significância de uma relação ou efeito é, em si, um fato, uma descoberta, uma evidência, uma resposta às perguntas do pesquisador! Se queremos saber se a presença de certo elemento numa oração tem alguma influência sobre o uso de uma variável, a resposta pode ser sim ou não, e tanto o *não* quanto o *sim* contam igualmente como resposta à pergunta feita. Se um pesquisador só apresenta as respostas do tipo *sim*, e não as respostas do tipo *não*, acaba deixando várias das perguntas simplesmente sem resposta nos arquivos da ciência, e futuros pesquisadores não vão saber que tal pergunta já foi investigada. (GUY; ZILLES, 2007, p. 214).

Dessa forma, são os resultados das variáveis estatisticamente não significativas que apresentamos nesta seção. Para tanto, seguimos a ordem de eliminação dessas variáveis

estabelecida pelo programa VARBRUL. Tabelas e gráficos são usados para melhor visualização dos resultados.

#### 4.2.1 Animacidade do argumento interno

Considerado um fator linguístico importante em pesquisas sobre a variação linguística e, principalmente, em análises sobre o uso variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, a variável animacidade do argumento interno foi o primeiro grupo de fatores descartado pelo VARBRUL como não influente na variação em estudo.

Para a análise desta variável, não só classificamos os argumentos internos das construções existenciais em animado e inanimado, conforme Pottier (1963 *apud* LOPES, 2003), como também partimos do pressuposto de que a variante inovadora *ter existencial* ocorrerá em maior escala quando o argumento interno for do tipo animado, como (133), enquanto que argumento interno inanimado favorecerá mais a variante conservadora *haver existencial*, como (134).

(133) – é uma cidade pequena – *tem* muito povo carente (L1L59)

(134) ali *há* uma cultura sendo valorizada sendo levada adiante (L70L8855)

Desse modo, obtivemos os seguintes resultados para esta variável:

Tabela 6 - Realizações de *ter* e *haver* na variável animacidade do argumento interno

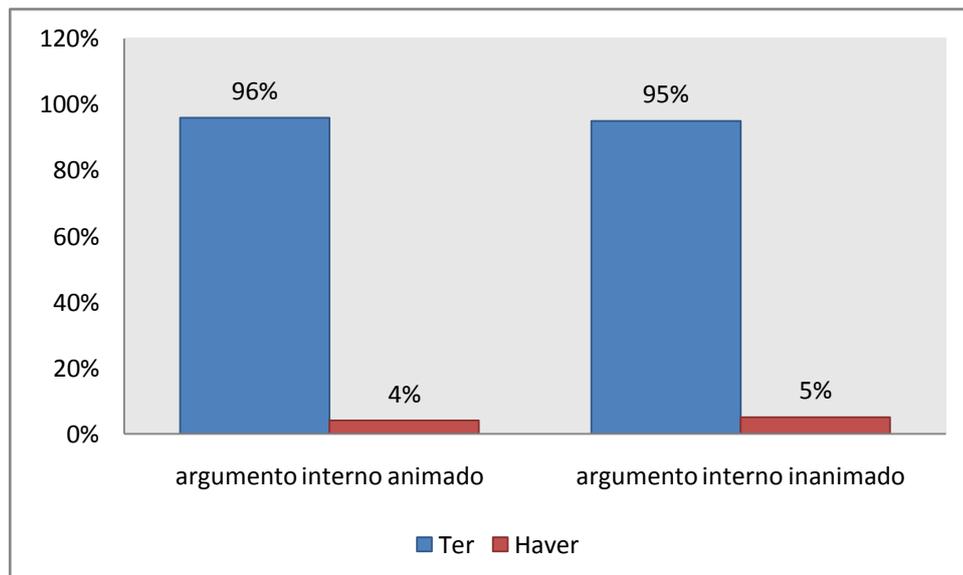
Animacidade do argumento interno	Ter existencial Aplic. / Total / Perc.	Haver existencial Aplic. / Total / Perc.
argumento interno animado	99 / 103 / 96%	4 / 103 / 4%
argumento interno inanimado	639 / 669 / 95%	33 / 669 / 5%

De acordo com os dados obtidos, verificamos que o verbo *ter* apresenta percentuais de 96% quando o argumento interno é animado e 95% quando o argumento interno é inanimado, ao passo que o verbo *haver* apresenta percentuais de 4% quando o argumento interno é animado e 5% quando o argumento interno é inanimado. Apesar de pesquisas sociolinguísticas sobre a alternância *ter/haver* (CALLOU; AVELAR, 2000; SILVA, 2001, VITÓRIO, 2008, 2011a) mostrarem que *haver* é mais utilizado quando o argumento interno é inanimado, os dados mostram que ambos os fatores se mostram dentro da escala de

neutralidade, indicando que esta variável não é influente no uso de *ter* e *haver* em construções existenciais na fala alagoana.

Vitório (2008) já aponta a falta de significância estatística desta variável nas realizações de *ter* e *haver* em construções existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. No entanto, a autora verifica que, apesar de tal insignificância estatística, *haver existencial* apresenta um percentual maior de realização – 44% quando o argumento interno da sentença existencial é inanimado *versus* 30% quando o argumento interno da construção existencial é animado. Caso que não ocorre na fala alagoana, pois *haver* apresenta quase o mesmo percentual de uso para os fatores argumento interno animado e argumento interno inanimado – 4% e 5%, respectivamente, conforme gráfico 2.

Gráfico 2 - Percentuais de *ter* e *haver* na variável animacidade do argumento interno



#### 4.2.2 Sexo

Para analisarmos a variável sexo não só partimos do pressuposto de que homens e mulheres diferem quanto aos usos dos padrões linguísticos, como também objetivamos verificar se o comportamento linguístico dos falantes do sexo masculino é mais favorável ao uso da variante conservadora *haver existencial*, tendo em vista que o uso de *ter existencial* é não marcado socialmente e por acreditarmos que a variação *ter* e *haver* em construções existenciais se encontra, na fala alagoana, em um processo de mudança linguística.

Desse modo, obtivemos os seguintes resultados para esta variável:

Tabela 7 - Realizações de *ter* e *haver* na variável sexo

Sexo	Ter existencial Aplic. / Total / Perc.	Haver existencial Aplic. / Total / Perc.
Masculino	405 / 433 / 94%	28 / 433 / 6%
Feminino	330 / 339 / 97%	9 / 339 / 3%

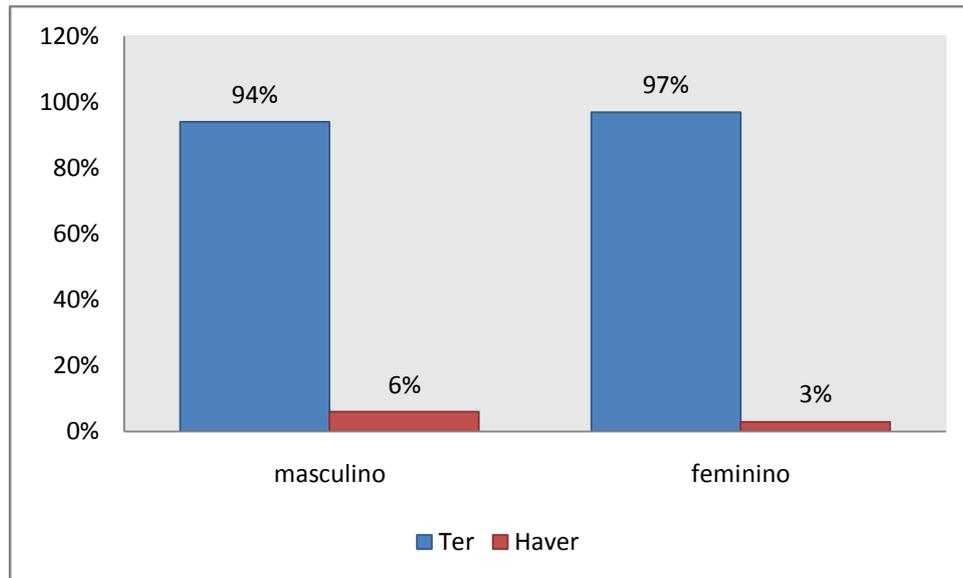
De acordo com os dados acima, verificamos que os falantes do sexo masculino usam o verbo *ter* em 94% dos casos e o verbo *haver* em 6%, enquanto que os falantes do sexo feminino utilizam o verbo *ter* em 97% dos casos e o verbo *haver* em 3%, mostrando, assim, que os homens aplicam mais a variante conservadora *haver existencial* na fala alagoana.

Esses resultados vão na mesma direção dos achados de Dutra (2000) e Silva (2001), que mostram que, na fala soteropolitana e na fala pessoense, respectivamente, os homens aplicam com mais frequência a variante *haver existencial*, confirmando, assim, a tendência dos falantes do sexo feminino a utilizarem mais a variante inovadora *ter existencial*.

Esse padrão de comportamento linguístico também corrobora as afirmações de Labov (2008) e Chambers (2002), que pontuam que a variável sexo atua na propulsão ou retenção de processos que implementam uma nova variante no sistema, pois as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança quando se trata de implementar uma forma linguística não estigmatizada socialmente, caso não só da variante *ter existencial*, mas também da variante *a gente* em variação com o *nós*, apresentada por Omena (1996).

Labov (1996) também destaca que o comportamento linguístico de homens e mulheres também se diferencia quando um determinado fenômeno linguístico variável se caracteriza como variação ou mudança em progresso, ou seja, em um processo de variação estável, os homens tendem a aplicar mais a variante inovadora, enquanto que, em um processo de mudança linguística, as mulheres tendem a inovar mais, constituindo, assim, em mais uma evidência para argumentarmos que, na fala alagoana, estamos diante de uma mudança linguística na direção de *ter existencial*.

Embora os falantes do sexo masculino apresentem um percentual maior de aplicação de *haver existencial* – 6% contra 3% para os falantes do sexo feminino, conforme ilustramos no gráfico 3, as percentagens de ambos os fatores se mostram, para a teoria sociolinguística, como estatisticamente não significativas, indicando que esta variável não é influente na variação em estudo.

Gráfico 3 - Percentuais de *ter* e *haver* na variável sexo

Callou e Avelar (2000), ao analisarem a variação *ter/haver existenciais* na fala carioca nas décadas de 70 e 90, mostram que o percentual de *ter* salta de 63% nos anos 70 para 76% nos anos 90. Segundo os autores, essa mudança ocorre nos falantes do sexo masculino, entre os quais o uso de *ter* cresce de 47% para 74%. No entanto, nos anos 90, a frequência de uso do verbo *ter* é de 75% sem distinção de sexo.

Vitório (2008, 2011a) também pontua a falta de significância estatística da variável sexo nas realizações de *ter* e *haver* em contextos existenciais. No entanto, na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, há uma inversão dos dados, com as mulheres utilizando mais a variante conservadora, o que pode ser justificado pelo fato de existir, na língua escrita, uma maior preocupação por parte dos usuários da língua no uso das formas linguísticas, corroborando, dessa forma, a tese de Labov (1996, 2008) de que as mulheres se policiam mais ao utilizar um discurso mais formal.

#### 4.3 Variáveis estatisticamente significativas

As variáveis estatisticamente significativas são vistas pela teoria sociolinguística como os grupos de fatores que realmente condicionam um dado fenômeno variável. Em nossa pesquisa, quatro das seis variáveis independentes analisadas foram consideradas pelo VARBRUL como influentes nas realizações de *ter* e *haver* na fala alagoana, a saber, escolaridade, tempo verbal, faixa etária e natureza do argumento interno. São os resultados

dessas variáveis que apresentamos nesta subseção, seguindo a ordem de relevância estatística atribuída a cada uma delas. Tabelas e gráficos são usados para melhor visualização dos dados.

#### 4.3.1 Escolaridade

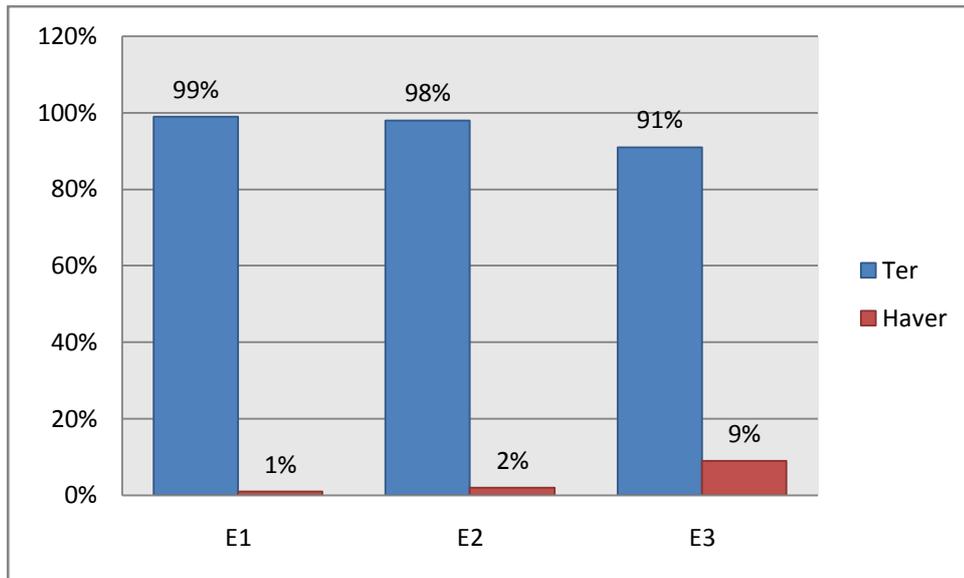
A escolaridade foi a primeira variável selecionada pelo VARBRUL como estatisticamente significativa na variação em estudo. Para a análise desta variável, não só partimos do pressuposto de que o acesso “a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as freqüentam e das comunidades discursivas” (VOTRE, 2003, p. 51), como também dividimos nossa variável em três níveis de escolarização, a saber, E1, E2 e E3, e hipotetizamos que são os falantes mais escolarizados que mais aplicam a variante conservadora *haver*, como (135) e (136).

(135) às vezes *há* outras pessoas que suspeitam por exemplo do meu irmão (L6L813)  
(136) e quando *há* uma vaga aí tem problema de qualificação (L12L1700)

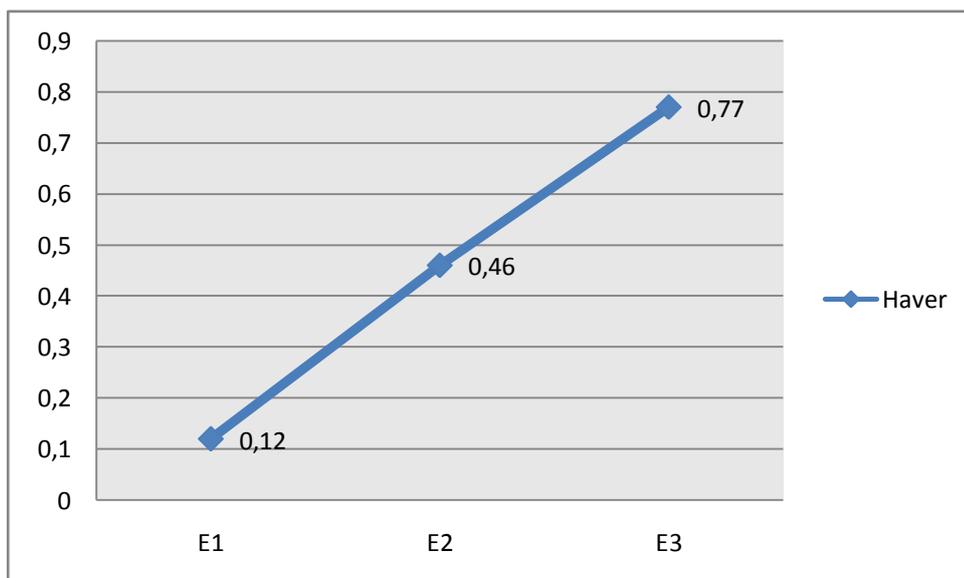
Tabela 8 - Realizações de *ter* e *haver* na variável escolaridade

Escolaridade	Ter existencial Aplic. / Total / Perc.	Haver existencial Aplic. / Total / Perc.
E1	182 / 183 / 99%	1 / 183 / 1%
E2	239 / 245 / 98%	6 / 245 / 2%
E3	314 / 344 / 91%	30 / 344 / 9%

De acordo com os resultados da tabela 8, verificamos que os percentuais de uso de *ter* nas E1 e E2 são quase categóricos – 99% e 98%, respectivamente. Já na E3, o uso de *ter* é de 91% dos casos. Esses resultados nos permitem afirmar, de imediato, que, apesar de os percentuais da variante inovadora serem superiores a 90% nos três níveis de escolarização, são os falantes menos escolarizados que mais aplicam a variante inovadora *ter existencial*. Logo, o acesso às regras gramaticais está sendo determinante na escolha de *haver existencial*, que apresenta percentuais de 9% na E3, 2% na E2 e 1% na E1, conforme gráfico 4.

Gráfico 4 - Percentuais de *ter* e *haver* na variável escolaridade

Analisando especificamente a aplicação de *haver existencial*, obtivemos os pesos relativos de (0,12) para E1, (0,46) para a E2 e (0,77) para a E3, conforme ilustramos com o gráfico 5. Esses valores estatísticos confirmam a nossa hipótese para esta variável de que a aplicação de *haver* é aumentada à medida que aumenta o nível de escolarização dos falantes, ou seja, quanto mais escolarizado o falante, maior é a aplicação de *haver existencial*.

Gráfico 5 - Aplicação de *haver* na variável escolaridade

Tendo em vista que “[...] um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, um valor abaixo de 0,5 indica um fator que desfavorece a regra [...]”

(GUY; ZILLES, 2007, p. 41), verificamos que os fatores E1 e E2 não favorecem a aplicação de *haver existencial*, ao passo que o fator E3 favorece a aplicação dessa variante. Essa constatação confirma a nossa hipótese de que os falantes mais escolarizados utilizam com mais frequência a variante conservadora, sendo seu uso mais favorecido pelos falantes mais escolarizados, comprovando ser esta variável importante na realização dessa forma verbal.

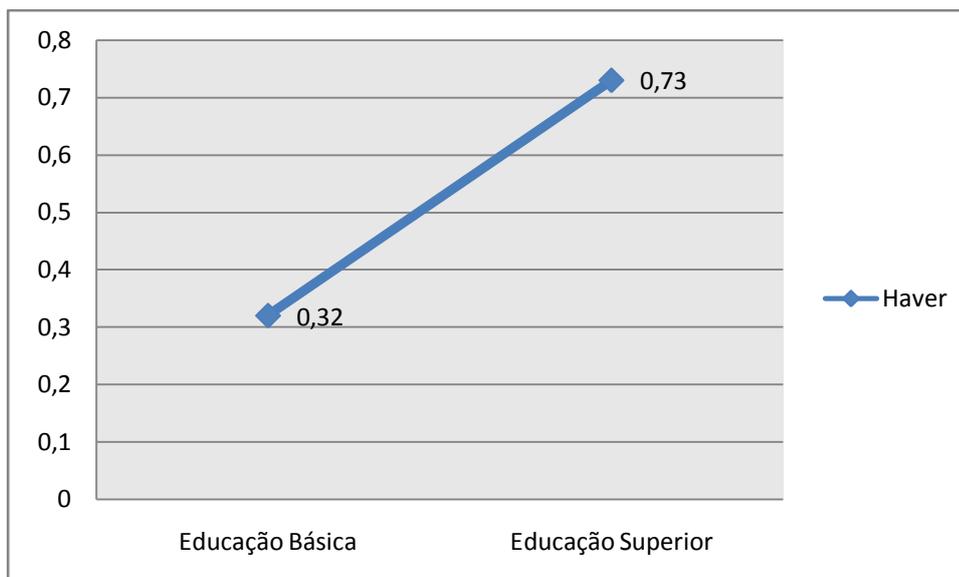
Os percentuais quase que categóricos de *ter existencial* nas E1 e E2 – 99% e 98%, respectivamente, nos motivaram a amalgamar as realizações de *ter* e *haver* desses dois níveis de escolarização. Por isso, realizamos uma nova rodada no VARBRUL testando agora dois fatores para a análise da variável escolaridade, a saber, educação básica, que contém os dados dos falantes do ensino fundamental e do ensino médio, e educação superior, que contém os dados dos falantes do ensino superior, e constatamos, conforme resultados da tabela 9, que os falantes da educação básica usam quase que categoricamente *ter existencial* – 98%, indicando, assim, que, nesse nível de escolarização, quase não há a realização de *haver*.

Tabela 9 - Realizações de *ter* e *haver* na variável escolaridade

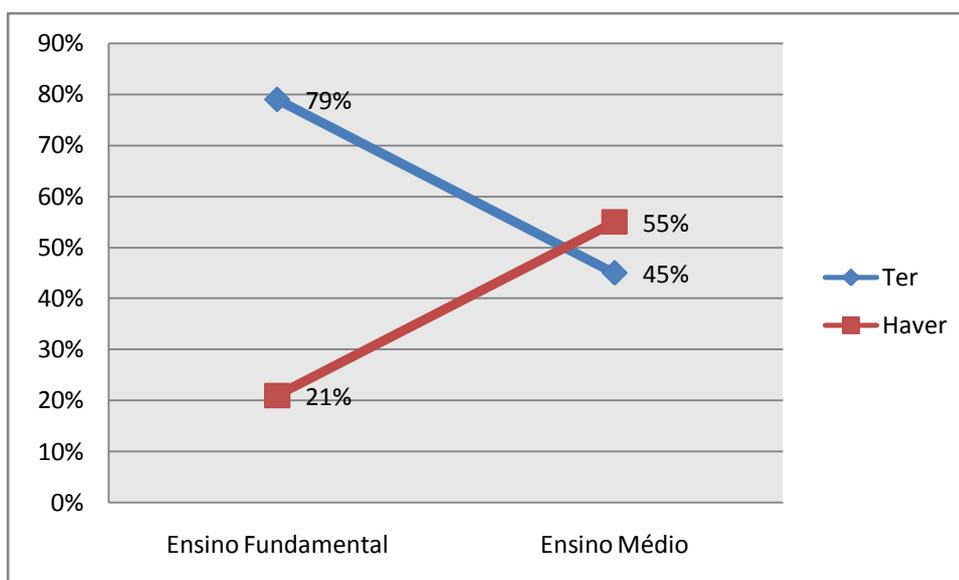
Escolaridade	Ter existencial Aplic. / Total / Perc.	Haver existencial Aplic. / Total / Perc.
Educação Básica	421 / 428 / 98%	7 / 428 / 2%
Educação Superior	314 / 344 / 91%	30 / 344 / 9%

Esses resultados mostram que são os falantes menos escolarizados que menos aplicam a variante conservadora. Os falantes da educação básica usam *haver* em apenas 2% dos casos, já os falantes da educação superior aplicam o verbo *haver* em 9% dos casos. Esses percentuais revelam um peso relativo de (0,32) para os falantes da educação básica e (0,73) para os falantes da educação superior, conforme gráfico 6, indicando que a educação básica não favorece a aplicação de *haver* e corroborando a tese de que quanto maior a escolaridade, maior o uso da forma padrão e, quanto menor a escolaridade, menor o uso da forma padrão.

A observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança. (VOTRE, 2003, p. 51).

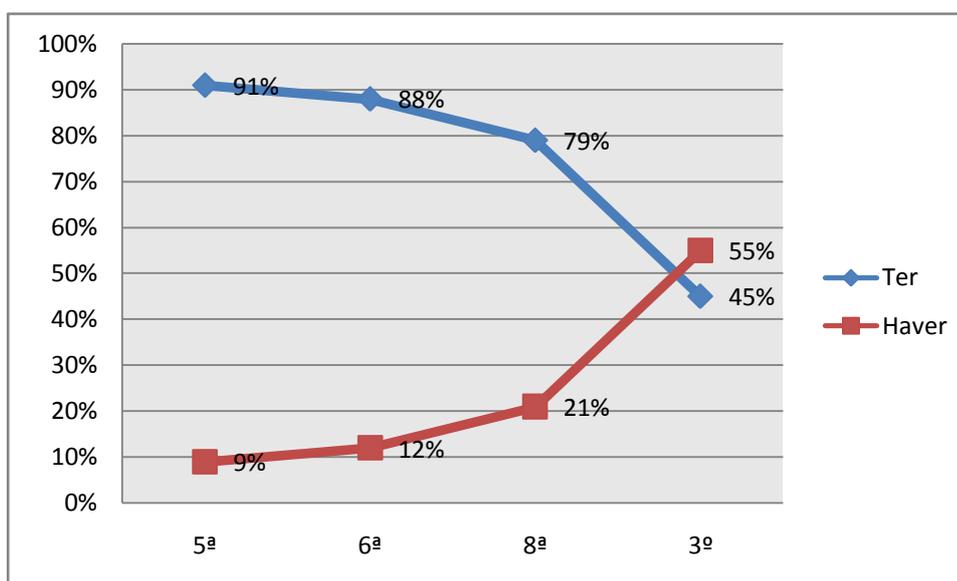
Gráfico 6 - Aplicação de *haver* na variável escolaridade

Esses dados vão na mesma direção das pesquisas de Dutra (2000) e Silva (2001), que mostram que falantes menos escolarizados são os que mais aplicam a variante *ter existencial*. Vitorio (2008) também verifica que, apesar da aplicação de *ter* ser maior do que a aplicação de *haver* no *corpus* analisado – 64% versus 36%, os alunos do ensino médio tendem a utilizar mais *haver* na língua escrita, conforme gráfico 7. O percentual de *haver* passa de 21% para 55% com o aumento do nível de escolarização dos alunos, indicando que, nas produções textuais dos alunos do ensino médio, há mais realizações de *haver existencial*.

Gráfico 7 - Realizações de *ter* e *haver* na variável escolaridade na escrita de Maceió

O papel do nível de escolarização nas realizações de *haver existencial* é ainda mais evidente ao compararmos os resultados de Vitória (2006; 2008). De acordo com o gráfico 8, verificamos que o acesso às regras gramaticais é determinante na escolha das variantes *ter* e *haver* em contextos existenciais, principalmente no uso da variante *haver existencial*, pois, com o aumento da escolarização dos alunos, o percentual da variante conservadora tende a aumentar na língua escrita, passando de 9% para os alunos da 5ª série para 55% para os alunos do 3º ano, ou seja, com o aumento do nível de escolarização, o uso da variante inovadora *ter existencial* tende a diminuir nos textos escritos analisados.

Gráfico 8 - Realizações de *ter* e *haver* na variável escolaridade na língua escrita



Na verdade, esses resultados mostram que, até certo ponto, há uma interferência da escola quanto ao uso de *haver*, pois à medida que o nível de escolarização aumenta, o uso de *haver existencial* tende a aumentar nos textos escritos. No entanto, são necessários muitos anos de escolarização para que o aluno use as regras prescritas pela escola. Esses dados parecem indicar não só que as produções textuais dos alunos das séries iniciais refletem a gramática adquirida durante o processo de aquisição da linguagem, em que essas crianças ainda não foram afetadas de maneira significativa pela escola, como também que há uma participação decisiva da escola no uso que se faz das variantes *ter* e *haver existenciais* na língua escrita, exercendo, portanto, um papel preponderante na recuperação e manutenção de *haver existencial*. (VITÓRIO, 2010, p. 85-86).

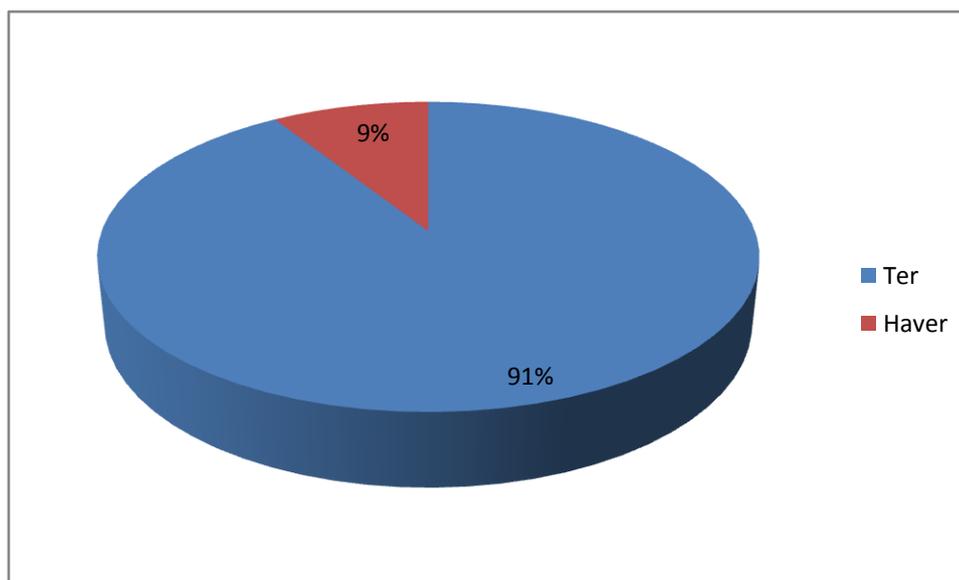
Ainda com o objetivo de testar a atuação da variável escolaridade nas realizações dessas variantes linguísticas, realizamos uma análise comparativa das ocorrências de *ter* e *haver* em construções existenciais em dados de fala e de escrita, com o intuito não só de analisar as realizações dessas formas verbais nessas duas modalidades de uso da língua, mas

também de verificar qual a atuação do nível de escolarização no uso de *ter* e *haver* na fala e na escrita da comunidade em estudo.

Para a implementação desta análise, consideramos duas amostras diferenciadas. A primeira, referente aos dados de língua escrita, faz parte do trabalho de Vitório (2008) e a segunda, referente aos dados de língua falada, é composta pelas produções linguísticas coletadas para o desenvolvimento desta pesquisa. Como o nosso objetivo é verificar a atuação da escolaridade nas realizações dessas formas verbais na fala e na escrita, comparando os dados de fala aqui coletados com os dados de escrita coletados por Vitório (2008), consideramos, nesta análise, apenas as aplicações de *ter* e *haver* realizadas pelos falantes do ensino fundamental (doravante EF) e do ensino médio (doravante EM).<sup>68</sup>

Ao todo, analisamos 536 construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver*, que estão divididas em 490 realizações de *ter existencial* e 39 realizações de *haver existencial*. Esses resultados nos mostram percentuais de 91% de uso de *ter* contra apenas 9% de uso de *haver*, conforme gráfico 9, corroborando, assim, não só os dados, até aqui, analisados que apontam a preferência dos falantes alagoanos pelo uso de *ter* em construções existenciais, mas também os estudos sociolinguísticos que mostram a preferência dos falantes pelo uso de *ter existencial* nos dialetos do português do Brasil.

Gráfico 9 - Percentuais de *ter* e *haver* existenciais



<sup>68</sup> A exclusão das ocorrências de *ter* e *haver existenciais* realizadas pelos falantes do ensino superior não descarta a possibilidade de, futuramente, analisarmos como essas formas verbais se comportam em dados de fala e de escrita nesse nível de escolarização.

No entanto, duas perguntas emergem para possíveis interpretações dos dados: o que esses percentuais representam em termos de língua falada e de língua escrita? Qual a interferência do nível de escolarização dos falantes nas realizações dessas variantes nessas duas modalidades de uso da língua?

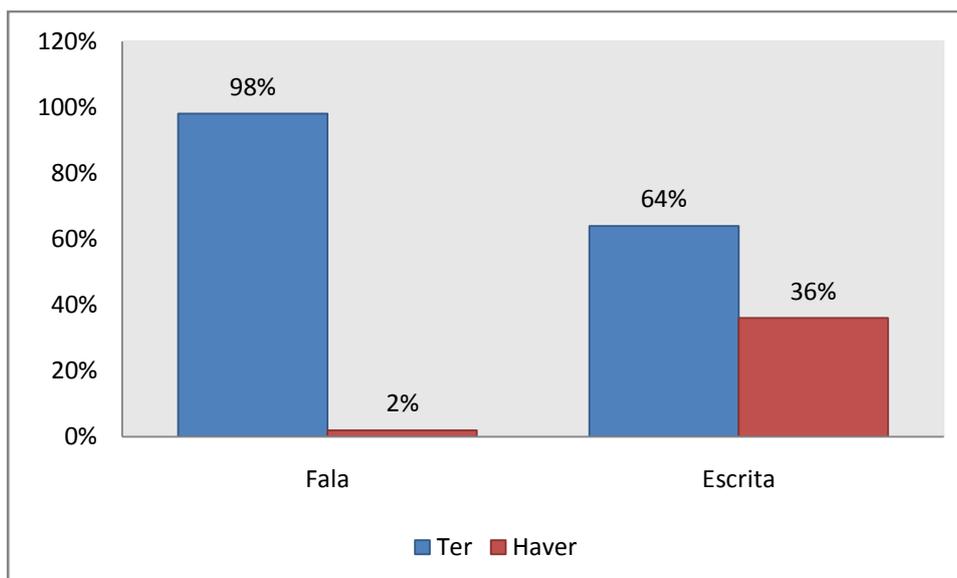
Ao analisarmos as realizações de *ter* e *haver* tanto na língua falada quanto na língua escrita, obtivemos os seguintes dados:

Tabela 10 - Realizações de *ter* e *haver* na fala e na escrita

Modalidade de uso da língua	Ter existencial	Haver existencial
	Aplic. / Total / Perc.	Aplic. / Total / Perc.
Língua falada	421 / 428 / 98%	7 / 428 / 2%
Língua escrita	69 / 108 / 64%	39 / 108 / 36%

Na língua falada, obtivemos 428 realizações de *ter* e *haver*, divididas em 421 realizações de *ter existencial* contra apenas 7 realizações de *haver existencial*, gerando percentuais de 98% e 2%, respectivamente. Já na língua escrita, obtivemos 108 realizações de *ter* e *haver*, que representam 69 realizações de *ter* e 39 realizações de *haver*, gerando percentuais de 64% e 36%, respectivamente, conforme ilustramos no gráfico 10.

Gráfico 10 - Percentuais de *ter* e *haver* na fala e na escrita



Esses dados já revelam uma diferença na aplicação desses verbos na fala e na escrita, pois enquanto aquela apresenta um uso quase categórico de *ter existencial* – 98%, esta

apresenta uma redução no uso dessa variante e, conseqüentemente, um aumento no uso de *haver existencial*, que passa de 2% na língua falada para 36% na língua escrita. No entanto, constatamos que ainda é o uso da variante inovadora que predomina tanto na fala quanto na escrita, indicando que há, de fato, uma preferência dos falantes pelo uso de *ter existencial*.

Ao considerarmos a escrita como a principal marca da escolaridade, nos questionamos: em que medida, a escola, atuando como uma das formas conservadoras da língua, consegue recuperar o uso de *haver existencial*? O que verificamos é que mesmo com a imposição das normas gramaticais que prescrevem o uso de *haver*, principalmente, na língua escrita, é o verbo *ter* que predomina nessas duas modalidades de uso da língua, opção já licenciada pela gramática internalizada dos falantes, conforme pontua Vitório (2010).

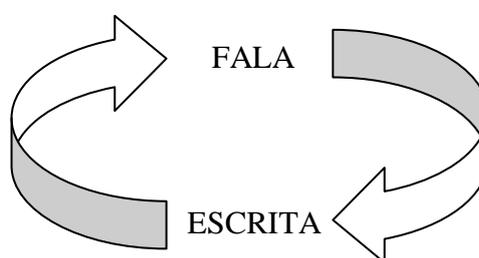
Esses dados nos permitem supor não só que, no âmbito da gramática nuclear das crianças aqui analisadas, a variação *ter/haver existenciais* é quase nula, como também que a criança acionou a mudança na direção de *ter existencial* e que a escola tenta reverter essa inovação através do processo de ensino/aprendizagem. A ideia que defendemos é a de que o verbo *haver existencial* provavelmente só deva ser adquirido realmente quando a criança entra em contato com a aprendizagem da língua escrita. (VITÓRIO, 2010, p. 61).

Isso evidencia não só a resistência desses falantes em utilizar o verbo *haver* em construções existenciais, pois, segundo Vitório (2010, p. 60), “*haver existencial* parece não fazer mais parte da gramática internalizada dos falantes do português brasileiro, não sendo, portanto, resultado da fixação da gramática em situação natural de aquisição da linguagem”, como também revela a participação da escola em tal uso, pois “a escola procura recuperar as perdas lingüísticas, uma vez que as inovações são apropriadas para a fala, mas não para a escrita” (KATO, 2005, p. 136). No caso dessa variação, verificamos que o uso de *ter* é tão significativo que a escola não consegue barrá-lo, indicando que “embora a escrita seja um repositório de formas conservadoras, nem todo fóssil lingüístico é mantido como norma gramatical” (KATO, 1999, p. 3).

Para a análise da atuação da escolaridade nessas duas modalidades de uso da língua, partimos do pressuposto de que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais a forma padrão tanto na fala quanto na escrita. Schwindt et al (2007), ao analisarem a influência da variável escolaridade em alguns fenômenos fonológicos variáveis, que, tradicionalmente, são entendidos como “vindos de baixo”, ou seja, abaixo do nível de consciência social, argumentam que “embora a escrita seja alimentada pela fala, já que aquela é, em princípio, uma mera representação desta, há um estágio de pós-letramento, em que a fala passa a sofrer

influências do código escrito” (p. 10), gerando no comportamento linguístico dos falantes a relação de que quanto maior o seu nível de escolarização, maior é o uso de variante padrão.

Para explicar estas relações de alimentação e retroalimentação entre fala e escrita detectadas em alguns fenômenos linguísticos fonológicos variáveis, como o rotacismo (AMARAL, 2002), a síncope (COSTA, 2006), a epêntese vocálica (COLLISCHONN, 2003), a harmonia vocálica (SCWINDT, 2002), os autores apresentam o esquema abaixo, adaptado de Kato (2003, p. 11), que argumenta que “[...] na fase inicial, é a escrita que tenta representar a fala – o que faz de forma parcial – e, posteriormente, é a fala que procura simular a escrita, conseguindo-o também parcialmente”.



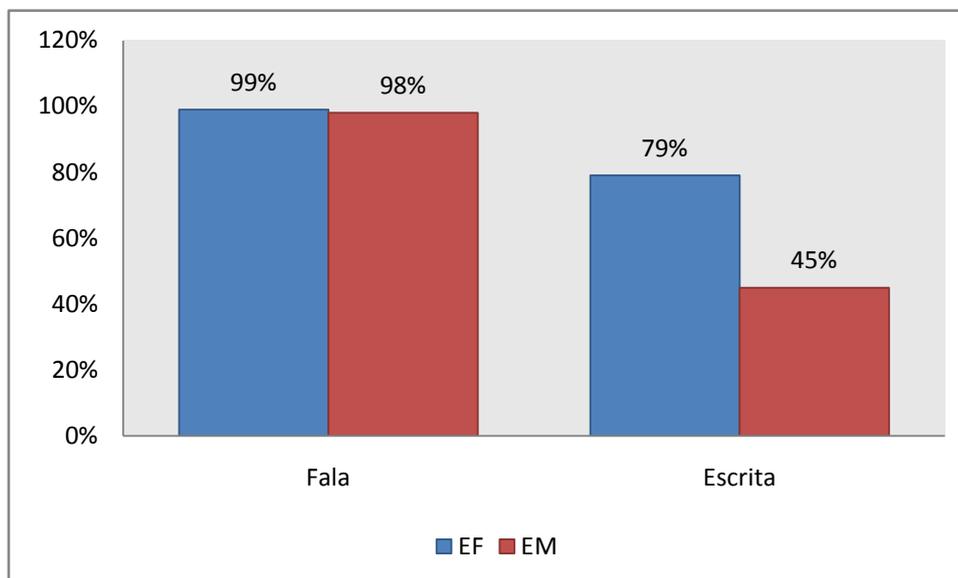
O esquema acima deve ser lido em sentido horário. Assim, o ponto de partida é a fala em seu estágio de pré-letramento. A seta à direita representa a hipótese tradicional de que a fala é a motivadora inicial da escrita. Esse contato, todavia, produz um padrão de retroalimentação, isto é, a escrita influencia a fala, reconfigurando-a – é o que indica a seta posicionada à esquerda da figura. (SCHWINDT et al, 2007, p. 4).

Dessa forma, verificaremos se, com o aumento do nível de escolarização dos falantes, o uso da variante *ter existencial* tende a diminuir tanto na língua falada quanto na língua escrita. Nossa hipótese básica, ao considerar o argumento acima proposto, é a de que os falantes do EF simularão a fala na escrita, produzindo com mais frequência *ter existencial* nessas duas modalidades de uso da língua, já os falantes do EM farão o processo inverso, simulando a escrita na fala e produzindo, dessa forma, menos a variante inovadora *ter existencial* tanto na fala quanto na escrita.

De acordo com dados obtidos, conforme gráfico 11, observamos que, na língua escrita, o uso *ter existencial* decresce à medida que aumenta o nível de escolarização dos falantes, passando de 79% para os informantes do EF para 45% para os informantes do EM, mostrando, dessa forma, que, no EM, há mais realizações de *haver existencial*. Tais dados constituem uma evidência positiva da influência que a escola exerce no uso linguístico desses falantes. No entanto, ao analisarmos os dados da língua falada, verificamos que tal influência escolar não ocorre, uma vez que os falantes, tanto do EF quanto do EM, apresentam o mesmo

comportamento linguístico no uso dessas formas verbais, mostrando, assim, uma realização quase categórica da variante inovadora – 99% e 98%, respectivamente.

Gráfico 11 - Atuação da variável escolaridade na realização de *ter* em dados de fala e de escrita



De acordo com esses dados, verificamos que o papel retroalimentador da escrita não ocorre nos dados analisados, pois, com o aumento do nível de escolarização dos falantes, não há, na língua falada, como esperávamos, a supressão da variante *ter*, caso que registramos nos dados da língua escrita. O que nos surpreende é que, embora, na escrita, os falantes utilizem com maior frequência *haver existencial*, o que nos leva a concluir que os falantes recuperam quantitativamente o uso da variante conservadora, na fala tal recuperação não ocorre, indicando que, nesses dois níveis de escolarização, a atuação da escola é nula.

Dessa forma, nos perguntamos: se o nível de escolarização é um fator importante no condicionamento desta variação linguística, indicando que quanto maior é a escolarização dos falantes, maior é a realização de *haver existencial*, por que, na língua falada, tal relação não se aplica, ou seja, por que, na fala, o comportamento linguístico dos falantes dos EF e EM não se altera, discordando, dessa forma, do esquema acima proposto.

Uma possível explicação para tal comportamento linguístico pode estar relacionada ao fato de que a variação em estudo não carrega, no português brasileiro, estigma social, caso que não ocorre com alguns fenômenos linguísticos variáveis estigmatizados, tais como a síncope (AMARAL, 2002), o rotacismo (COSTA, 2006) e a concordância verbal (SANTOS, 2010). De acordo com esses estudos, à medida que o nível de escolarização dos falantes aumenta, as realizações das variantes não padrão tendem a diminuir na língua falada, pois

“estas formas estigmatizadas são registradas como erro em gramáticas escolares e são alvos da ação normativa da escola e de rejeição da comunidade discursiva” (COSTA, 2006, p. 94).

E a realização de fenômenos linguísticos variáveis não estigmatizados, como a variação *nós* e *a gente* (OMENA, 1996), a epêntese vocálica (COLLISCHONN, 2003) e a harmonia vocálica (SCHWINDT, 2002), em que as ocorrências das variantes não padrão tendem a diminuir, na língua falada, com o aumento da escolarização dos falantes?

Uma outra possível explicação para os nossos dados pode estar relacionada à mudança linguística, ou seja, na comunidade de fala alagoana, argumentamos que a realização de *ter* e *haver* em construções existenciais se encontra em um processo de mudança em progresso, uma vez que o uso da variante inovadora apresenta percentuais acima de 90%, conforme expomos nos gráficos 1 e 9. Dessa forma, a realização de *haver existencial*, na língua escrita, estar relacionada ao conservadorismo linguístico a que tende essa modalidade de uso da língua, o que nos leva a concluir que, em termos de língua escrita, a atuação escolar recupera o uso da variante conservadora *haver*, pois o aumento de sua frequência é produto da intervenção escolar, do contato dos falantes com a escrita e do gênero textual utilizado na elaboração dos textos escritos, caso que não ocorre nos dados de fala analisados.

A quase não aplicação de *haver existencial* na língua falada, sua substituição por *ter existencial*, que é também utilizado na língua escrita e a semelhança do comportamento linguístico dos falantes do EF e do EM no uso dessas variantes na fala alagoana, nos leva a argumentar que, na comunidade estudada, a variação *ter* e *haver* em construções existenciais se encontra em um processo de mudança na direção de *ter*, que ameaça a sobrevivência de *haver* na língua falada e implementa nos textos escritos, como (137), uma forma linguística não prescrita pela tradição gramatical, mas que é a forma preferida dos usuários da língua.

(137) *Há* uma grande necessidade de saber a língua Portuguesa, pois esta relacionada na vida do brasileiro e do Português. Contudo, *tem* várias formas de reprodução e apresentação, dependendo assim, do local onde é pronunciada. Basicamente, estudá-la seria o princípio para sabermos a verdadeira forma de falar o Português. Algumas “gírias” faladas em determinados lugares ganha um certo desprezo, por pessoas de outras regiões e nações. Mas *há* uma determinada matéria da língua Portuguesa que estuda as formas de falar-se o português [...]. (3N71M)

O que constatamos é que, os falantes, ao usarem *ter existencial* na escrita, transferem o seu conhecimento gramatical da fala para a escrita e é a submissão às regras gramaticais que

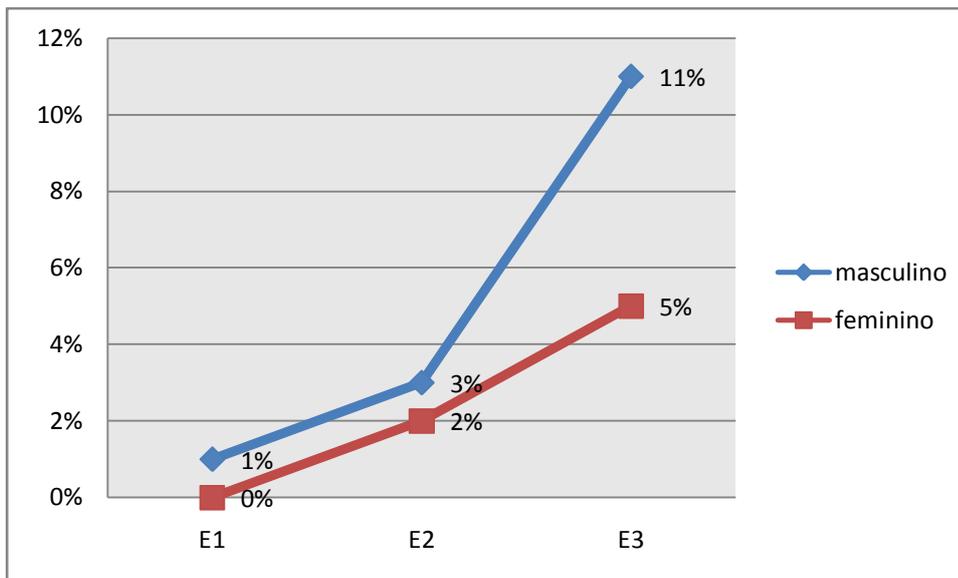
faz com que *haber existencial*, quase ausente em dados de língua falada, apareça na língua escrita e aumente o seu percentual de uso na medida em que aumenta o nível de escolarização dos falantes, chegando a superar a realização de *ter existencial* na escrita dos alunos do EM, mostrando, assim, produções escolares recheadas por uma mistura de formas variantes.

A criança que já passou pelo processo de aquisição, vem para a escola com um conhecimento gramatical de língua nativa (Língua-I) pronto e, muitas vezes, ao chegar à escola, é apresentada a formas que não correspondem àquelas que ela adquiriu. Mesmo diante de formas diferentes, a criança vai utilizar o conhecimento de que já dispõe e a escola vai tentar reprimir esse uso através das correções, pois ele não condiz com aquele exigido pela Gramática Normativa (GN) para a escrita. Como consequência, teremos produções escritas recheadas por uma mistura de formas que reflete o conhecimento da gramática que o aluno traz para a escola (sua gramática-I) e das regras que lhe são ensinadas durante o processo de ensino-aprendizagem. (MAGALHÃES, 2000, p. 43).

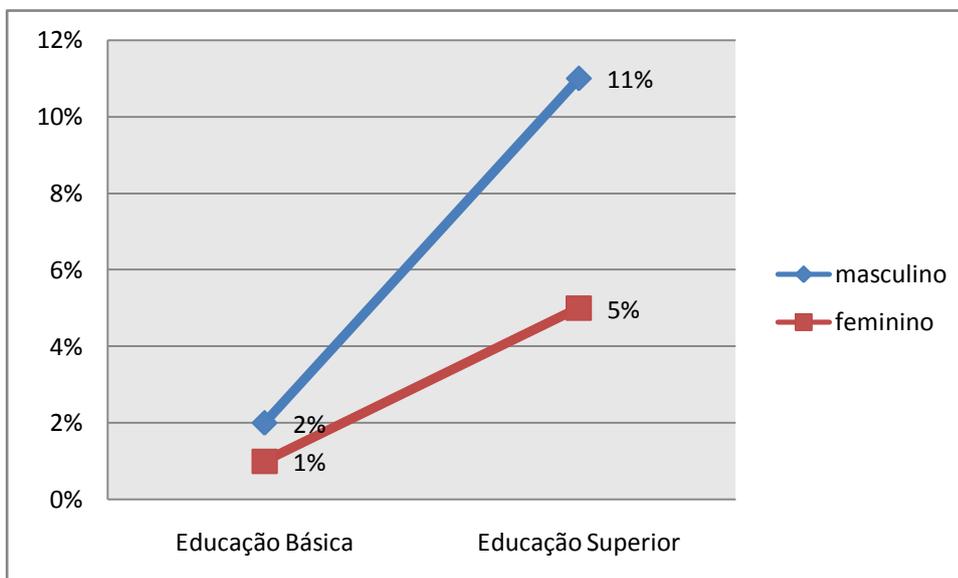
Essa constatação nos mostra que, diferentemente do que ocorre na língua falada, em que quase não há a realização dessa variação linguística, na língua escrita, há a competição dessas formas verbais, que é gerada pelo conhecimento gramatical, que objetiva, no processo de ensino/aprendizagem, segundo Kato (1996, 1999, 2005), recuperar as perdas linguísticas, fazendo surgir, dessa forma, na língua escrita, categorias linguísticas quase ausentes em dados de língua falada, como mostram Corrêa (1991) e Magalhães (2000), ao analisarem, respectivamente, as realizações do clítico acusativo e do sujeito nulo.

Ainda com o intuito de checar a atuação da variável escolaridade nas realizações de *ter* e *haber existenciais* na fala alagoana, cruzamos as variáveis escolaridade e sexo e constatamos não só que, em ambos os sexos, quanto mais escolarizado o falante, maior é a aplicação de *haber*, como também que são os falantes do sexo masculino que mais aplicam a variante *haber existencial*, conforme gráfico 12.

Esses resultados confirmam os dados anteriores de que a implementação da variante *ter existencial* na fala alagoana é mais acentuada entre os falantes do sexo feminino, pois *haber existencial* apresenta, entre as mulheres, apenas 5% do total de aplicação *versus* 11% de aplicação para os falantes do sexo masculino. Os dados também mostram que há uma semelhança no comportamento linguístico dos falantes de ambos os sexos nas E1 e E2, apontando que a maior diferença na aplicação de *haber* está entre os falantes da E3, principalmente entre os homens, que mais utilizam o verbo *haber existencial*.

Gráfico 12 - Percentuais de *haver* nas variáveis sexo e escolaridade

Esse padrão de variação também é confirmado na amalgamação dos dados da E1 (ensino fundamental) e da E2 (ensino médio), considerados agora como educação básica *versus* educação superior, conforme gráfico 13. Os dados apontam que, entre os falantes da educação básica, há um uso quase categórico de *ter existencial*, pois *haver* apresenta percentuais de 1% e 2% para os falantes dos sexos feminino e masculino, respectivamente, contrário ao que ocorre nos dados dos falantes da educação superior, em que *haver* apresenta percentuais de 5% para as mulheres e 11% para os homens, confirmando, assim, a importância da escolarização na manutenção de *haver existencial* na fala alagoana.

Gráfico 13 - Percentuais de *haver* nas variáveis sexo e escolaridade

O que verificamos nos gráficos 12 e 13 é que, com o aumento do nível de escolarização dos falantes de ambos os sexos, há uma redução na frequência de *ter existencial* e, conseqüentemente, um aumento no uso de *haver existencial*. Esse aumento nos leva a argumentar que há um efeito positivo da atuação da variável escolaridade sobre a variação *ter/haver existenciais* na fala alagoana, ainda que indireto, tendo em vista a insensibilidade do fenômeno à avaliação social e, com isso, ao quase não monitoramento dos usuários da língua ao usar essas formas verbais na língua falada e o baixo percentual de *haver*, principalmente, entre os falantes menos escolarizados.

#### 4.3.2 Tempo verbal

O tempo verbal foi o primeiro fator linguístico selecionado como condicionante na variação em estudo e a segunda variável independente selecionada pelo VARBRUL como estatisticamente significativa. Para a nossa análise, trabalhamos com os fatores tempo passado e tempo presente, e pressupomos que as formas verbais expressas no tempo passado são mais favoráveis à manutenção de *haver existencial*, como (138) e (139), por se apresentarem como verbos típicos de narração e por serem morfologicamente mais marcados.

(138) *houve* um imprevistozinho e num deu pra gente ir (L19L2797)

(139) não *havia* necessidade de tirá de removê elas dali intendeu? (L47L6080)

Na tabela 11, estão os resultados numéricos desta variável, cujo total, com 772 ocorrências de *ter* e *haver existenciais*, está distribuído em 153 ocorrências para o verbo no tempo passado e 619 ocorrências para o verbo no tempo presente.

Tabela 11 - Realizações de *ter* e *haver* na variável tempo verbal

Tempo verbal	Ter existencial Aplic. / Total / Perc.	Haver existencial Aplic. / Total / Perc.
Passado	135 / 153 / 88%	18 / 153 / 12%
Presente	600 / 619 / 97%	19 / 619 / 3%

De acordo com os dados obtidos, verificamos que os percentuais de *ter existencial* são de 88% para o tempo passado e 97% para o tempo presente, enquanto que os percentuais de *haver existencial* são de 12% para tempo passado e 3% para tempo presente, confirmando,

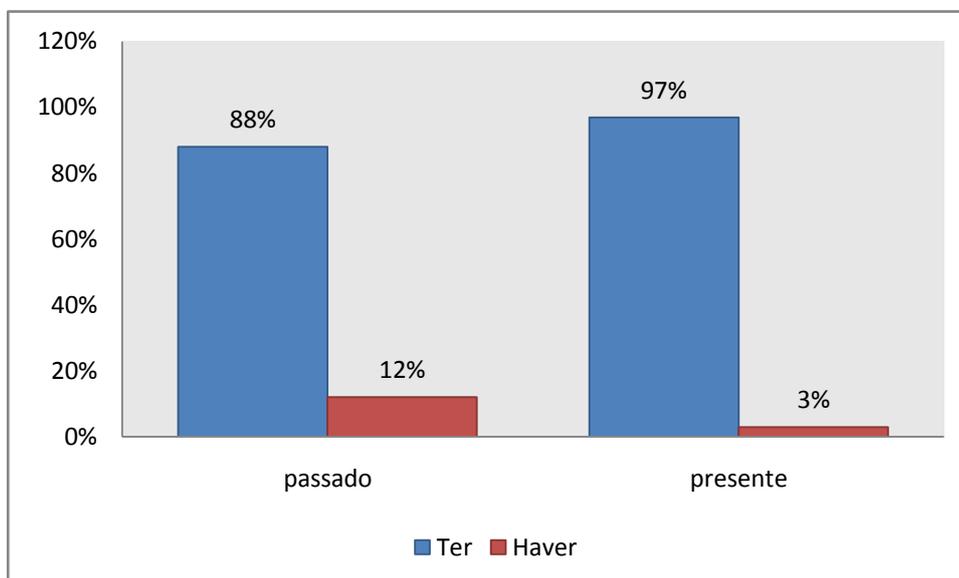
assim, a nossa hipótese básica de que os verbos no tempo passado são mais favoráveis à aplicação de *haver*, como (140) e (141).

(140) intão *houve* momentos aqui muitos difíceis na cidade – (L31L4148)

(141) foi – eu fazia hidroginástica e:: comecei a sentir um mal estarzinho aí – sim – como já *havia* o histórico da família porque a minha mãe já tinha feito aí os médicos acharam melhor investigá né? (L54L6817)

Os percentuais desta variável revelam que *ter existencial* é o verbo preferido tanto em construções com o verbo no tempo passado quanto em construções com o verbo no tempo presente, conforme ilustramos no gráfico 14. No entanto, no tempo presente, verificamos que há um uso quase categórico de construções existenciais formadas com o verbo *ter* – 97%, como (142) e (143), *versus* 88% de construções com *ter* no tempo passado, como (144) e (145), mostrando ser o tempo presente bem mais favorável à aplicação da variante *ter existencial* do que o tempo passado.

Gráfico 14 - Percentuais de *ter* e *haver* na variável tempo verbal



(142) hoje *tem* mais pessoal qualificado (L47L6016)

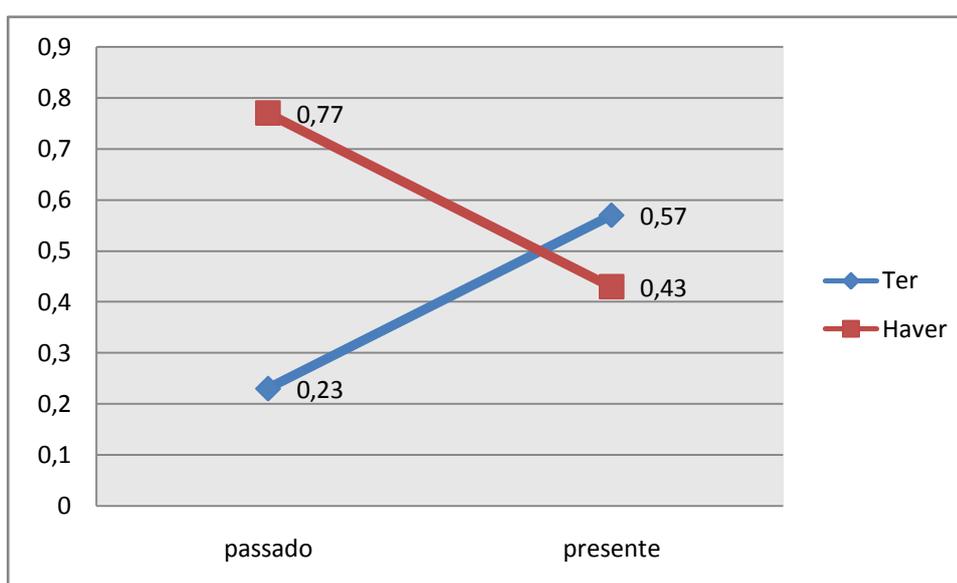
(143) sempre *tem* alguma coisa assim (L23L3274)

(144) quando minha mãe chegô aqui pra morá só *tinha* quatro casinha (L11L1554)

(145) – não – no tempo que eu estudei era um colégio calmo tranquilo bom de estudá – num era num *tinha* tanta maloqueragem como hoje (L17L2489)

Analisando as aplicações de *ter* e *haver* no fator tempo verbal, conforme ilustramos no gráfico 15, confirmamos que o verbo *haver existencial* tende a ser mais utilizado quando o verbo está no tempo passado, com peso relativo de (0,77), enquanto que o tempo presente é mais inibidor de tais ocorrências, com peso relativo de (0,43), favorecendo, assim, mais o uso de *ter existencial*, que apresenta um peso de (0,57), enquanto que *ter existencial* apresenta, no tempo passado, um peso relativo de (0,23). Esses pesos relativos revelam que o verbo *ter* é, de fato, mais favorecido pelo tempo presente.

Gráfico 15 - Aplicações de *ter* e *haver* na variável tempo verbal



Esses resultados vão na mesma direção das afirmações de Callou e Avelar (2000), Silva (2001) e Vitória (2008, 2011b) que mostram que sentenças no tempo presente tendem a favorecer mais a aplicação de *ter* em construções existenciais, enquanto que *haver* é mais aplicado quando o verbo é expresso com valor de passado, indicando, dessa forma, o tempo verbal no passado como um fator linguístico que ainda preserva muito o uso de *haver* em construções existenciais nos dialetos do português brasileiro.

Vitório (2011b), ao analisar as realizações de *ter* e *haver* em construções existenciais na fala de informantes maceioenses, também observa que *ter* apresenta um percentual maior de uso tanto no tempo presente quanto no tempo passado, embora o passado seja mais favorável à aplicação de *haver*. Um fato pontuado pela autora é que, nos dados das informantes menos escolarizadas, só há realizações de *haver* no tempo passado com o sentido de ocorrer/acontecer, levando-a a formular a hipótese de que, nesse nível de escolarização, *haver* ainda não é utilizado com o sentido de existir, conforme relata Avelar (2006, p. 49).

Vou iniciar este artigo descrevendo duas experiências pessoais que ilustram o (ainda pouco compreendido) percurso do verbo *haver* no português brasileiro. Uma das experiências remonta à pergunta de um aluno numa turma de ensino médio para a qual eu ministrava aulas de gramática: “Como se conjuga o verbo *houver* no presente do indicativo?”. O aluno se surpreendeu com a informação de que *houver* faz parte da conjugação de *haver* no futuro do subjuntivo e que, no presente do indicativo, é usado como em *há muitos verbos esquisitos na língua*. Para ele, *haver* e *houver* eram itens de significados diversos: “Se digo há, estou dizendo que algo existe; se digo *houve*, estou dizendo que algo aconteceu. Se *existir* e *acontecer* são diferentes, por que *haver* e *houver* são um mesmo verbo?”.

Ao cruzarmos as variáveis tempo verbal e escolaridade, verificamos que os dados analisados vão na mesma direção dos dados analisados por Vitório (2011b), pois, de acordo com os resultados da tabela 12, observamos que os falantes menos escolarizados, ou seja, os falantes da E1 só realizam *haver existencial* uma única vez e essa realização se dá no tempo passado e com a denotação de ocorrer/acontecer, conforme exemplo (146), indicando, assim, que, nesse nível de escolarização, ainda não houve a incorporação de *haver* significando a existência de alguém ou de alguma coisa, mas sim significando ocorrer/acontecer.

Tabela 12 - Realizações de *haver* nas variáveis tempo verbal e escolaridade

Tempo Verbal	E1	E2	E3
	Aplic / Total / Perc	Aplic / Total / Perc	Aplic / Total / Perc
Passado	1 / 18 / 2%	2 / 18 / 4%	15 / 18 / 25%
Presente	0 / 19 / 0%	4 / 19 / 2%	15 / 19 / 5%

(146) – eu ia no final de ano /mais, mas/ *houve* um imprevistozinho e num deu pra gente ir /mais, mas/ a gente tá se reunindo aí pra no carnaval aparecê (L19L2797)

Com o aumento do nível de escolarização dos falantes, verificamos que a frequência de uso de *haver* no tempo passado tende a aumentar, passando de 2% para os falantes da E1, 4% para os falantes da E2 e 25% para os falantes da E3, mostrando que, na E3, há realizações de *haver existencial* não só com o sentido de ocorrer/acontecer, como (147) e (148), mas também com o sentido de existir, como (149) e (150).

(147) – *houve* uns dois crimes aí que chocaram um pouco (L31L4242)

(148) – já *houve* roubo a estudantes por aí (L56L7060)

(149) não *havia* necessidade de tirá de removê elas dali – entendeu? (L47L6083)

(150) – como já *havia* o histórico da família porque a minha mãe já tinha feito – aí os médicos acharam melhor investigá né? (L54L6817)

Esses dados não só reforçam a ideia de que os fatores tempo passado e E3 são mais favoráveis à aplicação de *haver existencial* na comunidade estudada, como também indicam que *haver* com o sentido único de existir só é adquirido, de fato, durante o processo de escolarização, tendo em vista que um dos objetivos do ensino de língua materna é ensinar também a norma padrão e sua relação com a língua escrita, procurando “recuperar as perdas lingüísticas, uma vez que as inovações são apropriadas para a fala, mas não para a escrita” (KATO, 2005, p 136), pois, de acordo com os nossos resultados, verificamos que, nos dados dos falantes menos escolarizados, não há a realização da variante padrão *haver existencial*.

#### 4.3.3. Faixa etária

Considerada a terceira variável estatisticamente significativa na variação em estudo, a faixa etária se caracteriza como um grupo de fatores de grande relevância para o estudo sociolinguístico, pois torna possível o esboço do estágio que uma regra variável desempenha, em tempo aparente, dentro do sistema linguístico. Através desta variável, que mostra o grau de diferenciação entre os falantes segundo a idade, é possível rastrear o curso da mudança.

O estudo da mudança no tempo aparente está baseado no pressuposto de que diferenças lingüísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos, quando outros fatores se mantêm constantes. O comportamento lingüístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho lingüístico dos falantes de faixas etárias mais avançadas (PAIVA; DUARTE, 2003, p. 14).

Estudos sociolinguísticos realizados com esta variável (LABOV, 2008; CHAMBERS, 2002) indicam que, com o aumento da faixa etária, os falantes tendem a apresentar um maior conservadorismo linguístico, dando preferência ao uso das formas padrão, enquanto que os falantes mais jovens tendem ao emprego de formas não-padrão por estarem mais propensos à utilização de variantes inovadoras. Labov (1996) também argumenta que é possível detectar a direção geral para a mudança se, num estudo sociolinguístico, estratificarmos a amostra da comunidade de fala em diferentes faixas etárias.

Dessa forma, se *ter existencial* é a variante mais utilizada pelos falantes alagoanos para expressar a existência de algo, objetivamos analisar se a aplicação dessa variante é maior

entre os falantes mais jovens. Para tanto, dividimos nossa variável em três fatores – F1(15-29 anos), F2(30-44 anos) e F3(acima de 44 anos) e partimos do pressuposto de que a frequência de *ter existencial* é maior entre os falantes mais jovens, decrescendo o seu percentual de uso à medida que aumenta a faixa etária dos falantes, indicando, assim, que a variação *ter* e *haver* em construções existenciais na fala alagoana se encontra em um processo de mudança.

De acordo com os dados da tabela 13, verificamos que o verbo *ter existencial*, como (151) e (152), apresenta percentuais de aplicações de 99% para os falantes da F1, 94% para os falantes da F2 e 92% para os falantes da F3. O verbo *haver existencial*, como (153) e (154), por sua vez, apresenta percentuais de uso de 1% para os falantes da F1, 6% para os falantes da F2 e 8% para os falantes da F3, indicando, dessa forma, a preferência dos falantes alagoanos pelo uso do verbo *ter* em construções existenciais.

Tabela 13 - Realizações de *ter* e *haver* na variável faixa etária

Faixa etária	Ter existencial Aplic. / Total / Perc.	Haver existencial Aplic. / Total / Perc.
F1	251 / 253 / 99%	2 / 253 / 1%
F2	239 / 253 / 94%	14 / 253 / 6%
F3	245 / 266 / 92%	21 / 266 / 8%

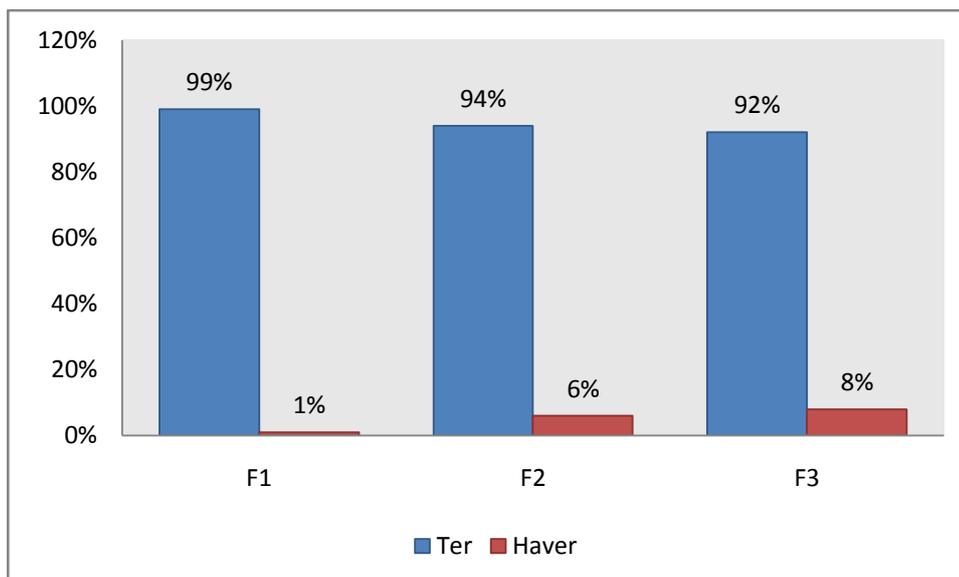
(151) *tem* um bairro lá que só vive – índio né? (L4L586)

(152) *tem* um curso que eu pretendo seguir – (L5L649)

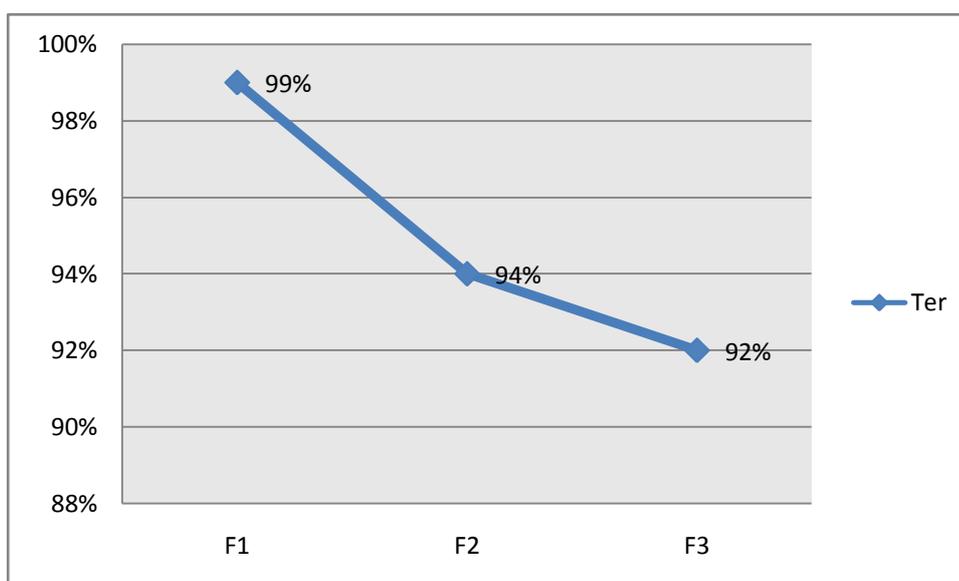
(153) *houve* momentos aqui muitos difíceis na cidade (L31L4148)

(154) Milhorô muito a parte do Centro da cidade que ali é uma obrigação tinha que sê feito de qualquer forma /mais, mas/ *há* alguns cantos que poderia sê:: (L31L4159)

Esses percentuais mostram não só que são os falantes da F1 que mais utilizam o verbo *ter* em construções existenciais, apontando, assim, um uso quase que categórico dessa variante – 99% nessa faixa etária, como também que, com o aumento da faixa etária dos falantes, o uso *ter* tende a diminuir na comunidade de fala alagoana. Com relação à aplicação de *haver*, verificamos um percentual maior de uso entre os falantes mais velhos – F3, que chegam a atingir um percentual de aplicação de 8%, enquanto que os falantes das F2 e F1 apresentam percentuais de 6% e 1%, respectivamente, conforme ilustramos no gráfico 16.

Gráfico 16 - Percentuais de *ter* e *haver* na variável faixa etária

Os percentuais de uso de *ter* e *haver* em construções existenciais não só chamam a atenção para o fato de que todas as faixas etárias já atingiram um percentual de 90% de realizações da variante inovadora *ter*, como também confirmam a nossa hipótese inicial de que o percentual de *ter existencial* tende a diminuir à medida que aumenta a faixa etária dos falantes, mostrando, dessa forma, uma representação gráfica linear, conforme gráfico 17, que, em termos labovianos, representa, claramente, uma mudança em progresso na direção de *ter existencial*, como (155), (156), (157) e (158).

Gráfico 17 - Percentuais de *ter* na variável faixa etária

(155) sempre *tem* alguma coisa pra se fazê (L6L757)

(156) *teve* uma evolução muito grande assim um melhoramente muito grande devido essas essas greves né? (L7L934)

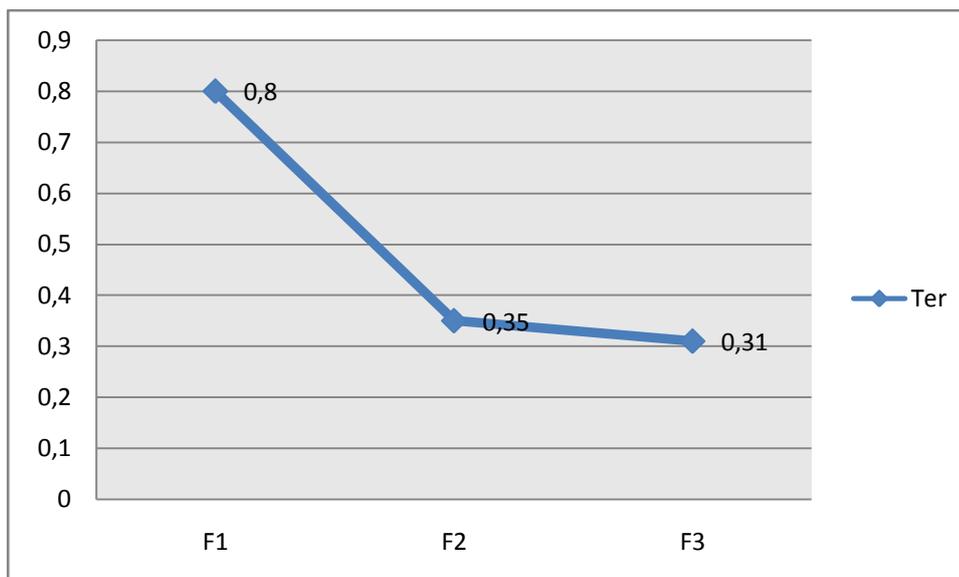
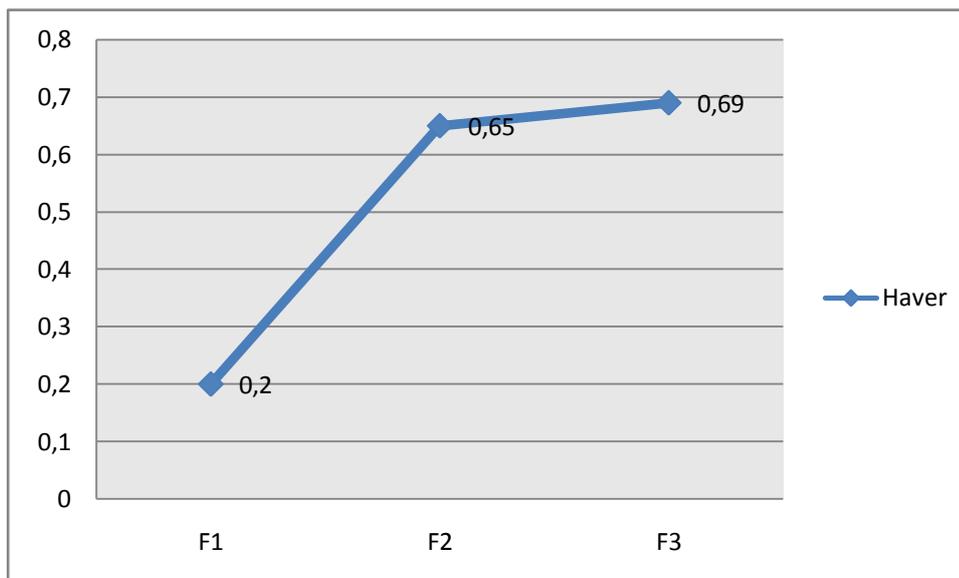
(157) *tem* aquelas pista assim com pé de árvore no meio e me levô pra banda de uns mato que *tinha* lá (L11L1599)

(158) – foi – quando chegô num *tinha* nem mais graça – só pra interrogá e botá pra lá né? (L18L2677)

Labov (1996) explica que dados em tempo aparente tendem a mostrar com frequência uma curva em que há uma caída mais aguda no uso de variantes inovadoras nos falantes de mais idade, indicando que esses falantes influem menos nas mudanças que ocorrem ao seu redor. É o que verificamos ao analisarmos, especificamente, a aplicação de *ter existencial*, que apresenta pesos relativos de (0,80) para F1, (0,35) para F2 e (0,31) para F3, conforme gráfico 18, enquanto que a variante *haver existencial* apresenta pesos relativos de (0,20) para F1, (0,65) para F2 e (0,69) para F3, conforme gráfico 19.

Apesar dos altos percentuais da variante inovadora *ter existencial* nas três faixas etárias analisadas, esses pesos relativos indicam que a F1 é a faixa que favorece a aplicação de *ter existencial* com mais intensidade, enquanto que as F2 e F3 desfavorecem a aplicação dessa variante, favorecendo, dessa forma, a aplicação da variante conservadora *haver existencial*, uma vez que “[...] um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, um valor abaixo de 0,5 indica um fator que desfavorece a regra [...]” (GUY; ZILLES, 2007, p. 41).

Esses índices não só indicam um processo de mudança linguística em curso nas realizações de *ter* e *haver* em construções existenciais na fala alagoana, pois se “o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso” (TARALLO, 2003, p. 65), como também apontam que são os falantes da F3, ou seja, os falantes mais velhos que menos aplicam a variante inovadora *ter existencial*, mostrando que essa faixa está se caracterizando mais pelo conservadorismo linguístico. Ao analisarmos a aplicação de *haver existencial* percebemos, de fato, que essa forma verbal é mais utilizada pelos falantes da F3, como peso relativo de (0,69), seguido dos falantes da F2, que apresentam um valor de aplicação de (0,65).

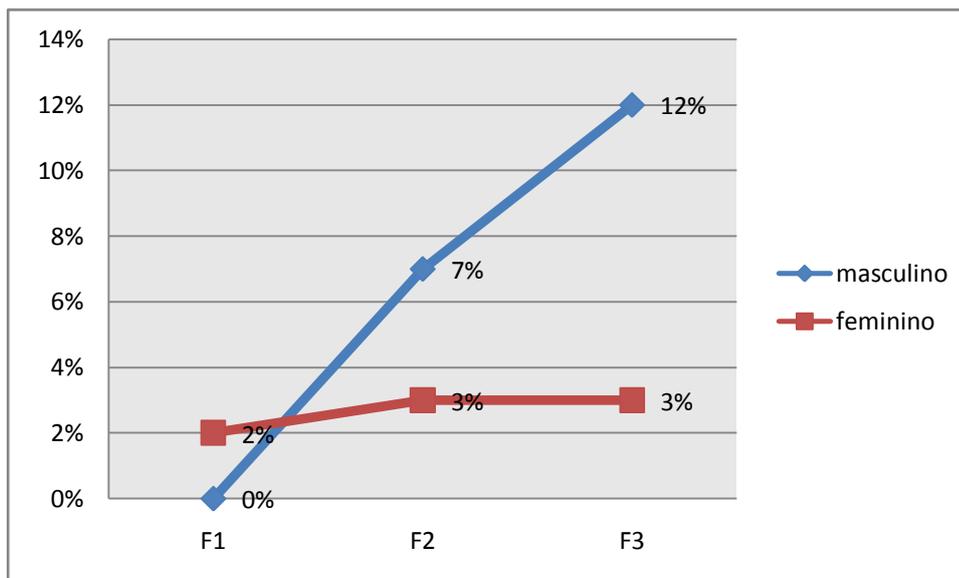
Gráfico 18 - Aplicação de *ter* na variável faixa etáriaGráfico 19 - Aplicação de *haver* na variável faixa etária

Os resultados em tempo aparente, de acordo com Labov (1996), podem ser reforçados se associarmos as diferenças etárias com o comportamento de outros fatores externos arrolados no estudo, tais como: classe social, sexo, anos de escolarização, tendo em vista que nenhum fator social pode ser tomado como autossuficiente para identificar a presença ou ausência de uma mudança. A combinação desses fatores também pode ser útil para resolver ambiguidades de estudos que não têm suporte do tempo real.

Dessa forma, com o intuito de verificarmos o comportamento linguístico dos falantes dos sexos masculino e feminino em relação à faixa etária, cruzamos essas variáveis e

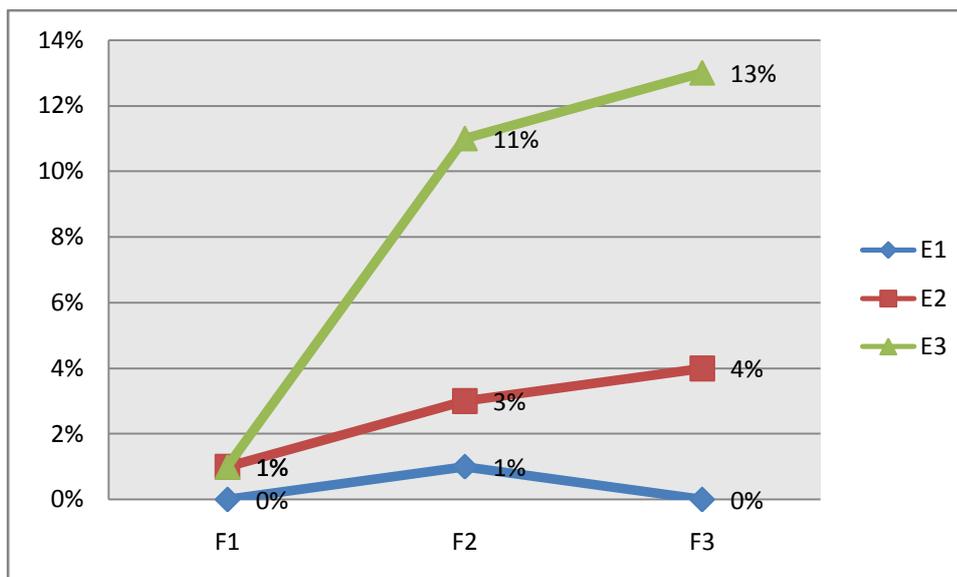
constatamos, conforme o gráfico 20, que, entre os falantes do sexo feminino das três faixas etárias, o percentual de *haver* não ultrapassa 3%, indicando que, na fala feminina alagoana, já houve a incorporação da mudança na direção de *ter existencial*. Esses resultados também mostram que a maior diferença na aplicação de *haver* está entre os falantes do sexo masculino, que, na F3, atingem um percentual de uso de 12%.

Gráfico 20 - Percentuais de *haver* nas variáveis sexo e faixa etária



Esses dados apontam que são os homens mais velhos que mais utilizam a variante *haver*. Também verificamos que homens e mulheres da F1 apresentam grande semelhança de comportamento linguístico, enquanto que homens e mulheres das F2 e F3 apresentam diferenças mais notáveis, com 3% de uso de *haver* para as mulheres das F2 e F3 contra 7% e 12% para os homens das F2 e F3, respectivamente. Esse padrão de comportamento linguístico também é encontrado por Kemp (1979 *apud* PAIVA, 2003) que, ao reanalisar diversos processos de variação no Francês de Montreal, mostra que homens e mulheres mais jovens tendem a apresentar uma maior semelhança de comportamento linguístico, ao passo que homens e mulheres mais velhos tendem a apresentar diferenças mais notáveis.

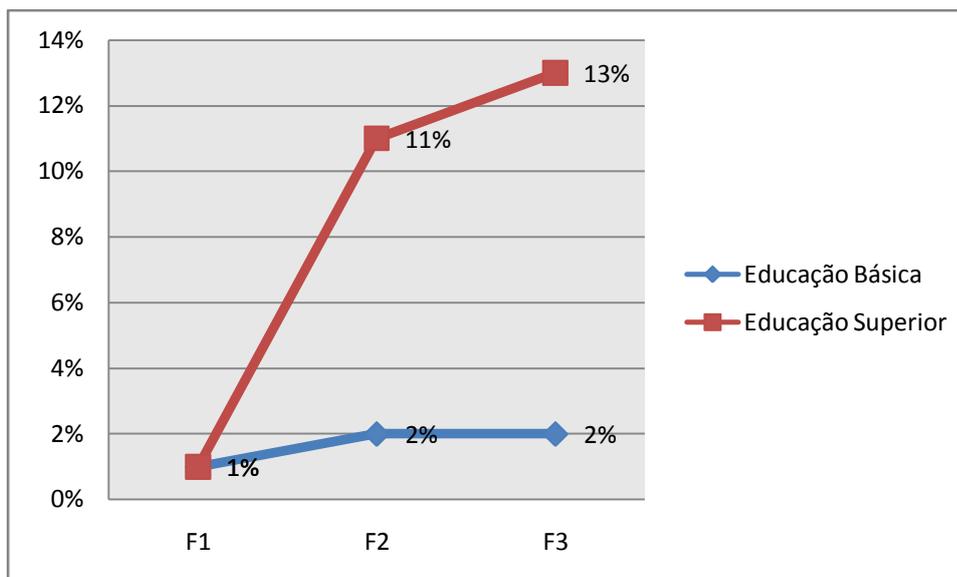
Ainda com o intuito de verificar a atuação da variável faixa etária nas realizações dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na fala alagoana, cruzamos as variáveis faixa etária e escolaridade e constatamos que são os falantes das F2 e F3 mais escolarizados (E3), que mais aplicam a variante conservadora *haver existencial* – 11% e 13%, respectivamente, conforme gráfico 21.

Gráfico 21 - Realizações de *ter* e *haver* nas variáveis faixa etária e escolaridade

Esses resultados também mostram que os falantes da F1 dos três níveis de escolarização usam categoricamente *ter existencial*, apresentando uma semelhança no comportamento linguístico. Na F2, atingimos um percentual de 11% entre os falantes da E3 e na F3 um percentual de 13% entre os falantes da E3, indicando que a escolarização é determinante na aplicação de *haver*. O que verificamos é que os falantes da F2 mais escolarizados superam os falantes da F3 das E1 e E2 no uso de *haver existencial*.

Outro dado a ser destacado no gráfico 21 é que os falantes da E1 das três faixas etárias usam categoricamente *ter existencial*, mostrando que nesse nível de escolarização ainda não houve a incorporação da variação *ter* e *haver* em construções existenciais, conforme argumentam Avelar (2005) e Vitória (2010). Na E2, por sua vez, atingimos um percentual de 4% entre os falantes da F3 e, na E3, atingimos percentuais de 11% na F2 e 13% na F3, confirmando ser a escolarização um fator de grande importância para recuperação e manutenção de *haver existencial* na fala alagoana.

Ao considerarmos apenas os fatores educação básica e educação superior em interação com a faixa etária, conforme gráfico 22, observamos que os falantes da educação básica não passam de 2% de aplicação de *haver existencial*, apresentando, assim, um uso quase que categórico de *ter existencial*. Já os falantes da educação superior apresentam, na F1, o mesmo comportamento dos falantes da educação básica, indicando que, nessa faixa etária, *haver* não é usado, mas, à medida que aumenta a idade dos falantes da educação superior, o percentual de *haver* tende a aumentar, apresentando percentuais de 11% na F2 e 13% na F3.

Gráfico 22 - Realizações de *haver* nas variáveis faixa etária e escolarização

Esses dados nos levam a constatação de que a escola é um instrumento que municia o falante na habilidade de usar *haver existencial* na fala alagoana e essa variável, associada à variável faixa etária, é relevante na realização dessa variante. No entanto, também fica claro que, mesmo habilitado a usá-la, o falante a emprega de forma parcimoniosa, utilizando com muito mais frequência o verbo *ter* em construções existenciais.

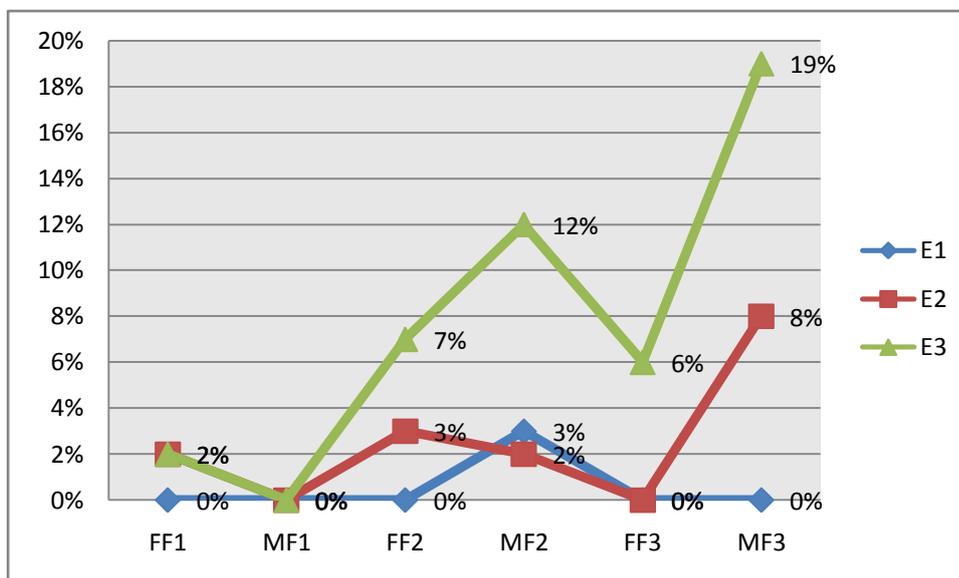
Por fim, cruzamos as três variáveis sociais analisadas acima – sexo, faixa etária e escolaridade e confirmamos os dados anteriores, conforme gráfico 23.<sup>69</sup> *Haver existencial* é mais utilizado entre os falantes do sexo masculino, pois entre os falantes do sexo feminino há apenas percentuais de 7% e 6% de uso entre as informantes mais velhas e mais escolarizadas – FF2 e FF3 da E3, respectivamente, o que indica que, na fala alagoana, os homens estão utilizando com mais frequência a variante conservadora *haver existencial*. Essa constatação corrobora as afirmações de Labov (1996) que atestam ser as mulheres as que lideram as mudanças na direção de uma forma linguística não estigmatizada socialmente.

Esses resultados também apontam que são os falantes mais escolarizados – E3 que mais utilizam a variante conservadora *haver existencial*, atingindo um percentual de 19% entre os falantes do sexo masculino da F3 (MF3), mostrando ser a escolaridade um fator importante na seleção dessas variantes na comunidade de fala alagoana, corroborando, dessa forma, a afirmação de que quanto mais escolarizado, maior a realização de *haver existencial*.

<sup>69</sup> Os códigos apresentados nas partes inferiores dos gráficos 23 e 24 significam que a primeira letra designa o sexo dos falantes e a segunda letra acompanhada de um número indicam a faixa etária. Assim, uma representação do tipo FF1 nos diz que se trata de informantes do sexo feminino, pertencentes à faixa etária 1.

Entre os falantes da E1, há uma realização categórica de *ter existencial*, exceto entre os falantes do sexo masculino da F2 (MF2), que atingem um percentual de 3% de uso de *haver*. Entre os falantes da E2, temos um percentual de 8% entre os falantes masculinos da F3 (MF3), enquanto que os outros falantes atingem apenas 3% de uso desse verbo. A diferença mais notável no uso de *haver* está, de fato, entre os falantes mais escolarizados das F2 e F3, pois, na F1, há um uso quase que categórico de *ter existencial*. Esses resultados confirmam nossas hipóteses para as variáveis sociais de que são os falantes do sexo masculino mais escolarizados e mais velhos que mais favorecem a aplicação da variante *haver existencial*.

Gráfico 23 - Percentuais de *haver* nas variáveis sexo, faixa etária e escolaridade

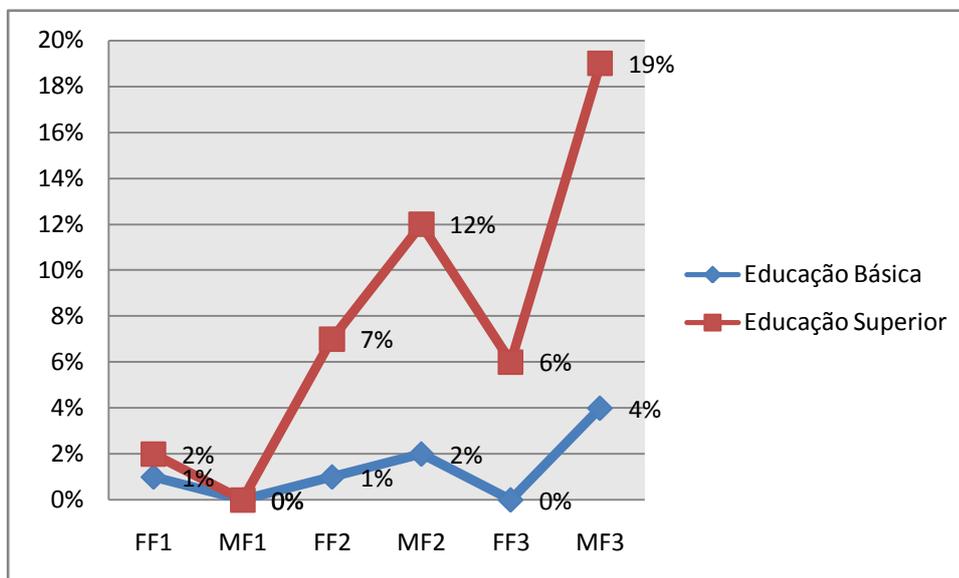


Esses dados são também confirmados ao considerarmos apenas as escolaridades educação básica e educação superior na interação com os fatores sexo e a faixa etária, conforme gráfico 24. De acordo com os resultados obtidos, percebemos que, na educação básica, *haver existencial* atinge um percentual de apenas 4% entre os falantes masculinos e mais velhos (MF3), mostrando que, nesse nível de escolarização, há, de fato, um uso categórico da variante inovadora *ter existencial* em quase todos os fatores sociais analisados.

Para os falantes mais escolarizados, ou seja, da educação superior, temos percentuais maiores de aplicação de *haver*, confirmando ser este fator bastante relevante na aplicação da variante conservadora na fala alagoana, principalmente entre os falantes do sexo masculino que atingem percentuais de 12% e 19% contra apenas 7% e 6% dos percentuais maiores de *haver existencial* para os falantes do sexo feminino. Também constatamos que os falantes da F1 (FF1 e MF1) dos dois níveis de escolarização usam quase que categoricamente a variante

inovadora *ter existencial*, o que confirma a hipótese de que aqui já houve, de fato, a incorporação da mudança linguística.

Gráfico 24 - Percentuais de *haver* nas variáveis sexo, faixa etária e escolaridade



Embora *ter existencial* seja usado quase que categoricamente na comunidade de fala alagoana – 95% *versus* 5% de uso de *haver existencial* e sendo sua utilização não marcada socialmente, os dados mostram que ainda é a variante *haver existencial* que goza de maior prestígio social, tendo em vista não só que seu uso é mais frequente entre os falantes que se caracterizam mais pelo conservadorismo linguístico e social, como também que é a forma verbal que tende a ser mais utilizada com o aumento do nível de escolarização dos falantes na língua escrita, mostrando, assim, a consciência dos falantes alagoanos na distinção entre maior formalidade da língua escrita em oposição à menor formalidade da língua falada.

#### 4.3.4. Natureza do argumento interno

A natureza do argumento interno foi a última variável independente selecionada pelo VARBRUL como influente na variação em estudo. Para a análise dos dados, trabalhamos com os fatores argumento interno concreto e argumento interno abstrato e partimos do pressuposto de que este fator é mais favorável ao uso de *haver* do que aquele, como (159) e (160).

(159) por trás desse empreendimento *há* um interesse de capitá verbas federais (L58L7280)

(160) ali *há* cultura sendo valorizada levada adiante (L70L8855)

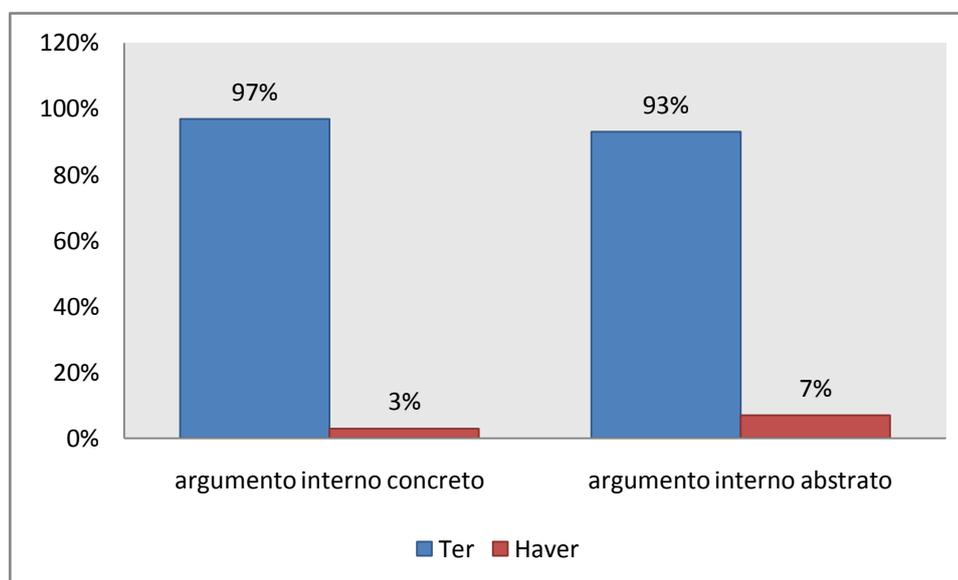
Desse modo, obtivemos os seguintes resultados para esta variável:

Tabela 14 - Realizações de *ter* e *haver* na variável natureza do argumento interno

Natureza do argumento interno	Ter existencial Aplic. / Total / Perc.	Haver existencial Aplic. / Total / Perc.
argumento interno concreto	363 / 373 / 97%	10 / 373 / 3%
argumento interno abstrato	372 / 399 / 93%	27 / 399 / 7%

Os resultados numéricos desta variável, cujo total, com 772 estruturas existenciais, estão distribuídos em 373 ocorrências para o fator argumento interno concreto e 399 ocorrências para o fator argumento interno abstrato. De acordo com esses dados, verificamos que os percentuais de *ter* são de 97% para o fator argumento interno concreto e 93% para o fator argumento interno abstrato. Já os percentuais de *haver* são de 3% para o fator argumento interno concreto e 7% para o argumento interno abstrato, conforme ilustramos no gráfico 25.

Gráfico 25 - Percentuais de *ter* e *haver* na variável natureza do argumento interno



Embora esses valores apontem que tanto no fator argumento interno concreto quanto no argumento interno abstrato os percentuais de *ter existencial* sejam amplamente maiores, verificamos que o verbo *haver existencial* apresenta um percentual de aplicação maior quando o argumento interno da construção existencial é do tipo abstrato, como (161) e (162),

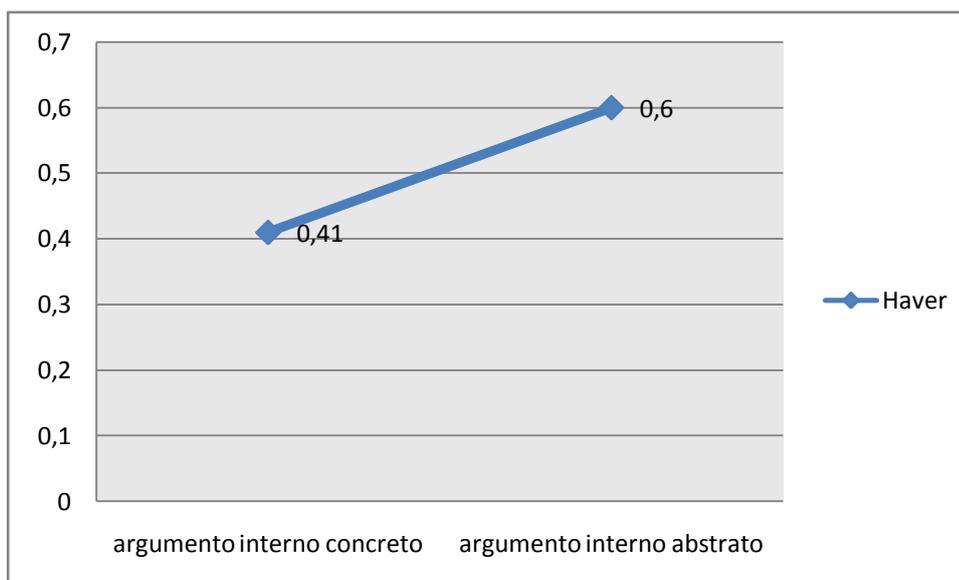
confirmando, assim, a nossa hipótese básica para esta variável de que argumento interno abstrato é mais favorável à aplicação de *haver*.

(161) não *há* a necessidade de está em determinado lugá (L31L4223)

(162) não *havia* necessidade de tirá de removê elas dali intendeu? (L47L6081)

Analisando especificamente a aplicação de *haver*, conforme gráfico 26, obtivemos um peso relativo de (0,41) para o fator argumento interno concreto e (0,60) para o fator argumento interno abstrato, indicando, claramente, que o verbo *haver* é mais aplicado quando o argumento interno das construções existenciais apresenta o traço [+ abstrato]. Esses índices apontam que um argumento interno abstrato favorece a aplicação de *haver existencial* na fala alagoana, enquanto que um argumento interno concreto desfavorece tal aplicação.

Gráfico 26 - Aplicação de *haver* na variável natureza do argumento interno



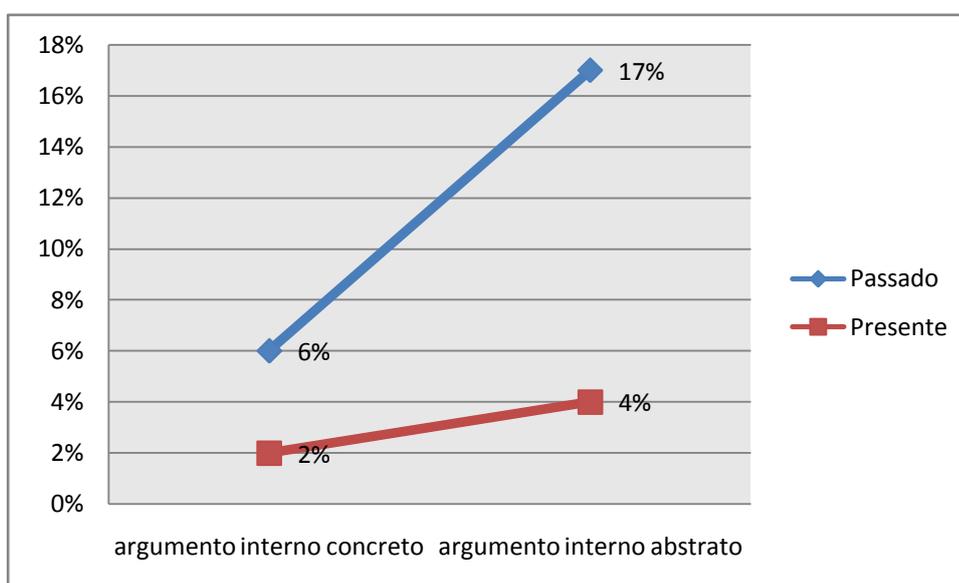
Esses resultados vão na mesma direção dos dados de Dutra (2000) e Vitória (2008; 2011a), que mostram que argumentos internos com traço [+ abstrato] são mais favoráveis à aplicação de *haver*, caracterizando-se como um fator de grande relevância para a manutenção dessa variante no sistema linguístico, enquanto que argumentos internos com traço [+ concreto] são bem mais favoráveis ao uso da variante inovadora *ter*, como (163) e (164).

(163) *tem* três homens debaixo de uma árvore (L6L810)

(164) *tem* algumas turmas que são mais interessadas né? (L26L3498)

O cruzamento das variáveis linguísticas estatisticamente significativas neste estudo, ou seja, tempo verbal e natureza do argumento interno mostra, claramente, conforme gráfico 27, a influência que os fatores tempo passado e argumento interno abstrato exercem na escolha da forma verbal *haver existencial* na comunidade em estudo, pois essa variante apresenta um percentual maior de aplicação – 17% em construções existenciais formadas com um verbo no tempo passado e quando o seu argumento interno é do tipo abstrato, como (165) e (166), corroborando, dessa forma, os dados anteriormente descritos.

Gráfico 27 - Percentuais de *haver* nas variáveis tempo verbal e natureza do argumento interno



(165) – não *havia* nenhuma necessidade agora no momento (L47L6083)

(166) eu acho que não *houve* tanta melhora não (L68L8352)

Dessa forma, observamos que apesar do alto percentual da variante inovadora *ter existencial* na fala alagoana, mostrando que, na comunidade em estudo, há um processo de mudança em progresso na direção de *ter existencial*, verificamos que há fatores que ainda favorecem o uso da variante conservadora *haver existencial*, a saber, falantes mais escolarizados, mais velhos e do sexo masculino, argumentos internos do tipo abstrato, verbos no tempo passado e a modalidade escrita de uso da língua, corroborando assim os estudos sociolinguísticos (CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2000; CALLOU; LOPES, 2003; DUARTE, 2003; AVELAR, 2005, 2006; VITÓRIO, 2010, 2011a,b) que mostram que, no português brasileiro, há uma acentuada preferência pelo uso do verbo *ter* em construções existenciais, embora ainda haja contextos que favoreçam o uso de *haver existencial*.

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, analisamos as realizações dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na fala alagoana, com os objetivos de descrever como essa variação ocorre e de verificar se tal variação reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso. Ao partirmos do pressuposto de que a variação *ter/haver existenciais* na comunidade em estudo ocorre em função de condicionamentos linguísticos e sociais, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), que trata da variação e da mudança linguística e contempla os usos variáveis da linguagem em seu contexto social.

Tendo em vista que as construções existenciais, nos dialetos do português brasileiro, são, em sua grande maioria, formadas com o verbo *ter* e que a substituição de *haver* por *ter* não é aleatória, mas motivada por restrições linguísticas e sociais (CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2000; SILVA, 2001; DUARTE, 2003, MARTINS; CALLOU, 2003; VITÓRIO, 2006, 2008, 2011a,b), realizamos uma análise quantitativa com o intuito de responder as seguintes questões: há variação *ter/haver existenciais* na fala alagoana? Supondo que haja variação, com que frequência esses verbos ocorrem? Considerando a existência de variação, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso dessas formas verbais? Supondo a existência de variação *ter/haver existenciais*, tal variação reflete um processo de variação estável ou de mudança em curso?

Como respostas provisórias às questões formuladas, hipotetizamos não só que, na fala alagoana, há variação *ter/haver existenciais*, com a variante inovadora *ter existencial* ocorrendo em maior escala, principalmente entre os falantes mais jovens, configurando-se, assim, numa mudança em curso na direção de *ter existencial*, como também que tal variação é condicionada por fatores linguísticos e sociais, a saber, animacidade do argumento interno, natureza do argumento interno, tempo verbal, sexo, faixa etária e escolaridade, sendo a variante conservadora *haver existencial* mais frequente nos seguintes contextos: argumento interno inanimado, argumento interno abstrato, tempo passado, sexo masculino, F3 (mais de 44 anos) e E3 (Ensino Superior).

Para confirmar ou refutar as hipóteses levantadas, procuramos constatar a variação *ter/haver existenciais* na fala alagoana, verificar a variante mais frequente – *ter existencial* ou *haver existencial*, analisar se os grupos de fatores animacidade do argumento interno, natureza do argumento interno, tempo verbal, sexo, faixa etária e escolaridade condicionam a

variação em estudo, verificar se os contextos acima citados favorecem a realização de *haver existencial*, estabelecer as relações hierárquicas das variáveis estatisticamente não significativas e das variáveis estatisticamente significativas na variação em estudo e verificar se tal variação, na fala alagoana, se encontra em um processo de variação estável ou de mudança em progresso.

Para atingir os objetivos propostos, coletamos uma amostra sincrônica de língua falada de 72 informantes alagoanos, estratificados de acordo com as variáveis independentes sexo, faixa etária e escolaridade. Em seguida, procedemos às transcrições dos dados e fizemos a análise e a codificação de todas as construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver* presentes no *corpus*. Ao todo, obtivemos 772 construções existenciais, que foram estatisticamente tratadas pelo programa computacional VARBRUL.

A partir da análise estatística dos dados, constatamos que, na fala alagoana, há variação *ter/haver existenciais*, com a variante inovadora *ter existencial* sendo usada em maior escala – 95% *versus* 5% de *haver*. Esses resultados confirmam não só as hipóteses levantadas, como também corroboram os resultados dos estudos sociolinguísticos sobre as realizações dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais em alguns dialetos do português do Brasil, que apontam o privilégio das construções formadas com *ter existencial*.

Ainda com base nos resultados obtidos, verificamos que as realizações de *ter* e *haver* em construções existenciais na comunidade estudada não ocorre aleatoriamente, mas são condicionadas por restrições linguísticas e sociais, a saber, escolaridade, tempo verbal, faixa etária e natureza do argumento interno, por ordem de relevância estatística. Já os grupos de fatores animacidade do argumento interno e sexo, de acordo com as rodadas realizadas no VARBRUL, foram considerados estatisticamente não significativos na variação em estudo.

A variável animacidade do argumento interno, embora considerada um grupo de fatores de grande relevância para estudo sobre variação linguística (MOLLICA; BRAGA, 2003), principalmente em estudos sobre a alternância *ter* e *haver* em construções existenciais (DUTRA, 2000; SILVA, 2001), foi a primeira variável descartada pelo programa como não influente na variação em estudo, uma vez que os resultados apontaram que *ter existencial* apresenta um percentual de 96% quando o argumento interno é animado e 95% quando o argumento interno é inanimado, mostrando, assim, que ambos os fatores se mostram dentro da escala de neutralidade, não sendo condicionado pelo traço [ $\pm$  animado] do argumento interno.

Apesar de estudos sociolinguísticos (LABOV, 1981; WODAK; BENKE, 1997; CHESHIRE, 2002) considerarem a variável sexo como um dos fatores que condicionam a heterogeneidade e a variabilidade da língua, em nosso estudo, essa variável, analisada

isoladamente, apresentou um índice insignificante nas realizações de *ter* e *haver*. Os homens apresentaram um percentual de 94% de uso de *ter* e as mulheres apresentaram um percentual de 97%. Embora estatisticamente não significativos, esses percentuais indicam que as mulheres não só tendem a assumir a liderança da mudança de formas linguísticas socialmente prestigiadas, como também lideram a mudança de formas linguísticas que não carregam estigma social, como é o caso da variante *ter existencial*, como argumenta a teoria laboviana.

A escolaridade dos usuários da língua foi a primeira variável selecionada pelo VARBRUL como estatisticamente significativa na variação em estudo. Pesquisas linguísticas (MAGALHÃES, 2000; PAGOTTO, 2004; VITÓRIO, 2008; SANTOS, 2010; OLIVEIRA, 2010; SANTOS, 2011) apontam que o nível de escolarização dos falantes constitui um fator social significativo na manutenção e exclusão das formas gramaticais, mostrando, assim, que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais a forma considerada padrão. Foi o que constatamos ao estratificarmos nossa variável em três níveis de escolarização, a saber, E1 (Ensino Fundamental), E2 (Ensino Médio) e E3 (Ensino Superior).

De acordo com os dados analisados, verificamos que *haver existencial* é mais frequente entre os falantes mais escolarizados (E3), com um percentual de 9% *versus* 1% para a E1 e 2% para a E2. Logo, o acesso às regras gramaticais é determinante para o ainda pouco uso de *haver existencial* na fala alagoana, uma vez que obtivemos pesos relativos de (0,12) para a E1, (0,46) para a E2 e (0,77) para a E3, confirmando a nossa hipótese de que quanto maior a escolaridade dos falantes, maior é o uso da variante conservadora. Esses resultados também são confirmados pela amalgamação dos fatores E1 e E2, representando agora a educação básica, que mostrou um percentual de apenas 2% de aplicação de *haver* contra 9% para a educação superior, gerando, dessa forma, pesos relativos de aplicação dessa variante de (0,32) para a educação básica e (0,73) para a educação superior.

Ainda testando a atuação da variável escolaridade nas realizações dessas variantes linguísticas na comunidade em estudo, realizamos uma análise comparativa das ocorrências de *ter* e *haver* em construções existenciais em dados de língua falada e de língua escrita e constatamos que, tanto na fala quanto na escrita, o uso da variante *ter existencial* é o preferido. No entanto, na língua escrita, há uma diminuição no percentual da variante inovadora, que apresenta percentagens de 98% na língua falada *versus* 64% na língua escrita.

Outro dado verificado na análise dos dados é que, na língua escrita, o uso de *ter existencial* tende a diminuir com o aumento do nível de escolarização dos falantes, passando de 79% para os alunos do EF para 45% para os alunos do EM, caso que não ocorre na língua

falada, pois o percentual de *ter existencial* é quase categórico para os dois níveis de escolarização – 99% para o EF e 98% para o EM.

Ainda com o intuito de verificarmos a atuação da variável escolaridade, fizemos o cruzamento dessa variável com a variável sexo e observamos que a variante conservadora *haver* é mais utilizada entre os falantes do sexo masculino dos três níveis de escolarização, atingindo um percentual maior de realização entre os homens mais escolarizados – 11%, confirmando, dessa forma, que, com o aumento do nível de escolarização dos falantes alagoanos, há uma redução na frequência de *ter existencial*.

A segunda variável estatisticamente significativa na variação em estudo foi o tempo verbal. Para a análise dos dados, trabalhamos com os fatores passado e presente e constatamos que, apesar do uso de *ter existencial* ser mais frequente nos dois fatores – 88% para o passado e 97% para o presente, o verbo *haver existencial* apresenta um percentual maior de realização quando a construção existencial é formada com o verbo no tempo passado – 12% *versus* 3% para o tempo presente, apresentando pesos relativos de (0,77) para o passado e (0,43) para o presente, confirmando, assim, a nossa hipótese de que o passado favorece mais tal aplicação.

Outro fato verificado na análise dessa variável é que, ao cruzarmos a variável tempo verbal e escolaridade, constatamos que os falantes da E1 só realizam *haver existencial* uma única vez e essa realização denota *ocorrer/acontecer*, levando-nos a argumentar que, nesse nível de escolarização, ainda não houve a incorporação de *haver existencial* com o sentido de *existir*, mas com o sentido de *ocorre/acontecer*, sendo essa incorporação adquirida durante o processo de aprendizagem da língua escrita, como pontuam Avelar (2005) e Vítório (2010).

A faixa etária, caracterizada como um grupo de fatores de grande relevância para o estudo sociolinguístico, por permitir o esboço do estágio que uma regra variável desempenha, em tempo aparente, dentro do sistema linguístico, foi a terceira variável selecionada como influente na variação em estudo. Para a análise dos dados, trabalhamos com os fatores F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos), e constatamos que a frequência de *ter existencial* é maior entre os falantes mais jovens, decrescendo o seu percentual de uso à medida que aumenta a faixa etária dos falantes, o que nos leva a argumentar que a variação *ter/haver existenciais* na fala alagoana se encontra em processo de mudança em progresso.

Ainda com o intuito de verificarmos a atuação da variável faixa etária na variação em estudo, fizemos a interação das variáveis faixa etária e sexo, faixa etária e escolaridade, e faixa etária, sexo e escolaridade, e chegamos as seguintes constatações: os homens mais velhos são os que mais utilizam a variante conservadora *haver existencial*; homens e mulheres mais jovens apresentam uma semelhança no comportamento linguístico desses verbos, ao

passo que homens e mulheres mais velhos apresentam diferenças mais notáveis; falantes mais velhos (F3) e mais escolarizados (E3) aplicam mais a variante *haver existencial*; e falantes do sexo masculino, mais velhos e mais escolarizados aplicam mais a variante *haver existencial*.

A última variável selecionada como estatisticamente significativa foi a variável natureza do argumento interno. Para a análise dos dados, trabalhamos com os fatores argumento interno concreto e argumento interno abstrato e constatamos que, apesar de *ter existencial* ser mais frequente nos dois fatores – 97% e 93%, respectivamente, o verbo *haver existencial* apresenta um percentual maior de realização quando o argumento interno da construção é do tipo abstrato, com um percentual de 7%. Esses dados são confirmados pelos pesos relativos obtidos para a aplicação desse verbo – (0,41) para argumento interno concreto e (0,60) para argumento interno abstrato.

Ainda testando a atuação das variáveis linguísticas estatisticamente significativas nesta pesquisa – tempo verbal e natureza do argumento interno, verificamos que, na fala alagoana, *haver* é mais utilizado quando o verbo da construção existencial está no tempo passado e o seu argumento interno é do tipo abstrato, com um percentual de uso de 17%.

Embora as variáveis animacidade do argumento interno e sexo tenham sido apontadas pelo VARBRUL como não influentes na variação em estudo, acreditamos na importância de seus resultados, pois juntamente com a descrição das variáveis estatisticamente significativas – escolaridade, tempo verbal, faixa etária e natureza do argumento interno, conseguimos descrever a maneira como essas formas verbais estão encaixadas no sistema linguístico da comunidade de fala alagoana, delimitando, dessa forma, o perfil sociolinguístico da comunidade estudada em relação ao uso variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais.

Foi essa delimitação que objetivamos atingir no decorrer desta pesquisa ao buscarmos respostas para as questões inicialmente propostas. Respostas essas que não só nos levaram a atingir os objetivos arrolados para este estudo, mas que também nos conduzem a alguns possíveis desdobramentos para pesquisas futuras, tais como:

a) analisar as realizações de *ter* e *haver existenciais* na fala alagoana em tempo real, uma vez que Labov (2006) argumenta que a análise da mudança linguística em tempo aparente é apenas uma hipótese que o pesquisador se arrisca a fazer, devendo, portanto, analisar os dados também em tempo real;<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> Para o desenvolvimento deste estudo, teremos que retornar à comunidade de fala alagoana e realizarmos um estudo do tipo tendência e/ou painel num intervalo de tempo mínimo de meia geração (12 anos) ou máximo de duas gerações (cerca de 50 anos), conforme Labov (1981).

b) analisar as realizações de *ter* e *haver existenciais* na gramática da criança e na gramática do adulto, tendo em vista que estudos sociolinguísticos (LABOV, 1989; ROBERTS, 1994, 2002; ALENCAR, 2006) têm procurado explicar o processo de aquisição de regras variáveis argumentando que a variabilidade observada na fala da criança reflete a variabilidade na fala do adulto;

c) analisar as realizações de *ter* e *haver existenciais* na língua escrita ampliando, dessa forma, o *corpus* de Vitorio (2008), com o acréscimo de textos escritos de graduandos e de pós-graduandos para possível comparação dos dados;

d) analisar as realizações de *ter* e *haver existenciais* não só na fala telejornalística, como também na escrita jornalística, uma vez que observações assistemáticas dos dados também têm apontado o uso de *ter existencial* nesses meios de comunicação.

Estudos dessa natureza se justificam porque contribuem para um maior conhecimento do uso variável dessas formas verbais em construções existenciais na comunidade estudada. Mesmo diante desses questionamentos, consideramos bastante valiosa a pesquisa aqui realizada, porque, além de termos nos debruçado sobre a língua falada, analisamos uma parte da gramática do falante tal qual se manifesta no uso real da língua.

Dessa forma, desejamos não só ter contribuído para esclarecer as restrições que se correlacionam ao processo de variação *ter/haver existenciais* na fala alagoana, como também esperamos que os resultados aqui expressos, aliados a outros, possam contribuir para os estudos na área de sociolinguística e auxiliar pesquisas relacionadas ao Português falado, principalmente, ao Português falado no estado de Alagoas.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, P. *Direcionalidade da aquisição do artigo definido frente a N próprio em contexto de input variável*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

ALMEIDA, E. *A formação de perífrases verbais no português: um processo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

ALMEIDA, E.; CALLOU, D. Estruturas com ter e haver em textos jornalísticos: do século XIX ao XX. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5, 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 2003 p. 510-515.

ALMEIDA, N. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

AMARAL, M. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-126.

AVELAR, J. *Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro*. Disponível em: [http://www.geocities.com/gt\\_teor\\_da\\_gramatica/download/anpoll2005-juanito.pdf](http://www.geocities.com/gt_teor_da_gramatica/download/anpoll2005-juanito.pdf). Acesso em: 19 dez. 2005.

AVELAR, J. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-74, 2006.

BAILEY, G. Real and apparent time. In: CHAMBERS, J.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.). *The handbook of language variation and change*. Oxford UK: Blackwell Publishing Ltd, 2002, p. 312-332.

BAILEY, W. et al. The apparent time construct. *Language Variation and Change*, n. 3, p. 241-264, 1991.

BECHARA, E. *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Padrão, 1983.

BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. *Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRESCANCINI, C. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 13-75.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolingüística. In: FONSECA, M.; NEVES, M. (Org.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1974, p. 17-23.

BUENO, F. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 85-100, 2000.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Estruturas com ter e haver em anúncios do século XIX. In: ALKMIM, T. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, v. III, 2002, p. 47-67.

CALLOU, D.; LOPES, C. Contribuições da sociolingüística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança lingüística. *Revista do Gelne*, Ano 5, n. 1 e 2, p. 63-74, 2003.

CALVET, L. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, R. O papel do contexto social na teoria lingüística. *Alfa*, São Paulo, n. 38, p. 19-36, 1994.

CAMPOY, J; ALMEIDA, M. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Granada: Editorial Comares, 2005.

CARVALHO, H. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CARVALHO, O. Variação lingüística e ensino: uma análise dos livros didáticos de português como segunda língua. In: BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 267-289.

CAVALCANTE, A. *O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2001.

CEGALLA, D. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1978.

CHAMBERS, J. *Sociolinguistic theory*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 1995.

CHAMBERS, J. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.). *The handbook of language variation and change*. Oxford UK: Blackwell Publishing Ltd, 2002, p. 349-372.

CHAMBERS, J.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.). *The handbook of language variation and change*. Oxford UK: Blackwell Publishing Ltd, 2002.

CHESHIRE, J. Sex and gender in variationist research. In: CHAMBERS, J.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.). *The handbook of language variation and change*. Oxford UK: Blackwell Publishing Ltd, 2002, p. 423-443.

CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1978[1965].

COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: variáveis extralingüísticas. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, p. 285-297, 2003.

COAN, M. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

COAN, M.; FREITAG, R. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Domínios de linguagem*, v. 4, n. 2, 2º semestre, p. 173-194, 2010.

CORREA, V. *O objeto direto nulo no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

COSTA, L. *Estudo do rotacismo: variação entre as consoantes líquidas*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

COULMAS, F. (Org.). *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 1997.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DE PAULA, A. O trabalho de campo sociolinguístico. In: COSTA, J.; SANTOS, R.; VITÓRIO, E. (Org.). *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2011, p. 29-41.

DUARTE, M. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências – Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas), Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.

DUARTE, M. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. São Paulo: 7 Letras, 2003, p. 123-131.

DUTRA, C. *Ter e haver na norma culta de Salvador*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

ECKERT, P. Age as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, F. (Org.). *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 1997, p. 151-167.

FIGUEROA, E. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon, 1994.

FIORIN, J. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

FISHMAN, J. *The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society*. Rowley, MA: Newbury House Publ., 1972.

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. *Revista D.E.L.T.A.*, vol.14, n. especial, p. 105-131, 1998.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GÖRSKI, C. O lugar do indivíduo na teoria laboviana. *Lingua(gem)*, Macapá, v. 1, n. 2, p. 1-13, jul.-dez./ 2004.

GÖRSKI, E.; COELHO, I. Variação lingüística e ensino de gramática. *Working Papers em Linguística*, v. 10, p. 73-91, 2009.

GRANDGENT, C. *Introducción al latim vulgar*. Madri, 1952.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOLMES, J. *An introduction to sociolinguistics*. London: Logman, 1992.

HYMES, D. The ethnography of speaking. In: GLADWIN, T.; STUTERVANT, W. (Org.). *Anthropology and human behavior*. Washington, 1962.

KATO, M. Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. In: DUARTE, I.; LEIRIA, I. (Org.). *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. V. II, p. 211-237, 1996.

KATO, M. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de uma saber inconsciente para um saber metalingüístico. In: MORAES, J.; GRIMM-CABRAL, L. (Org.). *Investigações à linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Editora Mulher, p. 201-225, 1999.

KATO, M. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 2003.

KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. et al. (Org.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), 2005, p. 131-145.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistics Working Paper*. Texas, n. 44, p. 1-16, 1978.

LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, v. 57, n. 2, p. 267-308, 1981.

LABOV, W. The child as linguistic historian. *Language Variation and Change*, nº 1, p. 85-97, 1989.

LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*, nº 2, p. 205-254, 1990.

LABOV, W. *Principios del cambio lingüístico*. Volumen 1: factores internos. Madri: Editorial Gredos, 1996 [1994].

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C.; TUCKER, G. (Org.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 234-250.

LABOV, W. *Principios del cambio lingüístico*. Volumen 2: factores sociales. Madri: Editorial Gredos, 2006 [1994].

LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAVANDERA, B. Where does the linguistic variable stop? *Language in Society*, n. 7, p. 171-182, 1978.

LOPES, E. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

MAGALHÃES, T. *Aprendendo o sujeito nulo na escola*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

MARTINS, L.; CALLOU, D. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções ter/haver existenciais. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5, 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: 2003, p. 820-825.

MATTOS e SILVA, R. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, p. 59-74, Jan/Jun, 1991.

MATTOS e SILVA, R. Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.*, vol.10, n. especial, p. 247-276, 1994.

MATTOS e SILVA, R. Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 19, p. 253-286, 1997.

MATTOS e SILVA, R. Nos limites finais do período arcaico: a vitória de ter “verbo de posse” e auxiliar de tempo composto e a sua emergência como “verbo existencial”. *Revista do GELNE*, vol.2, n. 1, p. 117-121, 2000.

MEYERHOFF, M. Real time and apparent time. In: MEYERHOFF, M. *Introducing sociolinguistics*. Oxford: Routledge, 2006, p. 127-154.

MOLLICA, M. Relevância das variáveis não lingüísticas. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. (Org). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 27-31.

MOLLICA, M. BRAGA, M. (Org). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOTTA, E. *Escolarização e variação lingüística*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

NASCIMENTO, J. Norma e uso lingüísticos no Português do Brasil. In: BASTOS, N. (Org.). *Língua portuguesa em calidoscópio*. São Paulo: EDUC, 2004, p. 27-37.

NEVES, M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, F. *A alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo na oração principal em contextos hipotéticos na fala de alagoanos*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

OLIVEIRA, S. A variação das formas ter e haver em textos escritos no século XIX. In: IX ENCONTRO DO CELSUL, 2010, Santa Catarina. *Anais...* Santa Catarina: 2010, p. 1-11.

OLIVEIRA e SILVA, G. Coleta de dados. In: MOLLICA, C.; BRAGA, L. (Org.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 117-133.

OMENA, N. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: SILVA, G.; SCHERRE, M. (Org.) *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAGOTTO, E. *Variação e (´) identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAIVA, M. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. (Org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 33-42.

PAIVA, M.; DUARTE, M. (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PEZATTI, E. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, C. (Org.) *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 165-218.

RIBEIRO, I. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 343-386.

ROCHA LIMA, C. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

ROBERTS, J. *Acquisition of variable rules: (-t,d) deletion and (ing) production in preschool children*. Faculties of the University of Pennsylvania, 1994.

ROBERTS, J. Child language variation. In: CHAMBERS, J.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.). *The handbook of language variation and change*. Oxford UK: Blackwell Publishing Ltd, 2002, p. 333-348.

SÁ, E. *Variação do /L/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SACCONI, L. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Saraiva, 2001.

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SALGADO, S. *A concordância entre sujeito e predicativo do sujeito na fala da comunidade quilombola Muquém-AL: estudo sócio-histórico linguístico*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SAMPAIO, M. *Estudo diacrônico dos verbos TER e HAVER, duas formas em concorrência*. São Paulo: Assis, 1978.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, J. *As realizações do /R/ em coda silábica na comunidade de Porto da Rua, Litoral Norte de Alagoas. Análise linguística e sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SANTOS, M. *A variação da concordância verbo/sujeito na fala de alunos da 1ª a 5ª série do 1º grau, na cidade de Maceió*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

SANTOS, R. Um estudo variacionista sobre a concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em instituições filantrópicas de Maceió. In: COSTA, J.; SANTOS, R.; VITÓRIO, E. (Org.). *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2011, p. 93-106.

SANTOS, R.; VITÓRIO, E. Uma rodada no GOLDVARB X. In: COSTA, J.; SANTOS, R.; VITÓRIO, E. (Org.). *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2011, p. 43-62.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

SCHERRE, M. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, G; SCHERRE, M. (Org.). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

SCHERRE, M.; NARO, A. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. (Org). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 147-177.

SCHWINDT, L. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 161-182.

SCHWINDT, L. et al. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5. N. 9, p. 1-12, agosto de 2007.

SILVA, R. *Variação ter/haver na fala pessoense*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística y pragmática del español*. Washington: Georgetown University Press, 2001.

SÓSTENES, G. *Análise das variantes segmentais na fala de telejornalistas de quatro capitais brasileiras*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, 2008.

SOUZA, A. *Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracajú-Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, 2008.

TAGLIAMONTE, S. *Analysing sociolinguistic variation: key topics in sociolinguistic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

TRAVAGLIA, L. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2003.

TRUGDILL, P. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

VAN DE VELDE, H.; VAN HOUT, R.; GERRITSEN, M. Watching Dutch change: a real time study of variation and change in standard Dutch pronunciation. *Journal of Sociolinguistics*, 1/3, p. 361-391, 1997.

VITÓRIO, E. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do ensino fundamental da cidade de Maracanaú/CE*. Monografia (Especialização em Linguística e Ensino do Português) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

VITÓRIO, E. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL*. Dissertação (Mestrado Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, 2008.

VITÓRIO, E. Aquisição e variação dos verbos ter e haver existenciais no PB. *Veredas online*, Juiz de Fora, Atemática – 1/2010, p. 53-63, 2010.

VITÓRIO, E. Sobre ter e haver existenciais na norma culta alagoana. In: COSTA, J.; SANTOS, R.; VITÓRIO, E. (Org.). *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2011a, p. 121-143.

VITÓRIO, E. A alternância de ter/haver existenciais na fala maceioense. *Interdisciplinar – Revista de Estudos de Língua e Literatura*. Ano VI, V. 14, jul-dez, p. 77-85, 2011b.

VITÓRIO, E. *Realizações do sujeito expletivo em construções com o verbo ter existencial na fala alagoana*. In: III SEMANA DE LETRAS, 2011, Serra Talhada. *Anais...* Serra Talhada: UFRPE, 2011c, p. 1-5.

VOTRE, S. *Orientações para uso do pacote VARBRUL*. Cadernos de Pesquisa – Projeto VARSUL. Florianópolis, p. 178-201, 1991.

VOTRE, S. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, C.; BRAGA, L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51-57.

WEINER, E.; LABOV, W. Constrains on the agentless passive. *Journal of Linguistic*, n. 19, 1977.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].

WODAK, R.; BENKE, G. Gender as a sociolinguistic variable: new perspectives on variation studies. In: COULMAS, F. (Org.). *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 1997, p. 127-150.

## ANEXOS

### Anexo 1 – Ficha da amostra sociolinguística

#### 1. Dados do informante

Nome: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Faixa etária: ( ) F1 – 15 a 29 anos ( ) F2 – 30 a 44 anos ( ) F3 – mais de 44 anos

Escolaridade: ( ) E1 – Ensino Fundamental ( ) E2 – Ensino Médio ( ) E3 – Ensino Superior

#### 2. Tópicos da conversa

1. Fale-me da sua profissão/curso.
2. Como é o seu dia de trabalho/estudo? O que você faz?
3. Pretende fazer algum outro curso? Qual? Por quê?
4. Fale-me um pouco da sua cidade e da administração do atual prefeito.
5. Fale-me um pouco do nosso estado e da administração do atual governador.
6. Qual a sua opinião sobre essa violência toda que está havendo no nosso estado?
7. O que você faria para amenizá-la?
8. Você (amigo/parente/conhecido) já sofreu algum tipo de violência? O que aconteceu?
9. Fale-me de um passeio/viagem que você fez e achou interessante.
10. Já passou por alguma situação que pôs sua vida em risco? O que aconteceu?

## Anexo 2 – Convenções de transcrição

### A LÍNGUA USADA EM ALAGOAS: UMA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

#### Convenções de Transcrição

As convenções adotadas para as transcrições provêm de uma adaptação para o Português do modelo proposto pela Equipe do GARS (Group Aixois de Recherches en Sociolinguistique), dirigido por Claire BLANCHE-BENVENISTE.

As transcrições não têm pontuação e as letras maiúsculas só são utilizadas para os nomes próprios. Cada página comporta 16 linhas numeradas, com margens de 3,5 cm à esquerda, à direita e em cima, e 5 cm embaixo. Os falantes são mencionados pela inicial L e um número: L1, L2, à margem do texto.<sup>71</sup>

O texto comporta um mínimo de símbolos tipográficos, que correspondem a três rubricas:

#### 1. Convenções gerais para todas as transcrições.

##### 1.1. Notação das pausas e interrupções, por aproximação, sem medida técnica:

+ pausa curta<sup>72</sup>

- - pausa média

- - - pausa longa

///// interrupção bastante longa

##### 1.2. Notação das dificuldades de escrita:

x símbolo para uma sílaba incompreensível

xxx sequência de sílabas incompreensíveis

##### 1.3. Notação de alternâncias auditivas, que fornecem diferentes possibilidades de transcrição:

/bairro, barro/      entre barras oblíquas, separadas por uma vírgula, são notadas as diferentes  
são notadas as diferentes transcrições possíveis, a primeira sendo julgada a  
mais provável.

/bairro, Ø/      com a mesma notação, hesitação entre uma escrita e nada.

##### 1.4. As alternâncias ortográficas:

/mais, mas/      entre barras oblíquas, separadas por vírgulas, as duas ortografias possíveis.

##### 1.5. O cruzamento de vozes:

<sup>71</sup> Em nossas transcrições, mantivemos as margens esquerda e superior de 3 cm e direita e inferior de 2 cm.

<sup>72</sup> Em nossas transcrições, substituímos o símbolo + pelo símbolo – para representar uma pausa curta.

L.1 sim os enunciados pronunciados por dois falantes ao mesmo tempo são

L.2 concordo sublinhados.

## 2. As notas de rodapé

Assinala-se em notas de rodapé os fatos destacados de pronúncia ou de cortes ou alguns acontecimentos da situação que sejam significativos como os gestos, risos, ruídos, etc.

## 3. Convenção particular para as observações fônicas

fé: o alongamento de uma vogal com dois pontos

# UFAL – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROJETO: A LÍNGUA USADA EM ALAGOAS

## PROTOCOLO DE TRANSCRIÇÃO

O Protocolo de Transcrição deve conter todos os critérios adotados para a transcrição de fitas gravadas, destacando-se os **aspectos pertinentes da fala** para as análises a serem realizadas, na perspectiva de deixar o texto legível, segundo a ortografia oficial, mas procurando recuperar, nas transcrições, o máximo de questões características da fala local.

01. As palavras oxítonas terminadas em **AR**, **ER**, **IR** ou **OR**, quando a consoante “**R**” não é pronunciada, essa marca é substituída pelo acento agudo ou o circunflexo.

Ex.: qualqué (qualquer)

jogá (jogar)

fazê (fazer)

saí (sair)

cô (cor)

02. Os ditongos **OU** e **EI**, quando não realizados, foram representados com um acento circunflexo, no primeiro caso, ou com a ausência do “**i**”, no segundo caso.

Ex.: vô (vou)

começô (começou)

brigadero (brigadeiro)

03. Os casos de elevação da vogal foram transcritos com a representação do som utilizado.

Ex.: istudá (estudar)  
 minino (menino)  
 iscola (escola)  
 ispulso (expulso)  
 ingraçado (engraçado)  
 isporte (esporte)

04. As mudanças de letras que caracterizam uma pronúncia “regional” foram mantidas na transcrição.

Ex.: mermo (mesmo)  
 muitcho (muito)

05. O ponto de interrogação foi mantido nas frases interrogativas.

Ex.: ... só é ponto quando é gol – né?

06. As formas variantes do gerúndio foram transcritas, segundo os sons produzidos.

Ex.: andano (andando)  
 brincano (bricando)

07. As reduções de palavras foram transcritas segundo as variantes utilizadas.

Ex.: tava (estava)  
 tá (estar)